



AUXÍLIO BRASIL E BPC

Empréstimo consignado pode ser risco à população mais vulnerável

Juros elevados e alto comprometimento da renda são uma “armadilha” perigosa para as famílias. **Página 17**

Foto: Acervo pessoal/ Roberto Flávio



Transplantados: vencendo a corrida pela vida

Pacientes e familiares relatam histórias de dores, esperança e superação na trajetória entre o diagnóstico e a recuperação. **Páginas 5 e 6**



Economia criativa: “Reinventar-se é sobrevivência”

Gestora do Sebrae-PB, Regina Amorim afirma que a economia criativa é “o presente e o futuro” e tende a ser a forma dominante de negócios no século 21.

Página 4

Pesquisas levam partidos a redirecionarem estratégias

Com os candidatos nas ruas em busca de votos, institutos de pesquisa ampliam esforços para medir a temperatura política da campanha 2022.

Página 3

Primeira-dama do teatro da PB, Zezita Matos faz 80 anos hoje

Atriz de teatro, cinema e televisão fala sobre carreira, política e revela sua relação com a educação e a resistência à ditadura militar.

Página 9

■ A miopia da mediocridade perante o talento puro dos artistas é uma coisa intensa e chega junto com o bando dos idiotas. Nessa pré-eleição, ouvi de várias pessoas que odeiam os artistas que estão com o candidato A ou B”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ “O número de investidores no Tesouro Direto explodiu nos últimos anos. Em junho, o total de pessoas que realizaram aplicações ultrapassou os dois milhões. (...) Estamos no ápice da renda fixa este ano”.

Amadeu Fonseca

Página 17

Foto: Divulgação/Fapesq-PB



Cachaça da PB ganha vitrine em feira nacional

Brasil Cachaça foi confirmada para o período de 20 a 22 de outubro no Espaço Cultural, em João Pessoa.

Página 19

Espanha e Brasil se encontram em Baía da Traição

Radicado na terra dos potiguaras, médico europeu revela diferenças culturais entre as duas nações.

Página 25

Ex-presidente do Campinense fala sobre Operação Cartola

Foto: João da Paz/Divulgação



Em entrevista exclusiva, William Simões conta detalhes do longo processo deflagrado em 2018, do qual foi absolvido, tanto na Justiça comum, quanto na desportiva.

Página 21

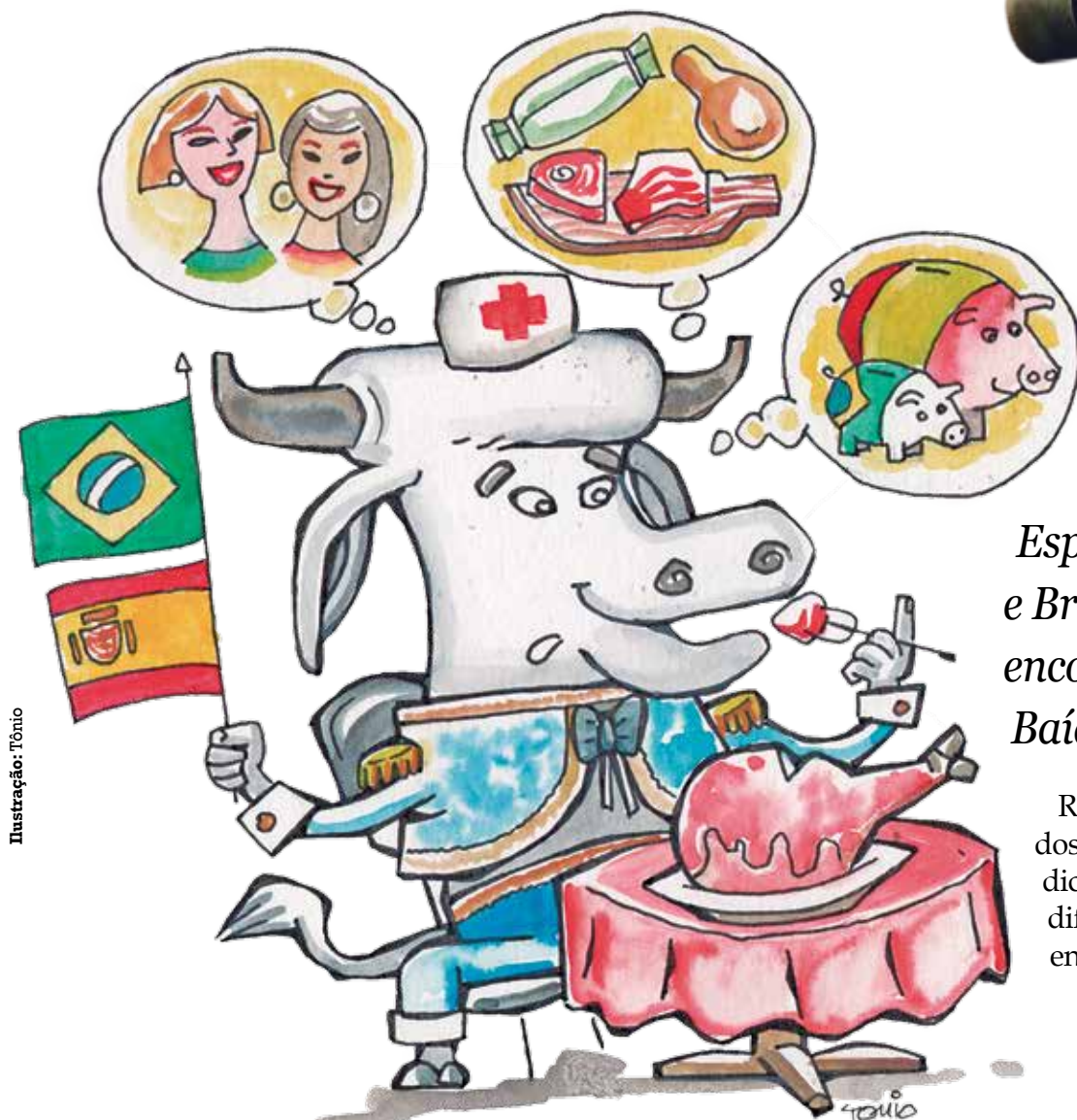


Ilustração: Tônio

Editorial

De mãos dadas

Apesar dos esforços despendidos pelo poder público e a sociedade civil organizada, impressiona o número dos variados tipos de violência praticados, no Brasil, contra as mulheres. Destaca-se, entre eles, sem que isso implique em atenuante para os demais, o feminicídio, ou seja, o homicídio praticado contra a mulher pelo fato dela ser mulher. Uma condenável repulsa pela condição feminina; uma inaceitável discriminação de gênero.

Não há um dia sequer, no anuário social brasileiro, isento de notícias sobre algum tipo de violência sofrido por mulheres em todos os estados brasileiros, sem exceção. Dos crimes mais hediondos, como estupros e assassinatos, aos delitos apenas na superfície banais, como passar a mão no corpo de mulheres que caminham sozinhas pelas ruas. A violência doméstica ou familiar persiste como um dos absurdos da realidade nacional.

As redes sociais e os meios de comunicação tradicionais denunciam, no mais das vezes, casos notórios; flagrantes. Há, porém, um grande número de agressões que, por variados motivos, incluindo a intimidação das vítimas, não é contabilizado pelos órgãos públicos ou entidades sociais engajados na proteção à mulher. Implica dizer, portanto, que as estatísticas sobre o assunto não revelam a exata dimensão da barbárie.

A criação de leis (como a Maria da Penha) e de delegacias especializadas, além de campanhas sistemáticas nos meios de comunicação, são algumas das medidas importantes, já adotadas com vistas a diminuir os índices de violência contra a mulher. No entanto, a persistência do problema, e talvez até mesmo o agravamento da questão, impõe a necessidade de se adotar novos mecanismos, de maneira a reverter a situação atual.

A propósito de novos reforços, vale lembrar que, no início deste mês, foi lançada a campanha #ParaCadaUma, iniciativa coordenada, no Brasil, pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (Unic Rio). Por meio de diligências como essa, procura-se informar melhor a população acerca das “formas de violência doméstica tipificadas na Lei Maria da Penha: moral, física, sexual, psicológica e patrimonial”.

A violência contra a mulher deve ser assunto em tela em todas as instâncias sociais, particularmente, nos âmbitos familiares e escolares. Importante que se tenha consciência de que ninguém está isento ou não tem nada a ver com isso. Mulheres foram salvas de seus algozes porque vizinhos os denunciaram. Não se pode calar diante da brutalidade, assim como, sozinho, ninguém consegue fazer florescer uma cultura da paz.

Artigo

Princípios sufocados

Ando sem compreender as mudanças que esses tempos estão vivendo, especialmente as que dizem respeito às principais preocupações que devemos ter. São mudanças sensíveis, que colocaram de lado princípios que nortearam avanços, descobertas, invenções, jornadas etc.

Até parece que a História chegou ao fim, como previu o filósofo e economista nipo-estadunidense Francis Fukuyama. História como ciência atenta aos fatos e às narrativas em torno deles na busca da verdade.

Ora, o que realmente importa hoje? A verdade? Qual delas? A religiosa, a científica, a familiar? O que vemos é cada um numa luta desenfreada em busca da verdade mais comum de todas hoje em dia: dinheiro!

É uma corrida sem limites, onde vale tudo, e sem fim, porque nunca termina. Acordamos dentro dela e adormecemos sem tê-la terminado. O sono, quando as angústias permitem, não recupera o esforço e o desgaste causados por essa busca diária.

Sabe o que chama mais a atenção? É que os problemas com os quais a humanidade lida há milhares de anos ainda estão aí à nossa porta clamando por soluções, que governos após governos, no mundo todo, não conseguem solucionar.

A fome é uma vergonha; a carência na assistência médica, outra sem tamanho. A má qualidade da Educação não permite a mobilidade social, ou, quando ocorre, a velocidade é de tartaruga; a falta de moradia digna é outro problema. Bom, como a lista é grande vou ficar nesses.

O Brasil está envelhecendo por causa de um apelo ao planejamento familiar que está limitando o número de filhos por casal, o que praticamente não repõe a população. Há geógrafos que alertam para a perda de uma oportunidade importante para o salto de qualidade que todos sonhamos para o país, porque não temos mais jovens qualificados no número e na época ideais.

Isso tudo vai nos afastando de um desenvolvimento econômico e humano que acabam contagiados com uma descrença generalizada de que o futuro possa vir a ser melhor.

Estamos a poucos passos de uma fusão

Luiz Carlos Sousa
luizcarlosjp@gmail.com | Colaborador

homem e máquina, com o desenvolvimento de pesquisas que possibilitam a descoberta de materiais cada vez mais orgânicos ou absorvíveis, os tratamentos particularizados à individualização, os remédios mais eficazes e a Inteligência Artificial, que fica a cargo de cada um imaginar até onde ela poderá nos levar ou dominar.

Serão problemas novos, do futuro, mas como vamos enfrentá-los se mal conseguimos resolver os que estão ao nosso lado há uma eternidade sem solução? Parece que estamos a um salto no tempo maior do que as próprias pernas: não sabemos como nos livrar de mazelas milenares e nos aproximamos de questões que não temos a menor ideia de como vão se apresentar, algumas já postas e, muito menos, dos problemas que elas vão trazer.

Às vezes, tento refletir sobre essa velocidade toda, os problemas em volta de ontem, de hoje, e de amanhã, e já não tenho tanta certeza de que a frase de Shakespeare, bem ao gosto de José Américo de Almeida, “os dramas humanos se repetem”, ainda está atual.

Mas há algo sobre o qual não resta dúvidas: o capitalismo continua baseado nas mesmas premissas, especialmente na “maximização dos lucros e minimização das despesas”, o que acaba sendo um problema antigo, atual, e, quem sabe, bem futurístico. E isso nos afasta das preocupações que deveriam ser mais importantes e que estão no que há de mais genuíno em nossas essências.

“

A fome é uma vergonha; a carência na assistência médica, outra sem tamanho

Luiz Carlos Sousa

Foto Legenda

Roberto Guedes



Uma sombra protegida

Artigo

Rui Leitão

inrleitao@hotmail.com | Colaborador

Invasão militar na Universidade de Brasília

No final de agosto de 1968, mais precisamente no 29, acontecia a mais violenta ação militar da ditadura naquele ano, quando 30 carros da Polícia Civil, duas companhias da Polícia Militar e agentes do DOPS e SNI invadiram o campus da Universidade de Brasília, a pretexto de realizarem as prisões de universitários que apontavam como “subversivos”, entre eles Honestino Guimarães, principal líder estudantil daquela universidade. O cineasta paraibano Vladimir de Carvalho levou ao cinema cenas do acontecimento na montagem do filme ‘Barra 68’, num documentário que retrata a resistência dos alunos à invasão das tropas militares na UnB.

Vários parlamentares, ao tomarem conhecimento da ocorrência, foram à Universidade prestar solidariedade aos estudantes ou socorrerem parentes. O deputado Santire Sobrinho que fora buscar sua filha universitária foi espancado pela polícia. No mesmo dia, na Câmara Federal, o deputado Wilson Braga, em discurso pronunciado na tribuna, denunciou a violência praticada contra os estudantes, afirmando: “Não só a ARENA, mas a mesa da Câmara deve imediatamente designar comissão especial para se inteirar dos fatos e tomar as providências que o caso requer”. Wilson Braga era deputado filiado à ARENA, partido que dava apoio parlamentar ao governo.

Um documento subscrito por 60 deputados que formavam a base do governo, foi tornado público, tendo entre os signatários os paraibanos Pedro Moreno Gondim e Wilson Braga.

Outro manifesto que ganhou grande repercussão nacional foi divulgado por mães e esposas dos estudantes em Brasília: “As mães e esposas de Brasília sentem chegada a hora de tornar pública sua aflição pelas cenas de selvageria e inominável violência que, mais uma vez, ensanguentaram a Universidade de Brasília. O que nós, mães e esposas, sempre desejamos é somente ver nossos filhos e maridos estudando e trabalhando em paz e em segurança, dentro de um Brasil capaz de atender aos reclamos de uma juven-

“

A estrutura física da universidade foi depredada pelos agentes da repressão, salas de aula foram invadidas por forte aparato policial

Rui Leitão

tude idealista e inteligente’.

A congregação da Faculdade de Filosofia da UFPB, por decisão unânime do seu corpo docente, enviou à Câmara Federal moção de protesto contra a invasão da UnB, bem como ofício ao reitor da Universidade de Brasília hipotecando solidariedade aos universitários da capital.

Na mesma data em que as forças militares invadiam o campus da Universidade de Brasília, os universitários e secundaristas de João Pessoa voltavam às ruas. Dessa vez para exigirem a extinção total das anuidades pelo Conselho Universitário, consequência da política educacional do governo, orientada pelo convênio Mec/Usaid, que pretendia transformar as universidades públicas em fundações privadas. Reivindicavam também a revogação das prisões preventivas decretadas contra o movimento estudantil.

Esse clima de tensão política, com seguidas manifestações da juventude estudantil contra a ditadura e sempre reprimidas com violência pela polícia, concorreu para que, quatro meses depois, fosse editado o Ato Institucional número 5, quando o regime militar instalado em 1964, enfim tirou a máscara e assumiu a sua condição de ditadura.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

ELEIÇÕES 2022

Aberta a temporada de pesquisas eleitorais

Ferramenta é importante para auxiliar o eleitor na decisão do voto

Ana Flávia Nóbrega
 anaflavianobrega@gmail.com

Campanhas eleitorais nas ruas e em cada intervalo da programação em rádios e televisões. Agora sim, a menos de 40 dias do primeiro turno, parece que as eleições e a corrida pelos cargos começaram efetivamente. Com maior inserção no dia a dia dos brasileiros, cada passo dos candidatos pesa na decisão do voto dos eleitores e, para medir e acompanhar essas tendências, as pesquisas de intenção de voto aparecem como uma importante ferramenta à sociedade.

“A pesquisa eleitoral é um método utilizado pelos institutos de pesquisa para sondagem, por amostragem, com o intuito de detectar a predisposição dos eleitores de votar, remetendo a realidade num dado momento do processo eleitoral”, falou Bruno Agra, um dos proprietários do Instituto DataVox.

São as pesquisas que indicam redirecionamentos de estratégias, provocam a movimentação por novos apoios de outros políticos, empresários e incentivadores para uma campanha eleitoral, pautam a agenda dos candidatos e, também, estimulam os eleitores no processo de decisão do voto, principalmente entre os cidadãos que ainda não definiram, já que oferecem a estes um grande número de informações, como explica o cientista político Raphael Jerônimo.

“As pesquisas de cunho eleitoral, são balizadoras do momento no que a percepção da sociedade e de grupos de interesses têm em relação aos nomes que estão postos para a decisão de escolha do eleitor. Existem diversos per-



Foto: Fábio Pozzeborn/Agência Brasil

As pesquisas estimulam os eleitores no processo de decisão do voto, principalmente entre os indecisos

fis de eleitores que podem ser mais ou menos suscetíveis a caminhar de acordo com o que a sondagem eleitoral pode aferir. Pesquisa eleitoral pode sim auxiliar aquela porção do eleitorado que caminha indeciso em cada fase da campanha”, explicou o cientista.

Com essa função de extrema importância assumida pelas amostras político-eleitorais, os institutos de pesquisa têm, cada vez mais, seus serviços procurados e testados a cada amostragem e a cada pleito. Segundo Bruno Agra, o instituto paraibano vem atendendo dentro da normalidade, mas espera um aumento no período próximo ao encerramento das eleições.

Em 2018, 96 pesquisas eleitorais foram registradas no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) nas eleições gerais e outras 12 foram registradas nas suplementares, o segundo turno. Neste ano, o TSE registrou só em agosto um montante de 43 pesquisas. Na Paraíba, até o momento, foram registradas cinco pesquisas. Os institutos trabalham tam-

bém com a realização de pesquisas internas, que auxiliam as estratégias políticas.

“As campanhas eleitorais deixaram de ser intuitivas e se tornaram racionais, deixando de lado palpites gratuitos e fazendo-se do uso das pesquisas para a tomada de decisões. Portanto, a política deixou de lado o amadorismo e passa cada vez mais a ser profissional. As pesquisas eleitorais passaram a ser uma ferramenta indispensável para os candidatos que buscam uma vaga para qualquer cargo, já que os orientam em suas estratégias e tomadas de decisões”, ressaltou Bruno Agra.

As pesquisas eleitorais no Brasil são oriundas de estratégias de mercado, através da criação do precursor Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), em 1942, que saiu da busca pela mediação de audiência para os cenários políticos e preferências de eleitores. Fundamentados em estudos rigorosos de estatística, a primeira pesquisa eleitoral foi registrada já em 1945.

No entanto, foi só a partir da década de 80 que as pesquisas de intenção de voto passaram a fazer parte do cotidiano das campanhas eleitorais, com a superação do período da ditadura militar, restabelecimento da democracia e criação de outros institutos de pesquisa. Ao longo dos anos, a confiabilidade nos dados coletados e apresentados cresceu.

■ **As pesquisas eleitorais no Brasil são oriundas de estratégias de mercado, através da criação do precursor Ibope, em 1942**

TSE regulamenta divulgação com segurança

“Desde 2007, o TSE regulamentou a divulgação de pesquisas eleitorais, dotando de mais segurança em relação aos dados coletados e apresentados para o eleitorado. Os principais institutos de pesquisas, tradicionalmente cravam o resultado depositado nas urnas, sobretudo na sondagem feita no afunilar da campanha eleitoral”, afirmou Raphael Jerônimo.

Não há um modelo estatístico que seja capaz de confirmar o resultado do pleito

com antecedência e, por isso, torna-se comum as comparações entre as amostragens e o resultado consolidado, com a divulgação dos números exatos das eleições, o que os institutos e seus contratantes deixam explícito. Ainda assim, os dados apresentados podem ser difusos e, até, sofrerem com o processo de descredibilização. Ocorrendo, geralmente, quando candidatos, chapas e eleitores discordam dos resultados das amostragens.

Além da crise da pós-verdade e ascensão de notícias falsas, os institutos tendem a não divergir da tendência final, mesmo que se utilizem de procedimentos distintos de acordo com a estatística. Por isso, discrepâncias muito dilatadas tendem a gerar desconfiança.

Na semana passada, o Instituto sigma, sediado em Campina Grande, divergiu da tendência nacional nas pesquisas para a corrida presidencial de 2022. Diferente

das demais pesquisas divulgadas até o momento, o atual presidente Jair Bolsonaro (PL) que tenta a reeleição liderava as intenções de voto na amostragem com 35,7%, enquanto o ex-presidente Lula (PT) aparecia na segunda colocação com 28,2%. A pesquisa ganhou destaque nacional pela divergência. O jornalista Reinaldo Azevedo, comentarista político, ironizou a amostragem. “Vai ver que está todo mundo errado e só a Sigma está certa”.

Manipulação é ato prejudicial para empresa

As demais pesquisas divulgadas até o momento mostram o petista liderando as intenções de voto com uma certa vantagem. Uma discrepância confirmada sobre o mesmo fato e mesmo período de tempo de outras pesquisas, como Datafolha, que mantiveram a tendência observada anteriormente. A avaliação do público e o confronto com os resultados finais tornam qualquer

possível manipulação de informações um ato prejudicial para a própria empresa.

“Em minha opinião, o que o eleitor, que é o principal agente na agenda política deve fazer, é buscar acompanhar as tendências combinadas dentre os principais institutos eleitorais, acompanhando inclusive a sua tradição e histórico de acertos em eleições anteriores. Parece não ser uma atividade

fácil, mas existem diversos veículos na imprensa, que fazem este combinado entre os principais institutos. Uma variação que foge da tendência central, é questionável. Não tem jeito”, declarou o cientista político Raphael Jerônimo.

A crise de confiança em determinados levantamentos também alimentam e movimentam as peças no tabuleiro do jogo político. É a partir disso que candidatos que

não se apresentavam bem nas demais amostragem podem agir para motivar seus eleitores e militância.

É importante ressaltar que as pesquisas são importantes ferramentas para balizar eleitores, candidatos, mas outras variáveis precisam ser observadas. Para os eleitores, a atenção aos projetos políticos de governabilidade de cada candidato, com suas propostas, devem ser levadas em consideração.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

HÁ 100 ANOS, NA ELEIÇÃO DE 1922, O CANDIDATO ARTHUR BERNARDES FOI VÍTIMA DE UMA FAKE NEWS

Espalhar notícia falsa contra adversários em disputas eleitorais não é uma novidade no Brasil. Desde que existe eleição no país, há casos ilustrativos dessa prática nociva à democracia. E à honra dos candidatos. Na série de reportagens ‘Arquivo S’, produzida pelo Senado,

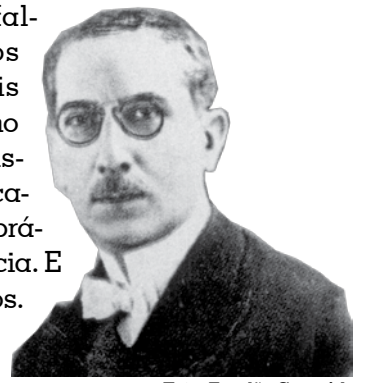


Foto: Estação Conteúdo

é narrado um caso emblemático. Assinada por Ricardo Westin, sob o título ‘Em 1922, eleição presidencial teve fake news e resultado questionado’, a matéria mostra que Arthur Bernardes (foto), que venceu a eleição, foi vítima de uma armação do jornal Correio da Manhã, há 100 anos. “Os ataques começaram cinco meses antes da votação. Em outubro de 1921, o jornal carioca Correio da Manhã, opositor da candidatura de Bernardes, publicou duas cartas bombásticas atribuídas ao presidenciável. Na primeira, o candidato chamou os militares de “essa canalha” e o marechal Hermes da Fonseca, ex-presidente da República, de “sargento sem composição...Na segunda carta, Bernardes se referiu a Nilo [Peçanha, seu opositor] como “moleque capaz de tudo...Arthur Bernardes logo denunciou que as cartas haviam sido escritas por um falsário, o que de fato seria confirmado por exames grafotécnicos”.

“ANOTE AÍ O QUE ESTOU DIZENDO”

Daniella Ribeiro (PSD) expressou convicção sobre a candidatura de Pollyanna Dutra (PSB) para o Senado, em entrevista numa rádio: “Pollyanna vai ser a nossa senadora, anote aí o que estou dizendo, não tenho dúvida disso”. A senadora afirmou que está conversando com a socialista sobre a experiência pela qual passou na eleição de 2018, quando muitos não acreditavam que ela teria êxito.

SE FRAUDAR, SERÁ PRESO

“Se alguém fraudar essa determinação legal, portando eventualmente um 2º celular ou insistindo em ingressar na cabine com o celular, ele estará cometendo um ilícito eleitoral”. Do ministro Lewandowski, vice-presidente do TSE, reforçando que, com a decisão da Corte de proibir que eleitores entrem com celular na cabine de votação, o mesário da seção poderá pedir o uso da força policial.

“A CABINE É INDEVISSÁVEL”

Presidente do TSE, ministro Alexandre de Moraes comentou a decisão da corte de proibir celulares nas cabines de votação. “Houve uma flexibilização do TSE [em 2020], permitindo que se entrasse com o celular, desde que desligado. Constatou-se que isso não era satisfatório, uma vez que o mesário não pode ingressar na cabine de votação, que é indeviável, para verificar se o eleitor ligou ou não o celular”.

“ELE SOFRE DE AMNÉSIA”

Daniella Ribeiro fez críticas ao prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima (PSD), que declarou que senadores paraibanos não haviam feito nenhuma ação pela cidade. “Ele sofre de amnésia ou tem problema com a verdade”, disparou. E lembrou que destinou recursos de emendas para diversas obras na cidade, entre os quais R\$ 11,8 milhões para saúde e pavimentação, e R\$ 15 milhões para o Parque Tecnológico.

SABATINAS NA CÂMARA DE JP

Na próxima terça-feira, às 10h, a Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) inicia as sabatinas com os candidatos ao Governo do Estado, com Veneziano Vital do Rêgo (MDB). Nos dias subsequentes, serão entrevistados Major Fábio (PRTB), Adjany Simplício PSOL, João Azevedo (PSB). Na semana seguinte, nos dias 6 e 8 de setembro, ocorrem as sabatinas de Nilvan Ferreira (PL) e Adriano Trajano (PCO).

DANIELLA ADMITE VOTAR EM LULA: “NOS PRÓXIMOS DIAS, VAMOS NOS POSICIONAR”

Perguntaram a Daniella Ribeiro (PSD) se ela iria declarar voto em Lula para presidente, que é um posicionamento defendido pela coligação da qual o seu partido faz parte na Paraíba. “Tudo pode acontecer”, disse a senadora, ressaltando que “nos próximos dias, vamos nos posicionar sobre esse assunto”. A direção nacional do PSD deu carta branca para que os diretórios estaduais tomassem a decisão no tocante à eleição presidencial.

Regina Amorim

Gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB

“Economia criativa é o presente e futuro dos negócios”



Foto: Roberto Guedes

Modelo de gestão contribui para a inovação, diversificação e competitividade das empresas, aponta Regina

Nalim Tavares
Especial para A União

Dentro do setor econômico, a criatividade é um mercado em expansão. Caracterizada pela capacidade de produzir e inventar novidades, e também pela inovação no modo de agir, a pessoa criativa é extremamente valorizada por qualquer empresa que busca empreender.

Assim, o termo “economia criativa” tem se destacado cada vez mais como parte fundamental do processo de produção e distribuição de bens e serviços. No Brasil, a ideia central do segmento é contribuir para o desenvolvimento econômico e social, a partir da criação de produtos com valor simbólico.

A gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim, conversou sobre o tema com o Jornal A União. “As iniciativas culturais que promovem a inclusão social podem ser potencializadas no país a partir da abordagem da economia criativa, seja no artesanato, na moda e demais segmentos criativos. É possível mudar hábitos e mentalidade para enxergar as oportunidades. É preciso ter uma visão comum de futuro. São os artistas que podem criar o improvável, através da arte e da cultura, agregando valor ao turismo criativo e colaborativo”, comentou a gestora.

A entrevista

■ O que é economia criativa?

A economia criativa é o presente e o futuro dos negócios, pois será fundamental para construir futuros. Na economia criativa, os negócios se desenvolvem utilizando os recursos intangíveis que agregam valor aos produtos e serviços, a saber: criatividade, conhecimento, cultura e tecnologia, gerando resultados econômicos, sociais e ambientais.

■ Como se deu o crescimento do setor?

A economia criativa está crescendo cada vez mais, e tende a ser a forma econômica dominante no século 21. Já nesse início de século, a indústria criativa torna-se a terceira maior economia do mundo, atrás apenas da indústria bélica e petrolífera. É uma das maiores economias da China e a segunda maior economia do Reino Unido.

■ Quem são os profissionais envolvidos na área que movimentam o setor?

A economia criativa compreende profissionais e artistas dos segmentos de artesanato e arte popular, artes plásticas, audiovisual e cinema, teatro, design, música, circo, literatura, games, websites, arquitetura, moda, gastronomia, museus, publicidade, comunicação e turismo criativo.

■ Quais são os principais desafios da economia criativa? Como continuar criando e evoluindo nesse mercado?

O grande desafio é fazer a transição da economia tradicional para a economia criativa. A ambiência é favorável para se investir na economia criativa, em projetos sustentáveis, inovadores e estratégicos no mercado contemporâneo. É preciso reinventar-se, desenvol-

criativos usam a criatividade para gerar a riqueza que se encontra dentro deles. Crispin Raymond e Greg Richards (pesquisadores da área) definem o turismo criativo como uma atividade econômica que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo através da sua participação nas experiências culturais, aprendendo com os saberes e fazeres que caracterizam o destino turístico.

■ E em outros setores do mercado, existe espaço para essa criatividade?

Sim. Os criativos são pessoas empreendedoras que estão abertas ao novo, à liberdade de pensamentos, que não têm medo de mudanças. São movidas por desafios, fazem algo que ninguém nunca fez e buscam a competitividade. A economia criativa pode estar contribuindo para a inovação e a competitividade de qualquer segmento de negócio, porque promove a diversificação econômica e se relaciona com as tecnologias da informação e comunicação.

■ De que forma a cultura criativa pode contribuir com o desenvolvimento econômico do país?

As iniciativas culturais que promovem a inclusão social podem ser potencializadas no país a partir da abordagem da economia criativa, seja no artesanato, na moda e demais segmentos criativos. É possível mudar hábitos e mentalidade para enxergar as oportunidades. É preciso ter uma visão comum de futuro. São os artistas que podem criar o improvável, através da arte e da cultura, agregando valor ao turismo criativo e colaborativo. As empresas do futuro pensam à frente do seu tempo, se antecipam às mudanças, inovam seus processos, assumem os desafios impostos pelas transformações. Não importa se a sua empresa é grande ou pequena, você precisa inovar continuamente. Pensar o desenvolvimento de forma criativa é construir o novo, a partir de uma realidade local, abrindo espaço para os ativos culturais e os talentos criativos, que geram valor agregado, com vivências e experiências, sem perder a originalidade.

■ Existem indicadores que medem o

Foto: Roberto Guedes



Dados da Firjan indicaram aumento do PIB e de empregos. Indicadores estimulam políticas públicas

ver novas ofertas para atender às novas necessidades. É hora de inovação e resiliência nos negócios porque, no cenário atual, a necessidade de reinventar-se passa a ser uma questão de sobrevivência. A economia criativa possibilita aos empreendedores criativos a inspiração necessária e o caminho mais viável para melhorar os negócios e o lugar onde eles vivem.

■ Como a economia criativa se insere no turismo?

Turismo criativo é baseado na criatividade e na cultura dos lugares visitados pelos turistas, e também no empreendedorismo criativo. Os empreendedores

FGV

Cultura e economia criativa geram forte movimentação econômica, com impactos sociais e fiscais positivos, aponta a fundação

impacto econômico dos setores criativos na formação do PIB do Brasil? Existem pesquisadores mapeando esse mercado, até para ajudar os profissionais da área a agir de uma forma mais efetiva?

Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), os setores de cultura e economia criativa geram movimentação econômica significativa no Brasil, com impactos positivos sociais e fiscais, além de serem grandes influenciadores de cultura, equidade social e diversidade. Os programas de fomento, a exemplo da Lei Aldir Blanc e outros, geram impacto econômico total de R\$ 110,8 milhões em tributos gerados pela movimentação econômica do setor cultural e de economia criativa, através dos programas e 9.291 postos de trabalho gerados na economia. Esses dados são todos da Fundação Getúlio Vargas.

■ Qual a importância de um indicador como esse?

Segundo dados da Firjan, em 2017 a economia criativa foi responsável por 2,6% do PIB do Brasil e gerou um total de 837.206 empregos formais, o equivalente a 1,8% de toda a mão de obra nacional. Os indicadores servem para gerar conhecimentos e dar visibilidade aos setores de economia criativa, estimular políticas públicas específicas e orientadas para cada setor, além de ajudar a definir estratégias de negócios para as áreas.

■ Quais os impactos da pandemia no setor da economia criativa?

Em 2020, o setor da economia criativa sofreu com a paralisa-

ção praticamente total de suas atividades, por conta da pandemia da Covid-19. As realizações de espetáculos teatrais, shows, eventos, apresentações culturais, gastronomia...todas foram bem prejudicadas. Outras atividades, contudo, encontraram espaço para expansão, como é o caso do setor de softwares e games. Antes da pandemia, o mercado estava em franco crescimento. Segundo dados do IBGE, em 2018 o setor representava 4% do PIB brasileiro e, em 2019, as projeções para os setores da economia criativa eram de crescimento anual de 4,2%. Com a crise sanitária, os empreendedores criativos tiveram que se reinventar para sobreviver. Espera-se que, a partir de 2022, haja uma recuperação da economia como um todo e, em especial, dos setores criativos.

■ Em relação ao Sebrae, como funciona o curso de economia criativa? E quais cursos o Sebrae oferece ao empreendedor do turismo?

O Sebrae dos estados do Nordeste atua com um projeto estruturante, integrado para os segmentos da economia criativa desde 2018. O projeto para o biênio agosto 2022/agosto 2024 visa potencializar o ecossistema da cadeia de valor da economia criativa na região Nordeste, promovendo um ambiente favorável nos contextos da transformação digital e da sustentabilidade empreendedora dos negócios criativos, através da qualificação em gestão e inovação, com consequente acesso desses empreendimentos a novos mercados. O Sebrae vem contribuindo em uma atuação conjunta para fortalecer a identidade cultural da região Nordeste, posicionando-se como um parceiro estratégico e relevante para os segmentos da economia criativa. Auxilia na produção de dados e estudos setoriais e promove a otimização de recursos econômicos, aumentando a geração de negócios e parcerias e promovendo o desenvolvimento regional.

■ A senhora pode citar exemplos de casos de sucesso de Instâncias de Governança do Turismo no Brasil?

O 1º Encontro das IGR's - Instâncias de Governança do Turismo do Brasil, acontecerá em Bananeiras, no dia 10 de setembro, das 16h às 20h, fazendo parte da programação da 18ª Ruraltur, a melhor Feira de Turismo Rural do Brasil. Para o Encontro, a coordenadora Alessandra Lontra, interlocutora da Regionalização do Turismo na Paraíba, selecionou alguns casos de sucesso de IGR's: IGR Turismo do Brejo Paraibano, IGR Circuito do Ouro (MG), IGR Rota Pantanal e Bonito (MS), Consórcio Público Intermunicipal Geoparque Seridó (RN), e IGR Adetur Litoral (PR).



Foto: Pixabay

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

Um ato de amor por uma nova vida

Pacientes ganham melhora na vivência após transplante e relatam emocionantes histórias de superação

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobrega@gmail.com

Ver os primeiros passos, os tombos, os sorrisos e as risadas, os primeiros rabiscos, as palavras... Uma rotina simples, mas prazerosa para os pais, principalmente aqueles de primeira viagem. A alegria, no entanto, é cercada pelo medo de não poder vivenciar esses momentos quando você é atravessado por algum problema de saúde. Essa é a história do casal Roberto Flávio, de 44 anos, e Shirley Carvalho, de 35.

Aos 29 anos, o professor Roberto Flávio tinha uma rotina sobrecarregada de trabalho e, por conta disso, não conseguia manter um ritmo de vida saudável, principalmente com a má alimentação. A rotina de domingo a domingo, por anos, fez com que o professor tivesse o único rim paralisado. Ainda jovem, o professor precisou mudar a vida na dor. Os intervalos que não eram possíveis entre uma aula e outra se transformaram em longas sessões de hemodiálise que se estenderam por 10 anos.

Roberto viu seus planos, sua vida e a vida de seus familiares mudarem drasticamente. Da autonomia para um estado debilitado, sem muita esperança de sair da condição da máquina. Até que o amor e empenho de Shirley, à época ainda namorada de Rober-

■ Roberto Flávio lembra que o êxito no transplante de rim doado pela esposa abriu uma nova vida, que antes era cheia de limitações

to, transformou a vida da família.

“No início ela era minha namorada e ela disse que ficaríamos juntos até o fim, para solucionar. Então um dia ela viu uma matéria de um casal na Alemanha muito parecido com a gente, o paciente O- e a doadora O+, ele nunca tinha bebido, fumado, era adepto de esportes... E fizeram o transplante mesmo sem compatibilidade, como o nosso caso. Ela queria (fazer), mas eu tinha medo de dois caírem na mesma situação e enrolava. Quando nosso filho nasceu, ela me levou ao quarto dele e disse “nós precisamos de você”. Então fomos para o tudo ou nada, e deu tudo certo”, relembrou Roberto Flávio.

O transplante de rim entre o casal ocorreu na modalidade de transplantes intervivos, quando o paciente recebe a doação de uma

pessoa viva e não de um doador falecido. Além dos termos de responsabilidade assinados, o casal passou por uma série de acompanhamentos médicos, incluindo atendimento psicológico individual para ambos. Mesmo sem a compatibilidade sanguínea, já na cirurgia, o rim voltou a realizar sua função. Antes disso, foram oito dos 10 anos de hemodiálise sem urinar sem a sonda. A cirurgia marcou o nascimento de uma nova vida para o casal e todos os seus familiares. Shirley

teve uma rápida recuperação e Flávio pôde voltar a sentir-se vivo nas atividades mínimas que a população não delega tanta importância.

“A hemodiálise é uma sobrevivência, uma salvação naquele momento, mas não existe qualidade de vida. Após o transplante a gente ganha, enfim, qualidade de vida, condição de poder viver bem. Olha só que coisa simples, mas de importância enorme: be-

ber água. Já imaginou? Foram 10 anos bebendo, por dia, 400 mililitros, já passando do indicado que são 200 mililitros. Tinha dia que, para me enganar, eu fazia pedras de gelo e ficava lambendo para ver se passava a sede. E quando o médico disse ‘a partir de hoje, você vai poder tomar água...’ Era uma sensação de liberdade, de poder, de vida. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Na primeira vez que urinei no banheiro, tinha uma plateia, minha família estava vibrando, aplaudindo. Era uma conquista nossa”, lembrou emocionado.



Foto: Acervo Pessoal

Shirley Carvalho doou um rim em vida ao marido, Roberto Flávio, que retomou a vida normal após o transplante, depois de passar 10 anos vivendo na dependência das sessões de hemodiálise devido a um rim paralisado

Continua na página 6

programa

Educadores Sociais

TRANSFORMANDO VIDAS E UM FUTURO MELHOR

- INVESTIMENTO DE R\$ 8 MILHÕES
- 2.800 CRIANÇAS E ADOLESCENTES ATENDIDOS

Educadores sociais é um programa especial da Prefeitura de João Pessoa que destina cuidadores para prestar auxílio diretamente ao(a) estudante que possua qualquer deficiência física, intelectual, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação, assistindo-o(a).

JOÃO PESSOA
PREFEITURA
cidade que cuida

Continuação da página 5

Quebra de tabu e rotina saudável após a doação de um órgão

■
Doadora e receptor passaram a ter uma vida mais salutar e hoje integram a Liga Brasileira dos Transplantados

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Diferente do que se propaga, foi depois do transplante que os dois, conseguiram obter, de fato, qualidade de vida. Sob o pré-conceito de que o transplante funciona apenas como uma sobrevida, o casal é a prova da importância da doação e de se colocar à disposição para o recebimento de um novo

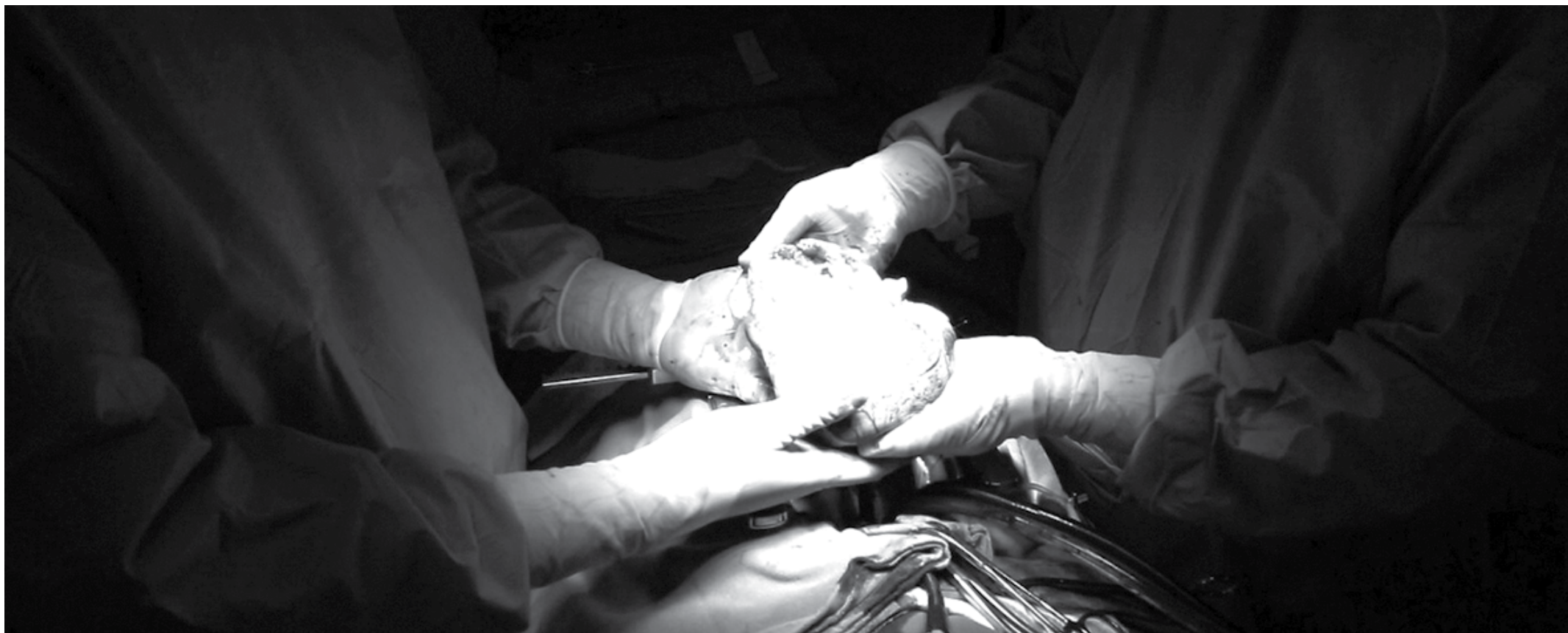
órgão e uma nova vida. Seis anos após a cirurgia, Roberto Flávio e Shirley Carvalho são hoje atletas, medalhistas e que, rotineiramente, sobem em pódios levantando duas bandeiras: a do ativismo pela doação de órgãos e tecidos, e a da Paraíba. Eles fazem parte da Liga Brasileira de Transplantados, foram campeões da Copa Master Brasil de Atletismo, campeões paraibanos e se preparam para uma

possível participação no mundial para a categoria que ocorrerá na Austrália, em 2023.

“Esse paradigma que o doador leva uma vida sem saúde é um tabu. Hoje, após o transplante, eu vivo uma vida bem diferente do que vivia antes, bem mais saudável. Sou atleta, faço treinos. O doador tem vida saudável. A minha decisão de doar um dos meus órgãos para o meu marido foi o amor. O amor pela

vida, pelo nosso filho. Um órgão resgata toda uma família porque quando uma pessoa está passando por um problema de saúde, toda a família passa a viver uma rotina diferente, de remédios. Tudo isso muda quando você recebe outra vida”, ressaltou Shirley Carvalho.

Saudáveis e ativos, o casal hoje inspira e luta para que mais pessoas possam viver bem através de um ato de amor.



Em 2020, em meio à pandemia, a Paraíba conseguiu credenciar o Hospital Metropolitan, em Santa Rita, como o primeiro da rede pública a realizar transplante de coração adulto e pediátrico no estado

Paraíba se destaca na doação e realização de transplantes

Nos últimos anos, a Paraíba se tornou referência na doação e realização de transplantes. Em 2022, a Secretaria de Estado da Saúde (SES) registrou um total de 201 transplantes de órgãos e tecidos. No ano anterior, o estado teve um crescimento acima de 200% na doação de órgãos. O aumento ocorre em função de ações da pasta para estruturar a Rede Pública de Saúde com o objetivo de reduzir a fila de espera por um transplante e, principalmente, melhorar a qualidade de vida das pessoas, afirma Rafaela Dias, chefe do Núcleo de Ações Estratégicas da Central de Transplantes da Paraíba.

“A Secretaria de Saúde não economiza esforços quando se fala de doação e transplantes de órgãos. Hoje nosso estado é destaque em todo Brasil, em 2019 conseguimos o prêmio do estado que mais cresceu no requisito doação de órgãos, em 2020 em meio à pandemia conseguimos habilitar o Hospital Metropolitan em Santa Rita como primeiro serviço público a realizar transplante de coração adulto e pediátrico no nosso estado. Conseguimos reduzir de forma significativa a lista de espera por córnea e conseguimos realizar o transplante de coração que fazia uma década que não era realizado na Paraíba”, declarou.

Até o fechamento da matéria, a Paraíba registra 467 pessoas na lista de espera, sendo 265 aguardando o trans-

“

Não levem com vocês o que vocês não vão usar mais. Quando você doa, você não está salvando só uma pessoa, está salvando toda a família

Roberto Flávio

plante de córnea, 183 aguardam a doação de rins, 17 aguardam o transplante de fígado e dois de coração. O maior número de doações foi, também, de córneas com 133 em 2022, segundo a Central de Transplante.

O ano consolida, até o momento, um total de 201 transplantes realizados, sendo 159 pacientes beneficiados com o transplante de córneas; 22 pessoas receberam rim de pessoa já falecida e um intervivo; 14 transplantes de fígado; três de medula autó-

logo; e dois de coração. Vale ressaltar que a Paraíba também recebe doações de órgãos de outros estados vizinhos, já que a complexidade da doação precisa levar em consideração a compatibilidade do órgão doado e do paciente que irá receber a doação.

Para além da cirurgia e do acompanhamento médico das condições para o recebimento da nova vida, todos os pacientes recebem acompanhamento psicológico.

Para muitos, ainda um sonho

Mesmo avançando rumo a redução da fila de espera, muitas pessoas seguem sonhando com o dia em que a possibilidade de uma nova vida chegará. Por isso é necessário que haja o incentivo para que a população compreenda a doação de órgãos como uma melhora na qualidade de vida e um ato de amor ao próximo.

“É importante a população entender que só existe doação e transplante se houver autorização da família. Manifestar em vida o desejo de ser um doador é importante, para deixar os familiares seguros que esse gesto era um desejo seu. Através dessa atitude podemos hoje na Paraíba com apenas um doador tirar até sete pessoas da lista de espera”, ressaltou Rafaela Dias.

Muitas pessoas, no entanto, possuem medo de se declararem doadores de órgãos. Essa visão, porém, deve ser com-

batida. A doação de órgãos, mesmo após o óbito, é realizada após uma série de exames clínicos e de imagem exigidos pelo protocolo determinado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). Mesmo que a pessoa seja doadora ou que a família autorize a doação, diversas condições são avaliadas antes de, efetivamente, realizar a remoção dos órgãos, armazenamento e cirurgia no receptor.

“É uma mudança que a gente pode chamar de outra vida. Se alguém tem medo de fazer o transplante por alguma história ou relato que ouviu, que só vai ser uma troca de medicação, que não vai mudar a sua vida: eu estive desse lado, vi essa saída distante, mas é possível. Se colocar na fila de transplantes, vai chegar a sua hora e você vai conseguir chegar a qualidade de vida, se transformar em uma pessoa ativa, sorridente. Tenham coragem! E também as pessoas que querem ser doadoras de órgãos. Não levem com vocês o que vocês não vão usar mais. Quando você doa, você não está salvando só uma pessoa, está salvando toda a família”, completou Roberto Flávio.

Orientando a população, a Central de Transplante esclarece algumas questões sobre a doação de órgãos após o falecimento. O primeiro fator é que, para ser um doador de órgãos e tecidos, é necessário que haja o diálogo com a família para solicitar

que esse seja o último desejo atendido. Sem a permissão da família, não é possível efetuar a doação. A autorização verbal é o suficiente, sem que seja necessário um registro oficial.

A retirada dos órgãos e tecidos viáveis para a doação é realizada através de cirurgia, por isso não é necessário que haja um sepultamento especial. Depois de confirmado o falecimento após uma série de protocolos determinados pelo CFM, a cirurgia é realizada. É importante destacar que a família não terá nenhuma despesa com a doação. Nestes casos, um doador pode salvar até oito vidas

Outra modalidade é o transplante intervivo, quando o doador é um paciente com maioridade, geralmente parente do receptor. Nesse caso, é necessário que termos de responsabilidade sejam assinados. Com a doação autorizada, ocorre a realização de dois procedimentos cirúrgicos concomitantes, em dois pacientes, o doador e o receptor do transplante.

“Hoje eu tenho um olhar diferente. O sol nasce mais bonito todos os dias, a chuva, a forma como o vento bate em mim. A vida é diferente para o transplantado. Ver a minha mãe rindo, a minha esposa, meu filho brincando, participando comigo, querendo ser atleta... é transformador”, finalizou Roberto Flávio, atleta, ativista pela doação de órgãos e pai que hoje pode participar da vida do filho.



■
A retirada dos órgãos e tecidos viáveis para a doação de uma pessoa morta é realizada através de cirurgia, por isso não é necessário que haja um sepultamento especial. Um único doador pode salvar até oito vidas

ÚLTIMOS DIAS

Caminhos do Frio chega ao fim

Edição 2022 da Rota Cultural termina em Alagoa Grande, depois de passar por oito cidades do Brejo

Mayra Santos
 mayraalvessantos@hotmail.com

A Rota Cultural Caminhos do Frio 2022 entra na reta final e, em sua última semana, inicia programação na cidade de Alagoa Grande, na próxima segunda-feira (29). A Terra de Jackson do Pandeiro encerra a Rota com muita festa, sendo do dia 29 de agosto ao dia 4 de setembro. Desde a última segunda-feira, está sendo realizada a programação em Bananeiras, que se encerra hoje. Amanhã, terá início a programação em Alagoa Grande. Este ano, o Caminhos do Frio vai homenagear o cantor e compositor paraibano Pinto do Acordeon, falecido em 2020.

Em Alagoa Grande, a abertura do evento será realizada no Teatro Santa Ignêz, às 19h30. Antes disso, haverá ainda o lançamento do HQ “Dois Nordestinos do Ritmo”, além de exposições temáticas e a feira cultural “Comadre Sebastiana”, a partir das 18h. Durante os sete dias de programação, a cidade promoverá diversas atividades culturais como feira cultural, Rural Fest, exposições de artes visuais e fotográficas, espetáculos teatrais, shows musicais a exemplo do cantor Vicente Nery, entre outras atrações.

O prefeito da cidade Antônio da Silva Sobrinho afirmou que “será uma das maiores festas de Alagoa Grande e da Paraíba”. E acrescentou, “nós tivemos em Areia um movimento grande de pessoas, aqui, certamente não vai ser diferente, Alagoa Grande não vai ficar para trás. Vamos encerrar o Caminhos do Frio com uma festa magnífica, teremos como atração o cantor Vicente Nery e tenho certeza que vai atrair muitos turistas”.

Ele contou ainda que o turista vai encontrar muita culinária, artesanato e cultura, podendo visitar o museu Jackson do Pandeiro, o Teatro Santa Ignêz, que é terceiro do estado, o Quilombo Caiana dos Crioulos, entre outros. “Tem muita coisa pra ser vista, a cultura da cidade é vasta e está à disposição dos visitantes”.

“O brejo paraibano é a maior região turística do estado por compor o maior número de municípios dentro do mapa do tu-



O Brejo paraibano é a maior região turística do estado por compor o maior número de municípios dentro do mapa do turismo brasileiro

■ Este ano, o Caminhos do Frio homenageia o cantor e compositor paraibano Pinto do Acordeon, falecido em 2020

rismo brasileiro. Durante a Rota, as nossas expectativas foram superadas com a presença da comunidade local e de turistas. Nós recebemos muitas caravanas, o que foi muito bom”, avaliou o presidente do Fórum de Turismo do Brejo paraibano Jaime Souza.

Ele afirmou ainda que “o Caminhos do Frio é uma espécie de culminância de tudo o que trabalhamos durante o ano com relação ao turismo dos municípios, nele valorizamos e poten-

cializamos a cultura popular, a literatura de cordel, contação de histórias, envolvendo alunos de escolas públicas, oficinas de gastronomia, empreendedorismo, entre tantas outras atividades culturais”.

Além disso, Jaime Souza destacou a importância do evento para economia da região. “A nossa proposta é gerar emprego e renda para mais de 100 famílias até dezembro e nós estamos conseguindo através desse evento, novos empreendedores

e comerciantes estão surgindo na gastronomia, no artesanato, na cafeteria, como guias turísticos, entre outros”.

A Rota Cultural Caminhos do Frio passou pelos municípios de Areia (4 a 10 de julho), Pilões (11 a 17 de julho), Matinhas (18 a 24 de julho), Solânea (25 a 31 de julho), Serraria (1 a 7 de agosto), Alagoa Nova (8 a 14 de agosto), Remígio (15 a 21 de agosto), Bananeiras (22 a 28 de agosto) e Alagoa Grande (29 de agosto a 4 de setembro).



O turista vai encontrar muita culinária, artesanato e cultura, além de visitar o museu Jackson do Pandeiro, o Teatro Santa Ignêz e o Quilombo



Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira a programação completa da semana da Rota Cultural em Alagoa Nova



No setor turístico, município tem atrativos naturais, como a Serra de Vieirópolis, onde é comum a prática de rapel, e um sítio rupestre que desperta a curiosidade e o interesse das pessoas pela cidade

VIEIRÓPOLIS

Agricultura, turismo e mineração

Cidade no Sertão do estado se destaca pela extração da amazonita, rocha ornamental de alto valor econômico

Luciene Miereles
lucilenemiereles@epc.pb.gov.br

Vieirópolis é uma cidade localizada no Sertão do estado da Paraíba, distante 462,6 km de João Pessoa e, embora a economia do município seja baseada na agricultura, um dos principais destaques é a presença da pedra amazonita, uma rocha ornamental rara, de elevado valor econômico. “Estive conversando com as pessoas que ‘fabricam’ a pedra amazonita e elas me informaram que quase não é usada no país, é quase tudo exportado. No mundo, só tem em Vieirópolis”, garante o prefeito da cidade, José Célio Aristóteles.

Mas, o município tem outros atrativos. Na Serra de Vieirópolis ou Pedra do Letreiro, por exemplo, o turismo da cidade tem ganhado força. O local, conforme o gestor, tem registrado muitos visitantes em razão da existência de um sítio rupestre. “As pessoas visitam, fazem rapel. São 327 metros de altura”, destacou.

Em breve, valendo-se da condição de ser um atrativo para turistas, a Prefeitura de Vieirópolis vai iniciar a construção de uma estátua da padroeira Sant’Ana. A escultura terá 35 metros de altura e ficará no alto da serra. “A nossa vai ser a mais alta da Paraíba”, assegura José Célio.

Ele conta que a ideia de construir o monumento veio de um pedido da população do município que é muito religiosa. Acrescentou ainda que a Serra de Vieirópolis foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), que está investindo R\$ 450 mil na estrutura do local onde estão as figuras rupestres.

A intenção é promover melhorias no local para receber os turistas com mais comodidade. “Vieirópolis está entre as 42 cidades turísticas da Paraíba, segundo o guia de turismo. E vamos explorando devagar, mas vai crescer”, declarou o prefeito.

Outras melhorias estão sendo programadas para a cidade pela Prefeitura. Entre elas, estão sendo construídas duas escolas, uma com seis salas de aula, e outra com sete. Dentro do município hoje existem apenas duas escolas, uma municipal e outra estadual. As unidades atualmente não comportam mais o número de alunos que procuram se matricular.

Por meio do Governo do Estado, foi executada, em 2019, uma obra importante no município, por meio da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), o Campo de Futebol de Várzea.

■ História do município possui relação com a união de duas datas de sesmarias, que pertenciam a herdeira chamada



De acordo com informações do IBGE, um dos Vieira, apelidado “R” Hermenegildo, iniciou, em 1938, a construção da igreja de Senhora Santana, que foi inaugurada em 25 de julho de 1940, no então povoado de Serra Branca

Nomenclatura é herança da família Vieira

Antes de ganhar o nome de Vieirópolis, o município era chamado de Serra Branca e, a atual nomenclatura tem relação com a chegada da família Vieira ali. O prefeito relatou que a primeira prefeita da localidade, Santa Oliveira, casou com um Vieira. Ela faleceu em 2020, vítima da Covid-19. Ela foi eleita após a emancipação política do município de Vieirópolis em 1996. À época, a cidade era um distrito do município de Sousa. Santa foi reeleita após o primeiro mandato, ficando

no cargo de janeiro de 1997 a dezembro de 2004.

A história do município também tem relação com a união de duas datas de sesmarias, Genipapeiro e Serra Branca, que pertenciam a uma herdeira conhecida como Emanuela. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essas datas foram repassadas para José Gonçalves Vieira da Costa e Silva, que veio da Bahia no início da década de 1830, e foram transformadas na

Fazenda Palestina.

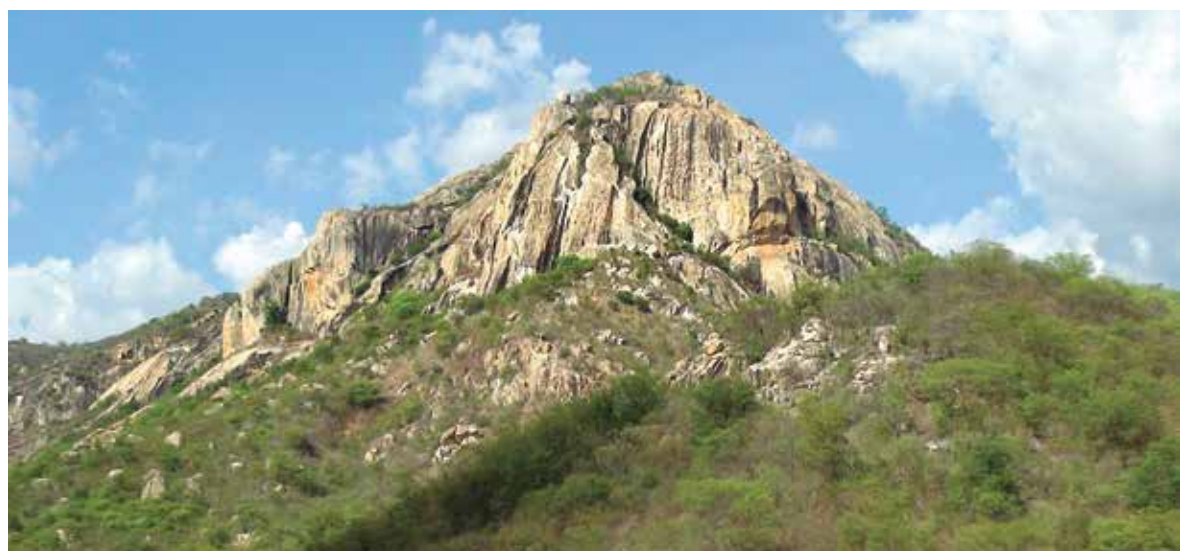
Ali se formou o clã dos Vieira, inicialmente composto de oito irmãos: Antônio Vieira, Raquel Vieira, Manoel Nascimento, José (Zeca) Vieira, Joaquim (Kinô) Vieira, Constantina Vieira e Maria (Dona Toró) da Conceição.

Dos casamentos entre primos e primas, foi construída a grande família dos Vieira de Serra Branca, senhores de grandes rebanhos, alambiques, locomóveis, boladeiras de descarçar algodão e de casas de farinha. Eles co-

mandaram o poder político local.

Ainda segundo informações do IBGE, um dos Vieira, apelidado “R” Hermenegildo, iniciou, em 1938, a construção da igreja de Senhora Santana, que foi inaugurada em 25 de julho de 1940, no então povoado de Serra Branca.

Foi elevado à categoria de município com a denominação de Vieirópolis pela Lei Estadual nº 5904, de 29 de abril de 1994, sendo desmembrado deixando de ser distrito de Sousa.



Nos 327 metros de altura da Serra de Vieirópolis ou Pedra do Letreiro, o turismo da cidade tem ganhado força

Saiba mais

Eventos turísticos

Festa de Emancipação Política
Paixão de Cristo de Vieirópolis
Eventos esportivos, como o Ciclismo e MotoCross.

Atrações turísticas naturais

Serra Das Araras - em época chuvosa, o local apresenta belíssimas cachoeiras.
Olho d’água - abastece a população
Pedra do Letreiro ou Serra de Vieirópolis - onde estão as escrituras rupestres
Patrimônio arquitetônico, cultural e material - Igreja São Joaquim e Santana

Toques sobre a cidade

O aniversário do município é no dia 29 de julho e seus habitantes se chamam vieiropolenses.

O município se estende por 146,8 km² e conta, em 2022, com 5.395 habitantes, segundo dados do IBGE.

A densidade demográfica é de 36,4 habitantes por km² no território do município.

Vieirópolis fica localizada a 309 metros de altitude.

A cidade fica vizinha aos municípios de Paramá, Castro e Tenente Ananias.

Vieirópolis se situa a 29 km a norte-oeste de Sousa, a maior cidade nos arredores.

Zezeita faz 80 anos

Primeira-dama dos palcos, atriz festeja a nova idade hoje e, em entrevista ao **Jornal A União**, rememora uma vida de arte, educação e resistência política

Professora Zezeita (foto maior) também dá vida a inúmeros personagens, seja no teatro ('As velhas' e 'Milagre Brasileiro'), cinema ('Rebento') e televisão (na novela 'Velho Chico') - sequência abaixo, da esq. para dir.



Foto: Edson Matos



Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Qual o primeiro nome que lhe vem à mente quando pensa em teatro paraibano? Talvez seja a da primeira-dama dos palcos, Zezeita Matos. Ter essa marca escrita em um cartaz de cinema ou no programa de uma peça é a certeza de se estar prestes a presenciar uma das maiores atrizes da Paraíba em cena. Ao completar, hoje, 80 anos de vida, dos quais 65 são dedicados ao teatro e 45 ao cinema, Zezeita é um dos raros exemplos de artista que conseguiu converter sua biografia em um enredo de personagem da história brasileira.

Zezeita Matos é, por si só, quase um título, um verbete que se enche de significados e que carrega sempre o peso da expectativa por uma

xima, eu tenho que fazer melhor. Sinto a responsabilidade quando as pessoas me chamam, quando ganho um prêmio... Para mim, isso só mostra que preciso me superar sempre", considera a veterana atriz.

Mas para contar a história do nome de Zezeita, é preciso citar vários outros, como adverte ela. "O nome de todos que me dirigiram, e do meu pai, Manuel de Souza Pontes, que me deu autorização, aos 16 anos, para fazer teatro numa época em que isso era visto como coisa de prostituta".

Mas antes de existir Zezeita, existiu Severina. Severina de Souza Pontes é o nome de batismo da atriz, que só descobriu isso quando a professora na escola primária a chamou por seu nome de registro, para seu desgosto e desespero, que não queria dar vida a um nome que, para ela, era de mulher mais velha e empobrecida.

Ter a vida de Severina mudava tudo e por isso ela foi silenciada até o dia em que salvou Zezeita da prisão. Quando o golpe civil-militar foi deflagrado, oficiais procuraram pela comunista no Liceu Paraibano, onde estudava. Procuraram por Severina, mas naquele momento, só havia Zezeita e ninguém na escola desmentiu, protegendo a identidade da jovem considerada subversiva.

"Depois de 1964, ela ficou muito forte. Quando eu incorporei o nome de Zezeita, meu advogado me disse que poderia tirar Severina de meus registros. Jamais! Severina me salvou, não posso fazer isso. Hoje, Severina sou eu mesma. Zezeita é quem complementa tudo", afirma a atriz.

Quem não teve a mesma sorte foi o então marido dela, também ator, arquiteto e artista plástico Breno Matos. Ele foi preso e mantido no cárcere do Grupamento de Engenharia, em João Pessoa. Durante os cerca de cinco meses que

esteve lá, Zezeita, mesmo procurada pelo regime, ia visitar o marido. Foi quando ela precisou assumir outra identidade.

Breno Matos havia perdido uma irmã chamada Orieta, quando ela tinha apenas 15 anos. Utilizando-se da identidade da cunhada morta, Zezeita adentrava nos quartéis militares para se encontrar com o marido. "Naquele momento, eu era a namorada apaixonada, tendo que esconder essa paixão. Eu ficava só olhando para Breno para saber se ele não estava machucado, se ninguém estava fazendo nada com ele. É muito ruim ter alguém que você ama, preso. Muito, muito", diz Zezeita, emocionada.

Ambos ficavam sentados em bancos similares a de uma igreja e a uma distância considerável para que não se tocassem e assim fosse revelada a verdadeira relação entre os dois. A maior parte do tempo, eles permaneciam em silêncio, constrangidos pela situação e pelo medo de Breno ser transferido para outras unidades militares, onde a morte e a tortura eram um destino comum. Em homenagem à irmã de Breno, Zezeita deu à sua primeira filha o nome de Orieta, que por meses foi também o seu.

Desde que se conheceram, aos 15 anos de idade, numa estação de trem em Campina Grande - ele com casaco de James Dean e sob a alcunha de "Breno Nicotina", até a separação e morte, foram 40 anos de casamento, interrompidos por uma traição. O impacto com inesperado desfecho da relação, que havia gerado três filhos e netos, fez com que Zezeita não conseguisse concluir os últimos meses de mestrado em Cuba e testou sua própria capacidade de atuar.

Ela não conseguia mais decorar os textos de 'As Velhas', peça que encenaria logo em seguida. Apesar disso, Zezeita jamais pensou em

tirar o sobrenome do ex-marido de sua assinatura artística. "Não foi um conflito, porque é o nome que tem os meus filhos. Inclusive, antes de eu me casar, no teatro já me chamavam de Zezeita Matos. Ninguém me chamava de Zezeita Souza, ou Pontes, como chamam Everaldo Pontes", lembra ela, citando o irmão, também ator.

O nome de Zezeita foi construído a partir de muitos outros nomes. Zezeita foi Dona Amélia na peça 'Não se incomode pelo Carnaval', de Paulo Vieira. Foi a Compadecida, no 'Auto' de Ariano Suassuna. Foi a Mãe em 'Coiteiros', de Altimar Pimentel. Armênia, em 'O que vai fazer, chamar a Polícia?', de Fernando Teixeira. Foi Mariana, em 'As velhas', de Lourdes Ramalho. E tantos outros, em uma carreira que, além do teatro, engloba cinema e televisão.

■ Zezeita é um dos raros exemplos de artista que conseguiu converter sua biografia em um enredo de personagem da história brasileira

São nomes que a personalidade porosa de Zezeita absorve, mas que ela deixa fluir depois que conclui a sua interpretação. Ficaria alguma parte deles na atriz? "Deve ficar, mas eu acho que me presto mais a eles do que eles a mim. Quando acaba, acaba", diz, aliviada por não acumular os dramas de tantos papéis.

Com tantos trabalhos que lhe deram reputação e fama, um especial tem o orgulho da atriz: o

de educadora que ensinou adultos analfabetos do campo a escreverem seus próprios nomes e virarem protagonistas de suas histórias. Ela dava aulas pelo Ceplar (Campanha de Educação Popular da Paraíba), que era um dos laboratórios do Sistema Paulo Freire criado com apoio do Governo do Estado e da diocese local.

Zezeita foi inserida no programa de ensino como uma tarefa do Partido Comunista. "Minha primeira profissão foi ensinar os camponeses do Cristo, Oitizeiro e Cruz das Armas. Aquilo abriu minha vida para a educação", conta Zezeita, que através desse trabalho se tornou a primeira secretária das Ligas Camponesas, além de ter lhe despertado para a Pedagogia, e assim se fazer a primeira mulher a ser coordenadora do Unipê - faculdade particular de João Pessoa. Pioneirismo que tem também por ser a primeira mulher na presidência da Academia Paraibana de Cinema.

Com 20 filmes longa-metragem no currículo, dos quais dois ainda inéditos, Zezeita continua atuante em todas as áreas para as quais ela despertou o interesse ainda aos 15 anos: nas artes cênicas, na educação e na política, assunto que, há quatro anos, tem o efeito de lhe tirar o semblante de tranquilidade. "Ver esse inominável dizendo que não houve tortura, que não teve golpe, que não teve nada... eu não aguento".

Se o atual presidente é, para ela, 'inominável', para Zezeita nunca lhe faltaram nomes para dar vida. Mas ela retoma a usual calma para se resignar diante da possibilidade de seu nome ser esquecido, como é comum para tantas atrizes. "Sei que vai acontecer. Isso tudo passa. As pessoas não se ligam nos atores. Só quando eles estão no auge. E no teatro é que não fica nada mesmo. Mas aí eu não estarei mais aqui. É isso mesmo", finaliza.

atuação arrebatadora. E isso só aumenta com o passar dos anos. "Eu consegui dominar isso, mas me dá uma aflição. Eu tenho experiência, mas nada é como a primeira vez. Fico sempre achando que, na pró-

Zezeita Matos

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

PCC: junto e misturado

O presídio do Carandiru foi inaugurado em 1920. Com capacidade inicial para 1.200 pessoas, chegou a ter, simultaneamente, impressionantes oito mil presos. O momento mais marcante de sua existência aconteceu em 1992, depois que 111 detentos foram mortos, vítimas de um massacre feito pela Polícia Militar de São Paulo. O acontecimento ganharia os noticiários do Brasil e do Mundo, levando ao fechamento da instituição. O que, de fato, só se realizou em 2002.

A antropóloga e pesquisadora Karina Biondi diz que o Massacre do Carandiru desencadeou três grandes processos, que mudariam a cara do sistema prisional. São eles: um grande aumento da população carcerária, a transferência de parte dos presidiários para instituições penais afastadas do interior, e a criação do PCC, o PCC por redesenhar o sistema prisional brasileiro e o crime organizado.

Existem controvérsias em torno do seu surgimento. Uma das versões atribui sua origem ao grupo Serpentes Negras, que reivindicava direitos dos presos. A história mais aceita

hoje é a de que a organização nasceu em 1993, de uma partida de futebol entre detentos do interior e da capital paulista, que acabaria em morte.

No início, conta Karina Biondi no livro 'Junto e Misturado: Uma etnografia do PCC', o grupo tinha interesses políticos. A ideia era organizar os presos para lutarem por seus direitos e, por outro lado, acabar com os conflitos internos entre eles próprios, que incluía desde maus-tratos a abusos sexuais, brigas e assassinatos.

Ver no PCC uma instituição empenhada na promoção da paz, se tornaria comum entre os presos. Segundo Karina Biondi, os presos tratavam o Primeiro Comando como responsável pelo "fim de um tempo no qual imperava uma guerra de todos contra todos, onde a ordem vigente era 'cada um por si' e 'o mais forte vence'. Até então, as agressões físicas eram bastante comuns, 'qualquer banalidade era motivo para ir pra decisão na faca'". Estaria, desde então, instalada uma nova ética pacificadora nos presídios.

Curiosamente, o Estado fez vista grossa ao PCC, ou negou a sua exis-

tência durante seus primeiros anos. O que se mostraria, com o tempo, uma estratégia burra. A organização coordenou uma megarrebelião em presídios no ano de 2001. Dois anos depois, operou 70 atentados contra membros do poder público. O alvo preferencial eram policiais, uma forma de forçar a transferência de presos ligados à organização.

Em 2006, aconteceria uma nova megarrebelião em 84 instituições penitenciárias, algumas em outros estados. O saldo, segundo Karina Biondi, foi de "299 ataques a órgãos públicos, 82 ônibus incendiados, 17 agências bancárias alvejadas a bombas, 42 policiais e agentes de segurança mortos e 38 feridos".

Atualmente, é impossível pensar o nosso sistema prisional e o crime organizado no Brasil sem levar em consideração o PCC, que possui mais 30 mil membros e que controla a maior parte do tráfico de cocaína para a Europa e Ásia.

A estrutura hierárquica da organização e a forma como ela opera seus negócios criminosos serão tema de um próximo artigo.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Chão da praça

Eu ouvia lá longe: "Estuda, estuda, senão você irá pra guerra". Uma saudade da vida, mas a vida trai muito a gente. Hoje, a guerra é outra, a guerra verbal que nenhum míssil resolve. Nunca vi tanta gente atirando com a boca. A doença que não tem cura, nem satura.

Vamos mudar de assunto. Estava ouvindo a professora Z falar de uma coisa que eu já sabia, que todos nós sabemos. Ela disse que os artistas estão completando 80 anos e que depois que eles se forem, o Brasil ficará uma terra batida, devastada e não teremos mais nossas referências musicais. É verdade.

Eu encolho os ombros. Vivemos com a certeza matemática das coisas evidentes, das alegrias dos shows, dos lançamentos dos discos nas plataformas, como se conferíssemos tudo pela primeira vez e isso fizesse uma conta de somar alegrias e dores.

Estava tão certo eu, que o tempo não passaria, assim que nem a dor de outras despedidas. Todo gênio precisa do público, da exaltação da sua arte, e mesmo tendo obra completa, sentiremos saudades se não obras antes.

A miopia da mediocridade perante o talento puro dos artistas é uma coisa intensa e chega junto com o bando dos idiotas. Nessa pré-eleição, pré-maldição, ouvi de várias pessoas conscientes, instruídas, que não suportam tal artista, que odeiam os artistas que estão com o candidato A ou B. Que bobagem!

Parece uma rejeição doentia. Parece não, é! Nas manhãs de domingo, eu escutava o rei Roberto no rádio, tempo de extrema delicadeza e nunca tinha visto tanto ódio assim onde estamos.

Maravilhado, eu saio dos shows imaginando um bis maior, mas hoje em dia, e não sei até quando, os shows acontecem dois dias, como vai ser o de Chico Buarque no Teatro Pedra do Reino, nos dias 6 e 7 de setembro. Eu quero ir, eu quero ir.

Vai chegar o dia de vestir a Camisola do Dia e ficar em casa assistindo os devidos, os shows mais bonitos, com alguém cantando longe daqui.

Olho para coleções de cedês e sei que os devidos ficaram obsoletos, mas tem o YouTube, mas tem que se acostumar, tem que acreditar, tem que sobreviver. É para isso que trabalhamos, para sobreviver. Mas quando perdermos nossos artistas, vamos enfrentar toda imbecilidade tecnológica e nada mais. Já estamos.

Sou do tipo de não colocar mais meus pés nos teatros para contemplar um show que nada mais acrescentará. Estar habituado de ir a shows, que agora faço fora de João Pessoa, não exatamente quando íamos ao Recife, mas ao Rio, Belo Horizonte, eu vivo o hoje, porque o tempo ainda é do entusiasmo.

O amor por artistas como Milton Nascimento, Caetano Veloso, Paulinho da Viola, Djeavan, Gilberto Gil, Chico Buarque, com as canções que falam da vida da gente, ficará na lembrança do que éramos e já não somos. É linda a canção 'Beleza destruída', que está no disco novo de Djeavan, 'D', que ele canta com Milton Nascimento: "O mundo é lindo, mas não é infinito, temos que cuidar".

As canções desses caras sempre serão intensas.

Kapetadas

- 1 - O amor em tempos de eleição - Me aperta forte e confirma.
- 2 - Ninguém pensa no pavor da barata ao encontrar um humano no meio da sala.
- 3 - Discordo do Rosa. As pessoas, quando não morrem, é que ficam encantadas.
- 4 - Som na caixa: "Sei que nada será como antes", Milton Nascimento e Ronaldo Bastos.

Foto: Leo Aversa/Divulgação



'D': Novo álbum de Djeavan traz dueto com Milton Nascimento

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Arte em cena: a arte que liberta

Foto: Arquivo pessoal



Thiago personifica Augusto dos Anjos

Violência destrói os afetos e toda dignidade humana e sua desesperança contribui para forçar um pessimismo e uma falsa imagem do cidadão. Diante dessa tirania, existe uma necessidade vital para sobrevivência, também de pertencimento e de suportar-se nas próprias errâncias. Conviver com esse mal-estar, através de uma educação estética e da filosofia da arte, é possível construir uma revolução social pela sensibilidade, e um sentido de existência com a finalidade de definir um projeto de vida e sua socialização, porque uma sublimação se dá na transformação de um afeto em conhecimento intelectual, e não é possível alcançar uma liberdade sem esse conhecimento. Nesse processo, um dos objetivos é estetizar a razão em emoção, que conduz uma unicidade entre o esforço do desejo a racionalidade, que potencializa um conhecimento em afeto. Arte é um trabalho de vitalidade e é um vir a ser pela necessidade de existir em si mesmo, geralmente uma obra de arte reflete uma existência. É através de uma criação artística que um artista contribui em uma transformação social e tem uma força de transcender uma desumana situação social a partir da dignidade da dor.

O projeto "a arte que liberta" esteve presente nessa quarta-feira (24) na ECI Lyceu Paraibano e no Centro Educacional de Inovação e Tecnologia (INOTECH) com a finalidade de apresentar o poeta paraibano Augusto dos Anjos, que foi orquestrada pela coordenação do Festival Arte em Cena. Essa visita apresentou a vida e a obra desse escritor aos estudantes da Rede Estadual da Paraíba. Estiveram presentes estudantes do Lyceu, do INOTECH, da Escola Técnica de Artes e de outros inscritos no Festival. O evento teve como base a edição 2022 do Arte em Cena, que homenageia o poeta e traz como enredo: "Augusto presente: avatares do Eu no metaverso criativo". Também teve a presença do professor Thiago Vieira, que assumiu uma personalidade do poeta durante a ação e traçou um paralelo com a filosofia do Poema Negro (Eu, 1912).

Nesta segunda-feira (29), a partir das 10h, a Coordenação Estadual do Festival Arte em Cena desenvolverá a oficina "Augusto presente: o Canto do Vencedor" na Cadeia Pública de Cruz do Espírito Santo (PB). A ação será realizada pela própria equi-

cação em prisões através da Arte e da Cultura na escola.

O projeto, desenvolvido na modalidade "Educação em Prisões", inclui uma oficina de formação promovida pelo professor Thiago Vieira, que tem como propósito encarar a poesia de Augusto dos Anjos com instrumento de libertação, mostrando uma nova face da sua obra voltada à liberdade não apenas do corpo, mas também da alma, do pensamento. O laboratório foi estruturado a partir de alguns dos principais poemas de Augusto, com destaque para os textos "Vencedor" (Eu, 1912) e "O Canto dos Presos" (Outras Poesias, 1920).

Caracterizado como Augusto dos Anjos, o ministrante - Thiago Vieira - irá trabalhar o resgate de valores, como a esperança, o perdão, a autoestima, a dignidade, a empatia e a autotranscendência, proporcionando um olhar de retorno ao convívio social aos estudantes presos na Cadeia Pública de Cruz do Espírito Santo. A escolha dessa instituição se deu por ter sido uma das 41 unidades prisionais inscritas no Arte em Cena - "Arte que Liberta", integrando o acervo das instituições com inscrições homologadas e devidamente ativa no Festival. Todos os estudantes participantes estão regularmente matriculados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Graciliano Ramos (Polo Cruz do Espírito Santo).

O evento do dia 29 de agosto, que contará com a presença do Secretário

Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT/PB) e é uma das ações do Festival Arte em Cena (edição 2022) que inovam e aprimoram a caminhada do estudante privado de liberdade (matriculado na Rede Estadual de Ensino) no sentido da ressignificação da sua cidadania.

A equipe que compõe a comissão estadual são: Josemar Medeiros da Silva - Coordenação Geral; Juliana de Lima Ferreira - Coordenação Educação Jovens de Adultos (EJA); Remo Peixoto Dantas - Coordenação de Educação em Prisões; Sílvia Patrícia Sousa Viana - Coordenação de Comunicação; Thiago da Fonseca Vieira - Coordenação Pedagógica; Túlio Carlos Silva Antunes - Coordenação de Design e Mídia e Érika de Almeida Ferreira - Apoio Técnico.

Sinta-se convidado à audição do 333 Domingo Sinfônico, deste dia 28, das 22h às 0h. Em João Pessoa/PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo <http://radiotabajara.pb.gov.br>.

Iremos conhecer peças do compositor e regente checo-austriaco Gustav Mahler (1860 - 1911), que sempre tinha crises morais e manifestava comportamentos esquizofrênicos. Também conviveu com a loucura do sofrimento. O tema de morte está presente em quase toda sua obra, que reflete a tragicidade de sua existência. Teve uma infância desprovida de afeto e de bens materiais. Seu pai foi alcoólatra e violento. Presenciou a morte de oito irmãos e o suicídio do irmão Otto em 1895, que era músico. Nas suas sinfonias, recria o encantamento da beleza da natureza como forma de suportar os próprios conflitos internos.

Mahler extraiu da realidade as possibilidades que podem ser exploradas ao 'novo', e com vários pontos de vista sobre o real, que podem coexistir de acordo com a percepção de cada um. Em Mahler, uma obra de arte é toda aquela que desperta um conjunto de reflexões a partir de vários sujeitos, e que não será mais monopolizada pela razão. Afirmava que a educação estética conduz um ser humano a conhecer algo de si e a evolução humana, com a finalidade de reconstruir uma moral e um novo sentido de existência.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Uma ‘arribação’ que desfalcou o cinema

Eu o conheci no palco do Teatro Santa Roza. Ele encenava o eloquente monólogo ‘O diário de um louco’, de Nikolai Gógol. Sua *mise en scène* me impressionou. Justamente, quando eu buscava alguém para representar um sertanejo fugindo da seca, com mulher e filho pequeno, em ‘Arribação’, um de meus primeiros filmes, no final dos anos sessenta. O ator era Anco Márcio de Miranda Tavares, que só o conhecia através da imprensa, atualmente um festejado patrono da Academia de Artes e Letras Cabedelense.

Nessa época, já afiliado à Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), sob o comando do amigo Barretinho, eu integrava o *cast* da Rádio Correio, recém-inaugurada no Ponto de Cem Réis, quando das obras do Viaduto Damásio Franca. Eu fazia locução e apresentava dois programas: ‘Curta-metragem’, com edição diária, e ‘Cine-projeção’, sempre aos domingos.

Em conversa com Anco Márcio, convidei-o para que protagonizasse o personagem de um retirante. Aí mostrei-lhe o *script*, dizendo que a resposta poderia ser dada depois... De início, Anco relutou um pouco, alegando que tinha sido, recentemente, rejeitado pelo George Jonas, para interpretar, no cinema, um personagem em ‘A Compadecida’ (1969), sob alegação do diretor de que ele não tinha perfil de sertanejo.

Mas algo me dizia que Anco aceitaria, agora, o personagem, porque meu olhar não me confirmava o que o produtor boliviano naturalizado brasileiro dissera, taxando-o de “tipo



Atores Anco Márcio (E), Luíza Lacet e o diretor Alex Santos (D) nas filmagens de ‘Arribação’.

urbano” e impróprio para o papel criado pelo autor Ariano Suassuna.

Dito e feito! Ninguém teria conseguido postura melhor nas cenas de ‘Arribação’ que aquele versátil ator paraibano. A rigor, nunca se tinha visto casamento mais perfeito de flagelados numa bruta paisagem do semiárido, quando sepulta o seu próprio filho na região devastada pela seca, interior da Paraíba. Ao lado da atriz, também de teatro, Luíza Lacet, uma conterrânea minha, de Santa Rita, provamos que não é só necessário olhar na escolha de um ator, mas vê-lo por dentro. Vê-lo bem...

A região do Curimataú – Tacima, Araruna e Pedra da Boca – foi o nosso cenário para as filmagens de ‘Arribação’. À época, uma produção em preto e branco, realizada com uma câmera de filme 16mm, que me fora cedida pelo amigo Barretinho, da ACCP. Uma saga de retirante, que houve de ser contada também em

textos de Machado Bitencourt, em outro filme nosso – ‘Cinema inacabado’.

Nos últimos tempos, minhas ligações com o amigo Anco Márcio foram na produção dos Cinejornais da Repson Filmes (de Ivan de Oliveira), em que Anco redigia os informes narrativos e eu os filmava. Depois, através do blog www.ancomarcio.com, em que ele assinava uma coluna semanal ‘Romance da cidade’. Foi, então, que fiquei surpreso com o seu prematuro falecimento, deixando mais pobre a dramaturgia, o rádio e o jornalismo paraibanos.

Hoje, mais uma vez, vejo-me diante da viabilidade de ser honrado pelo amigo, ocupando sua Cadeira 4 de patrono da Academia de Artes e Letras Cabedelense. Por tudo que fizemos pelo cinema, descanse em paz, parceiro Anco! – Mais “coisas de cinema” em nosso blog: www.alexantos.com.br



APC marca presença em Gramado

Ocupante da Cadeira 33 da Academia Paraibana de Cinema, cajazeirense Marcélia Cartaxo, mais uma vez, ganha o prêmio de Melhor Atriz em recente Festival de Cinema de Gramado, pelo longa-metragem ‘A Mãe’, dirigido por Cristiano Burlan. O integrante da APC e fotógrafo João Carlos Beltrão esteve também no certame com o filme ‘O Pató’, sob a direção Fernando Domingos, que foi igualmente premiado.

Esta é a segunda vez que Marcélia ganha prêmio, em Gramado, de melhor atriz. Anteriormente foi em 2019, por sua atuação em ‘Pacarrete’. A diretoria da Academia Paraibana de Cinema e parceiros se congratulam com a atriz paraibana e com o conhecido fotógrafo João Carlos Beltrão.

EM cartaz

AFTER: DEPOIS DA PROMESSA (After Ever Happy. EUA. Dir. Castille Landon. Romance. 14 anos). O casal “Hessa” está crescendo e pode nunca mais ser o mesmo. Embora já tenham encarado inúmeras adversidades, o capítulo final trará um desfecho de conto de fadas ou destruirá o relacionamento apaixonado e tóxico? CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h45, 17h, 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h, 18h15, 20h30; CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 19h40; CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 21h45; CINE SERCLA TAMBÁ 6 (dub.): 14h30, 16h30, 17h30, 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30, 16h30, 17h30, 20h30 14h30, 16h30, 17h30, 20h30.

CANO SERRADO (Brasil. Dir. Erik de Castro. Suspense. 16 anos). Sargento Sebastião está em busca de vingança: seu irmão, um caminhoneiro, foi morto. Ele está disposto a tudo para fazer justiça, mesmo que seja com as próprias mãos. CENTERPLEX MAG 2: 20h45.

CARRO REI (Brasil. Dir. Renata Pinheiro. Ficção Científica. 14 anos). Um menino que tem a estranha habilidade de conversar com carros. Com a proibição da circulação de carros antigos nas ruas da cidade, ele recorre ao seu melhor amigo de infância: um carro pensante. CINE BANGUÊ: 18h30 (seg., 29).

O DEBATE (Brasil. Dir. Caio Blat. Drama. 14 anos). A realização de um debate entre candidatos à presidência coloca em rota de colisão dois jornalistas casados (Débora Bloch e Paulo Betti) que trabalham juntos em uma emissora de TV. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 18h, 20h; CENTERPLEX MAG 2: 19h.

DRAGON BALL SUPER: SUPER-HERÓI (Dragon Ball Super: Super Hero. Japão. Dir. Tetsurō Kodama. Animação. 12 anos). O exército Red Ribbon havia sido destruído por Goku, mas alguns indivíduos decidiram levar adiante sua missão e criaram os androides supremos: Gamma 1 e 2. Qual será o objetivo do novo exército? CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 15h15 - 17h45 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 21h (exceto ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h, 17h30, 20h; CINE SERCLA TAMBÁ 5 (dub.): 14h20, 16h20, 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h20, 16h20, 18h20.

O LENDÁRIO CÃO GUERREIRO (Paws Of Fury: The Legend Of Hank. EUA. Dir. Rob Minkoff e Mark Koetsier. Animação. Livre). O perverso vilão felino Ika Chu e seu capanga Ohga se preparam para pôr um plano terrível em prática que pode acabar com a cidade de Kakamucho. A tarefa de combater esse perigo é tomada por Hank, um cachorro que sonha em ser um grande samurai. Em pré-estreia. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h15, 16h30, 19h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 18h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 17h; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 18h45; CINE SERCLA TAMBÁ 3 (dub.): 14h10, 16h10, 18h10; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h10, 16h10, 18h10.

DC - ALIGADOS SUPERPETS (DC League Of Super-Pets. EUA. Dir. Jared Stern. Fantasia. Livre). Krypto, o Supercão, e Superman, amigos inseparáveis, compartilhando os mesmos superpoderes e lutando contra o crime em Metrópolis lado a lado. Quando Superman e o resto da Liga da Justiça são sequestrados por Lex Luthor, Krypto forma uma equipe de animais de estimação

que receberam superpoderes. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 13h50; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30.

ELVIS (EUA. Dir. Baz Luhrmann. Biografia. 12 anos). Décadas da vida de Elvis Presley (Austin Butler) e sua ascensão à fama. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h, 18h30, 21h45; CENTERPLEX MAG 3 (leg.): 17h15.

MARTE UM (Brasil. Dir. Gabriel Martins. Drama. 14 anos). Uma família negra de classe média baixa sentem a tensão de sua nova realidade. CINE BANGUÊ: 18h30 (ter., 30); 20h30 (qua., 31).

MINIONS 2: A ORIGEM DE GRU (Minions: The Rise of Gru. EUA. Dir. Kyle Balda. Animação. Livre). Na década de 1970, Gru está crescendo no subúrbio. Fã de um grupo de supervilões conhecido como Vicious 6, Gru traça um plano para se tornar malvado o suficiente para se juntar a eles. Felizmente, ele recebe apoio de seus leais seguidores, os Minions. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h45, 16h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h45; CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h45. CINE SERCLA TAMBÁ 1 (dub.): 14h, 16h, 18h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h, 16h, 18h.

NÃO! NÃO OLHE! (Nope. EUA. Dir. Jordan Peele. Terror). Residentes em uma ravina solitária do interior da Califórnia testemunham uma descoberta estranha e assustadora. Do mesmo diretor de ‘Corra’. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (dub.): 14h, 19h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (leg.): 16h45, 22h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h45, 16h30, 19h15, 22h; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 17h; CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 21h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Vende-se poesia!

Você, como eu, leitor, deve ser abordado, vez por outra, por um qualquer, a propósito disso ou daquilo. Pode ser na rua, nas praças, nas paradas de trânsito, nos sinais, nas instituições, nos eventos, nas feiras livres, nos supermercados, nos shoppings, enfim, em todo lugar por onde caminham os signos da dita “civilização”.

Não faz muito tempo, sofri uma abordagem dessas. Estava com alguns confrades a jogar conversa fora como se diz por aí. De repente, um jovem se aproxima. Magro, alto, pálido, barbudo, cabelos longos, olhos fundos. Não era um mendigo nem um daqueles que se multiplicam nas ruas, perseguidos pela fome e pela miséria que insistem em dar as caras outra vez, nos dias nefastos por que passa o país a dormir em “berço esplêndido”.

Pediu licença, educadamente, e me entregou um papel, tipo cartão, com as seguintes palavras: “Parcerias e Poesias por encomenda. Você gosta de ler? Se sim, gosta de poesia? Se sim, gostaria que alguém escrevesse uma poesia sobre algum tema de sua escolha? Gostaria que o escritor te fizesse uma sugestão através de um diálogo? Então chama o Direct! Insta: @danteroo1”.

Guardei o papel, fiquei perplexo e espantado com a insólita ocorrência. Como o jovem fizesse menção de dizer qualquer coisa, educadamente o dispensei e me entreguei ao papo casual com aqueles que estavam comigo. Salvo engano, Milton Marques Júnior, Roberto Cavalcante e Luiz Augusto Paiva. Falávamos, se não me trai a memória, exatamente dos problemas da literatura em nossa terra, dos que são poetas e que se dizem poetas porque fazem versos, mas também dos que fazem versos por que são, de fato, poetas, como gosta de dizer o crítico Wilson Martins em seus recorrentes trocadilhos.

Coincidência? Casualidade? Alquimia cósmica? Determinismo? As famosas leis de atração? Eflúvios da biosfera? Sincronismo? Não sei, não sei, não sei. Talvez, mais uma dessas encenações ou performances desses artistas anônimos que procuram reduzir a vida à cena de um jogo teatral. Mas isso ou aquilo pouco importa!

Sei que o poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo erra, quando afirma, em várias entrevistas, que “a poesia é a antimercadoria”. Quem acerta mesmo é Marx, ao profetizar que, no mundo capitalista, o valor de uso vai se transformar em valor de troca, e que todos os bens, inclusive os espirituais, vão virar mercadoria.

Sem dúvida!

Se alguém me oferece um serviço desse tipo, certamente está conforme as leis da oferta e da procura. Certamente oferece porque há demanda, e que demanda! Fico apenas imaginando qual o significado de poesia para essas criaturas. Qual o significado de poesia para esse estranho poeta que mercadeja seu produto como se a palavra poética tivesse a dimensão de um sabonete, de um enlatado qualquer ou de alguma mágica quiromancia. Seja o fato real, seja pura mistificação.

Primeiro, penso que a poesia, como bem infungível, nunca poderia ser negociada. Até porque, de certa forma, a poesia está em todos nós, faz parte do patrimônio sensível de que todos dispõem perante a solicitação gratuita das coisas, nada mais sendo do que a luz da graça, uma dádiva espontânea da eternidade, aquele instante, raro e único, em que as harmonias do divino se incrustam na temporalidade de nossas vidas opacas.

Talvez o poema, sim, possa ser um produto ou um serviço dentro das regras do mercado. Como produto ou serviço pode ser feito, elaborado, construído, vendido etc. A poesia, não. A poesia só se sente, só se vive, dentro do mistério que comporta o inexplicável prazer poético. O poema tem, na palavra, seu limite. A poesia extrapola os dispositivos da linguagem.

Fosse o estranho e jovem poeta, poeta e comerciante, trocaria algumas palavras de seu cartão. Ninguém pode oferecer poesia a ninguém. Cada um já possui seu tanto de poesia dentro da alma, seu tanto de poesia diante da beleza.

De qualquer maneira, em que pesem a perplexidade e o espanto, ainda me parece melhor sermos abordados com certas ofertas malucas e, quem sabe, bem intencionadas, do que nos vermos diante de uma arma engatilhada, conforme sói acontecer por aí. Até como incentivo público!

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

MEMÓRIA

Livro reúne os grupos de baile da PB

Obra de Roberto Araújo será lançada hoje, em João Pessoa, junto à retomada do projeto 'Baile das antigas'

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Um clima de nostalgia deve, certamente, pairar neste domingo, no ambiente do Bessa Grill, situado na cidade de João Pessoa. É que no local será lançado, a partir das 15h, o livro 'História dos conjuntos & orquestras nos 60 anos de bailes na Paraíba', cuja autoria é do maestro Roberto Araújo, e é uma antologia publicada pela Editora Livro Rápido (PE), com 139 páginas, que custa R\$ 80 e faz um resgate da atuação, ao longo das últimas décadas, de cerca de 150 conjuntos e orquestras que animaram a juventude nas matinês e assustados na capital e pelo interior do estado. Na ocasião, o evento também vai marcar o retorno, no estabelecimento, do projeto 'Baile das antigas', com as participações das bandas Os Tropicais de Monteiro, The Beatles Tribute Band, de Campina Grande, e Os Karas, de João Pessoa. O ingresso individual custa R\$ 30 e a mesa para quatro ocupantes, R\$ 120.

"A nossa história, agora, tem registro e vai servir para que gerações futuras saibam como foi essa evolução musical, e com a certeza que vai emocionar e mostrar uma parte musical da Paraíba que nunca foi divulgada em livro", disse o autor, ao ressaltar a importância da publicação do livro. O músico, que também é educador e professor, e é natural de Serra Branca, lembrou que a obra também possui cunho didático e a ideia de produzi-la surgiu há alguns anos, quando seus alunos lhe

perguntaram se não existia algum trabalho que registrasse a história desses conjuntos e orquestras.

"Foi isso que me estimulou a escrever", confessou Roberto, que a partir de então iniciou intensa pesquisa, ao longo de duas décadas, para catalogar as informações, tarefa que contou com a ajuda de amigos, que lhe comunicavam a existência de dados a respeito do assunto em determinados locais.

Na ocasião do lançamento da obra, o maestro informou que deverão ser prestadas homenagens póstumas aos amigos e colegas que integravam alguns desses grupos e faleceram nos últimos três anos: Nena, Lira, Diagoras Jr., Floriano Miranda, Golinha, Marcos Paiva, Baby, Pinto do Acordeon, Afonso, Zé Crisólogo, Inaudete Amorim, Luís Carlos, Hermes Filho, Henrique do Vale, Carlos Ysnay, Aristides, Jurandir dos Brasas, Sérgio Smith, Letinho, Tonhão, Raimundo batera, Landinho, Ronaldo Soares, Flávio Pitomba e Dainha.

Ao se referir ao conteúdo do livro, o autor disse que a obra retrata uma história que registra a atividade dessas orquestras e conjuntos, a exemplo dos Quatro Loucos, Selenitas, Os Bárbaros, Os Brasões, The Gentlemen e Molho Inglês, até os dias de hoje, e ainda inclui uma iconografia com 350 imagens de grupos – alguns com mais de uma foto – das regiões do estado, a exemplo do Litoral, Sertão e Cariri.

"Participavam da animação, orquestras influenciadas pelos anos dourados, com clássicos do jazz in-

ternacional e nacional. E, com o surgimento dos conjuntos musicais influenciados por Beatles e Rolling Stones, e o movimento da Jovem Guarda, vão tomando espaço na capital paraibana e pelo interior do estado, nas festas de debutantes, formaturas e em bailes diversos", comentou Roberto Araújo.

O pesquisador admitiu que a atividade dos conjuntos e orquestras de bailes na Paraíba entrou em decadência, com o passar do tempo. "O aparecimento das discotecas, com suas luzes negras e a música eletrônica contribuíram para esse declínio, mas há algumas, como a Tuareg's, que resistem até hoje, pois ainda se apresentam em eventos como festas de formatura, aniversários e casamentos", disse o maestro.

Quando ao projeto 'Baile das antigas', Roberto Araújo, que é o produtor desse evento, lembrou que acontecia mensalmente no Bessa Grill, localizado no Bairro do Bessa, sempre no último domingo de cada mês, mas foi interrompido com o surgimento da pandemia da Covid-19. Agora, a partir do lançamento do livro, será retomado e já há uma agenda definida para as próximas edições, que estão previstas para serem realizadas nos dias 25 de setembro, 30 de outubro e 27 de novembro. A logística do projeto consiste na apresentação de dois conjuntos principais e um convidado, num trabalho organizado por uma comissão determinada pelo próprio maestro, que participa dos bailes tocando no conjunto Os Bárbaros e no Antigos Brasões.

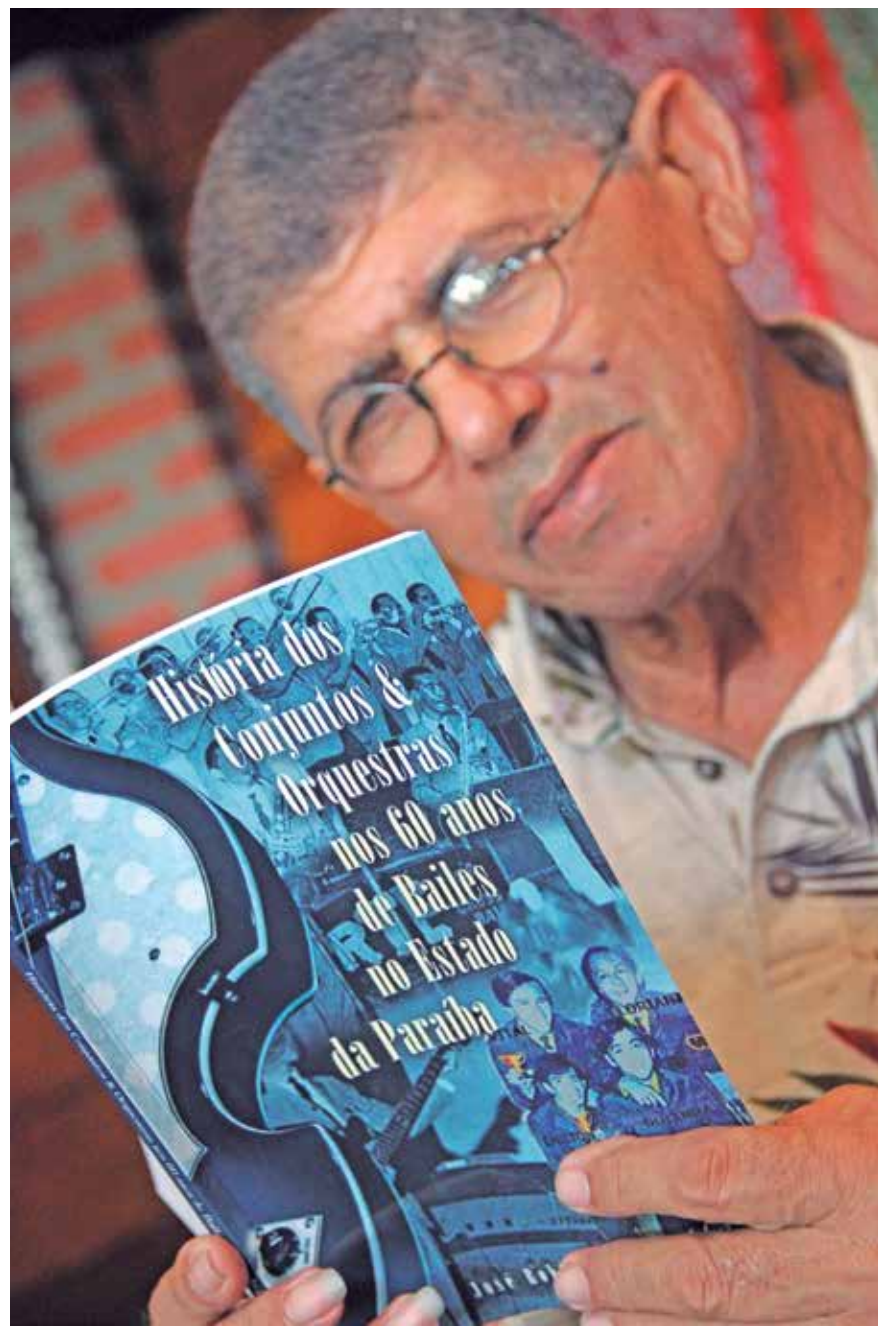


Foto: Marcos Russo

Músico e professor Roberto Araújo autografa seu livro a partir das 15h, no Bessa Grill, antes de Os Tropicais de Monteiro, The Beatles Tribute Band e Os Karas embalarem o fim de tarde

MUITO ALÉM DO GRITO DO IPIRANGA

UM MERGULHO NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

TABAJARA
CONTA A
HISTÓRIA



SEGUNDAS,
8H ÀS 8H30
NA TABAJARA FM 105.5

Tabajara

EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

CAMPANHA

Guia será decisivo para as eleições

Especialistas em marketing atribuem aos programas no rádio e TV importância fundamental para candidatos

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

O futuro governador da Paraíba será conhecido por suas ideias e propostas bem 'vendidas' no Guia Eleitoral gratuito de rádio e tevê, que teve início na última sexta-feira. A previsão é dos marqueteiros que lidam diariamente com o convencimento do público a aceitar e comprar determinado produto ou serviço, no caso das eleições, os candidatos. A reportagem de **A União** ouviu alguns profissionais do setor, que contaram como esta etapa da campanha é a mais importante de todas as outras.

Para Jurandir Miranda, da Agência Nova Ideia, a força da tevê, principalmente a aberta, ainda é muito grande, porque, segundo ele, corresponde a 70% como fonte de informação dos brasileiros.

"Isso é muito forte. A força da tevê, principalmente a aberta, é impressionante. Ela corresponde a 70% como fonte de informação dos brasileiros. O poder que ela exerce é decisivo. E um Guia Eleitoral, em horário nobre, proporciona um impulsionamento significativo e decisivo. Mas claro, também não podemos esquecer e nem menosprezar

Força da TV, principalmente a aberta, ainda é muito grande, porque ela chega a representar 70% da fonte de informação dos brasileiros



a força das redes sociais", disse o marqueteiro.

Já para o publicitário e também marqueteiro Ruy Dantas, da Sin Comunicação, o guia eleitoral é onde se decide de fato uma eleição. Neste período da campanha, este instrumento leva o eleitor a decidir o seu voto, especialmente para aqueles que não estão convictos dos nomes que irão votar para os mais diversos cargos, em particular aos cargos do Executivo.

"O Guia Eleitoral decide de fato. É a hora da onça beber água. É quando se ganha uma campanha, de fato, uma eleição. Neste período do processo eleitoral, este instrumento leva o eleitor a decidir o seu voto, especialmente para aqueles que não estão convictos dos nomes que irão votar para os mais diversos cargos, em particular aos cargos do Poder Executivo, no caso governador e presidente", explicou.

No primeiro guia exibido no rádio e na tevê, na sexta-feira passada, os cinco candidatos com tempo de televisão e rádio usaram seus respectivos espaços para se apresentarem aos paraibanos e já iniciaram com as colocações de suas propostas contidas em seus respectivos planos de governo.

A candidata Adjany Simplicio (Psol), por exemplo, além de se apresentar falou as diretrizes do plano de go-

verno que se baseiam em 13 eixos, que versam sobre verbas orçamentárias, Segurança Pública, Educação, Saúde, Mulheres, Combate à LGBTfobia, Cultura, Comunicação como Política Pública, Direito à Moradia, Mobilidade Urbana, Esporte e Lazer, Meio Ambiente e Gestão Hídrica.

Já Nilvan Ferreira (PL) falou também, além de se apresentar aos eleitores, de uma série de medidas que ele pretende cumprir. Também

abordou que pretende promover mudança no Governo do Estado. Entre estas mudanças, citou a diminuição de secretarias do Estado, que inclusive está em seu plano de governo, que contém 45 páginas e abordar pilares importantes da administração de um governo.

Pedro Cunha Lima (PSDB) explorou a questão da educação como a solução para o desenvolvimento e a solução para uma série de problemas do Estado. Aliás, em seu plano de Governo, o tema está bastante explorado. Entre os principais pontos estão a criação de programas na área da educação, como a Carteira Nacional de Habilitação Estudantil e a concessão de bolsas para estudantes em vulnerabilidade social, no ensino superior.

O candidato à reeleição, João Azevêdo (PSB) foi na mesma linha da maioria dos candidatos com tempo de tevê e rádio e se apresentou à população paraibana. O guia do socialista trouxe falas dos candidatos a vice-governador e vice-presidente da República, Lucas Ribeiro (Progressistas) e Geraldo Alckmin (PSB). Também foram exibidas ações do seu Governo.

Sorteio no TRE definiu sequência da exibição de cada candidato

O sorteio realizado no último dia 19 que definiu a sequência de veiculação do guia eleitoral, foi coordenado pela desembargadora Maria de Fátima Moraes Bezerra Cavalcanti Maranhão, vice-presidente e corregedora do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB).

Na oportunidade, a desembargadora Fátima Bezerra Maranhão lançou a campanha Eleições Limpas, para juntos aos partidos, coligações e federações, serem colhidos todos os materiais impressos e entregues a uma das cooperativas de reciclagem do Estado, cujos nomes serão disponibilizados no site do TRE-PB, para que papéis usados na propaganda não fiquem pelas ruas.

"Se nós protegermos o meio ambiente, possibilitando ajudar a uma instituição carente, estaremos sendo

mais que cidadãos, estaremos sendo solidários com o próximo", afirmou a corregedora.

Na rádio todo o período de propaganda está sendo gerado pela Rádio Tabajara, e na TV, as emissoras, cada uma, terá um período de geração, começando pela TV Cabo Branco, seguida da TV Correo, finalizando para o primeiro turno com a TV Tambaú; se houver segundo turno, recomeça com a TV Arapuan e finaliza com a TV Manaíra.

No período de propaganda no Rádio e TV, que vai de sexta-feira passada até 29 de setembro de 2022, nas segundas, quartas e sextas, o horário eleitoral gratuito trará propaganda para os cargos de governador, senador e deputado estadual; terças, quintas e sábados será a vez para os cargos de presidente da República e deputado federal.

O sorteio do horário eleitoral gratuito, para o cargo de governador ficou na seguinte ordem de apresentação: Juntos pela Paraíba (João Azevêdo); A Paraíba tem pressa de ser feliz (Veneziano Vital do Rêgo); Coragem para mudar (Pedro Oliveira Cunha Lima); Direito ao futuro PSOL (Adjany Simplicio de Castro); e PL (Nilvan Ferreira).

Para o cargo de senador, a ordem de apresentação é a seguinte: PDT (André Ribeiro Barbosa); A Paraíba tem pressa de ser feliz (Ricar-

“

Protegendo o meio ambiente, estaremos sendo mais que cidadãos, estaremos sendo solidários

Fátima Maranhão

do Vieira Coutinho); PSOL VERDE (Alexandre Soares de Melo); Coragem para mudar (Bruno Figueiredo Roberto); Coragem para mudar (Efraim de Moraes Filho); e Juntos pela Paraíba (Yasnaia Pollyanna Werton Dutra).

Quanto aos candidatos que não atingiram os requisitos mínimos, não terão acesso ao horário eleitoral. Pela cláusula de barreira, é preciso que as legendas tenham obtido 1,5% dos votos válidos na última eleição em um terço dos estados, ou nove deputados eleitos distribuídos por um terço do território nacional.

Na Paraíba, são: Adriano Trajano (PCO), Antônio Nascimento (PSTU) e Major Fábio (PRTB).

Ordem

Confira a exibição de cada candidato:

João Azevêdo (PSB) – 3'15"

Veneziano Vital do Rêgo (MDB) – 2'08"

Pedro Cunha Lima (PSDB) – 3'23"

Adjany Simplicio (PSOL) – 2'4"

Nilvan Ferreira (PL) – 48"

MINISTÉRIO DO TURISMO E SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA APRESENTAM

A GOLONDRINA de Guillem Clua

com TANIA BONDEZAN e LUCIANO ANDREY
direção GABRIEL FONTES PAIVA
idealização RONALDO DIÁFERIA

TEATRO PAULO PONTES
JOÃO PESSOA
09, 10 e 11.09
SEX E SÁB ÀS 20H
DOM ÀS 19H

VENDAS NAS LOJAS SKYLER DOS SHOPPINGS MANAÍRA E TAMBIA OU PELO SITE WWW.INGRESSODIGITAL.COM

INFORMAÇÕES 2106-6504

PESQUISA

Machismo ainda é barreira para a ascensão da mulher

Cultura sobre o papel feminino na sociedade dificulta a entrada delas na política

Pesquisa realizada pela Conecta - aceleradora que capacita mulheres para atuarem na política - mostrou que o machismo segue sendo o principal impeditivo para entrada das mulheres na política. Para 47,5%, trata-se ainda de uma cultura a respeito do papel feminino na sociedade. A pesquisa foi aplicada entre 1 e 12 de agosto e ouviu mais de 200 mulheres.

A falta de apoio financeiro apareceu em segundo lugar, sendo apontada por 22,5% das entrevistadas. Outra razão apontada foi a visão da política como um meio corrupto (75%). Já a falta de segurança para candidatas mulheres durante a campanha e a ausência de apoio de outras mulheres aparecem com 5% cada.

De acordo com a publicitária, mestre em políticas públicas, e idealizadora do projeto, Luana Tavares, a pesquisa mostra como o problema é estrutural. “A maior parte das mulheres que responderam a pergunta entendem que nós não conseguimos adentrar na política por conta de uma cultura antiquada que define um suposto papel da mulher na sociedade. E, na verdade, isso precisa mudar”, destacou.

Luana ressaltou ainda que a política só pode evoluir com o aumento de representatividade, sobretudo, com a ascensão de mais mulheres aos cargos políticos. “É assim que é ou deveria ser a democracia. Precisamos ter representantes de toda a população nos nossos ambientes políticos, onde são discutidas as principais questões do país. Só assim conseguiremos aproximar os governos da sociedade e efetivamente melhorar o nosso Brasil”, argumentou.

■ **A falta de apoio financeiro é apontada como o segundo maior obstáculo para a entrada das mulheres no mundo político**



Fotos: Pixabay

Conecta entrevistou mais de 200 mulheres sobre a visão delas a respeito da participação feminina na política

Mais da metade da população feminina não se vê representada

O levantamento mostrou ainda que 47,5% das respondentes acreditam ser o melhor caminho para alcançar a igualdade de gênero na política o direcionamento de políticas públicas para participação das mulheres, independente do gênero do legislador. Na contramão, outras 42,5% acreditam ser fundamental aumentar o número de parlamentares mulheres no Congresso. Aumentar o número de mulheres em cargos do poder Executivo foi apontado por 10% das entrevistadas.

Mais da metade das mulheres entrevistadas pela pesquisa disseram que definitivamente não estão bem representadas na política. Foram 57,5% dos votos para esta opção, enquanto outras 30% afirmaram sentir “não muito” bem representadas. Apenas 12,5% se consideram bem representadas, embora considerem que há espaço para melhorar. Ninguém se considerou muito bem representada.

“Isso é um reflexo estatístico

que corresponde a ausência de mulheres nos postos políticos. Nós somos a maioria da população, mas quando vamos ver nossos números dentro de Casas como a Câmara, por exemplo, estamos em torno de 15%”, afirmou Luana.

As cotas para as mulheres são enxergadas como uma excelente opção para promover a inclusão de gênero nas esferas do Poder, de acordo com a enquete realizada: 66,67% consideram uma ótima proposta de política pública, tanto para reservar espaço no Parlamento, quanto para o financiamento da campanha. Outras 12,82% das respondentes acreditam que esta é uma política pública ruim por ser discriminatória.

A principal motivação para se tornar candidata deve ser servir o país. Segundo a pesquisa, 32,5% das mulheres acreditam que este deveria ser o primeiro objetivo das candidatas. Melhorar a vida das mulheres foi apontado por

20% das entrevistadas, assim como melhorar a vida da comunidade de origem.

Metodologia

O levantamento foi feito usando Survey Monkey apenas com as mulheres que fazem parte do Conecta entre os dias 1 e 12 de agosto. Foram 201 respondentes. E mede apenas a visão do Conecta sobre o papel feminino na política.

Desigual

Embora as mulheres sejam a maioria da população, elas representam em média apenas 15% do total de parlamentares nas casas legislativas do país

DEZ ANOS

Aniversário da Lei de Cotas terá sessão especial

Aprovada pelo Congresso e sancionada em 2012, a Lei de Cotas completa 10 anos na segunda-feira (29) e será celebrada pelo Senado em uma sessão especial marcada para as 10h. A Lei 12.711, de 2012, reserva vagas em universidades e institutos federais a estudantes de baixa renda oriundos de escolas públicas.

A ideia da celebração é do senador Paulo Paim (PT-RS). Ele aponta no requerimento (RQS 23/2022) que a Lei de Cotas contribuiu, de forma decisiva, para mudar o perfil demográfico da população acadêmica brasileira e, por consequência, com a formação acadêmica e profissional de parte da população de baixa renda e discriminada.

“

Passados 10 anos, como prevê a própria Lei, julgamos necessário a prorrogação da política de lei de cotas

Paulo Paim

“A Lei colaborou de forma significativa para que camadas sociais exercessem o direito à educação em nível superior mudando o cenário social do país”, argumenta o parlamentar.

A lei determina que as instituições federais de educação superior, vinculadas ao Ministério da Educação, instituições federais de ensino técnico em nível superior e instituições de ensino técnico em nível médio reservem, no mínimo, 50% de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas. Em cada categoria de renda, há vagas reservadas para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência.

Paulo Paim afirma que, em que pese o avanço, ainda persiste no Brasil uma dura realidade de racismo e desigualdade no acesso à educação, notadamente superior e técnica. O senador defende a continuidade das cotas nas universidades. A norma prevê uma análise da política pública 10 anos após a sua implementação.

“Por isso, passados 10 anos, como prevê a própria Lei, julgamos necessário a prorrogação da política de lei de cotas. Diversas iniciativas tramitam no Congresso Nacional com esse objetivo. Diante disso, faz-se necessário uma sessão especial para celebrar os avanços obtidos e fortalecer a sua renovação”, conclui.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Jerimum com G

- Ei, rapaz – repreendeu minha insigne revisora – jerimum se escreve com J e não com G.

- Opa, desculpe nossa falha!

Essa revisora é um modelo de honestidade intelectual. Seu culto à norma culta faz com que benquerenças pessoais não interfiram nas suas verdades linguísticas. Isso é fato. Errou, retifica.

É bom esclarecer que a palavra jerimum vem carregada de preconceito latente. Eu quis tomar uma providência, mudar a grafia do fruto da aboboreira, porque todo mundo sabe que rola na região sudestina uma imagem repleta de intolerância, dando conta de que todo nordestino é um guloso comedor de carne de charque, o famoso jabá, com jerimum caboclo, de leite, moranga ou paulista. No Rio Grande do Norte, aquela gentil nação potiguar perde a linha quando é chamada de “comedor de jerimum”.

O dito “Papa-jerimum” veio do século dezenove. Conforme o folclorista potiguar Câmara Cascudo, a expressão “papa-jerimum” nasceria na “desastrada administração de Lopo Joaquim de Almeida Henriques, entre 1802 e 1806, quando foi exonerado da capitania Rio Grande, e mandado retirar-se imediatamente pelo capitão-general de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro”. Diz a lenda que Lopo Joaquim “mandou fazer roçados de jerimum pela tropa, e, na safra, ele carregava a maior parte da produção das abóboras”. Ficou a alcunha. Em função da nossa cabeça chata, os maliciosos irmãos do sul/sudeste também nos cognominam de “cabeça de jerimum”. De modo que, por mim, alterava-se o termo “jerimum”, passando a se escrever com G. Eles até poderiam continuar nos chamando de “cabeça de jerimum”, com J, mas a galera dos “paraibas” se vingaria, intitulado-os de amarelos analfabetos.

Levada a questão ao poeta e africanista Dalmo Oliveira, esse teórico das culturas do terceiro mundo ensinou que a abóbora tem origem na América, onde foi agricultada há cerca de nove mil anos pela civilização Olmeca, e seu cultivo foi adotado pelas civilizações Maia, Asteca e Inca. No Brasil, o fruto da aboboreira tem seu nome ligado aos silvícolas. Toda palavra que tem como princípio a fala dos nossos índios se escreve com J. Ele foi peremptório: “Seu sonho é escrever jerimum com G? Escreva. No entanto, sua chance de alterar a designação da fruta é igual à de uma aranha numa floresta em chamas, como diria o poeta maldito Charles Bukowski, a menos que a floresta seja aquela idealizada pelo Presidente: úmida, e, portanto, não inflamável. Mas, abra os olhos e reconheça a poesia encravada na questão. Quem revolucionou a culinária à base de jerimum? Foram nossos ancestrais africanos. Quem é o guardião da comunicação? Exu! E o que doutrina Exu? Sendo a entidade que baixa, personificado, nas diversas perspectivas do conhecimento e percepção, Exu bate de frente com todo poder que quer controlar e regular os dizeres e expressões. O orixá da comunicação é frontalmente contrário a uma ordem única. Se você quer escrever jerimum com G, está liberado pelas divindades do Candomblé, porque tudo é poesia”.

Caiu até no Enem. A prova apresentou, em 2017, o seguinte poema de um menino de 12 anos, morador do sítio Gerimum, na aba da serra da Borborema:

Este é o meu lugar
Meu Gerimum é com G
Você pode estranhar
Eu não ligo pra você
Gerimum aqui se planta
Comemos como purê
Nós só somos esquisitos
Pra gente que sabe ler

Oscilante entre as diretrizes e a tradição, o professor defensor das regras e padrões linguísticos assim pontificou: “De acordo com os dicionários, jerimum é grafado com ‘j’. No entanto, o poema utiliza o termo ‘gerimum’ com ‘g’, para afirmar a relação do eu lírico com o seu lugar, que independentemente da forma que é grafada, representa a afetividade com o local, sem se importar com a norma culta, pois a intenção comunicativa é a mesma”.

ELEIÇÃO DE 1919 PARA PRESIDENTE

Epitácio Pessoa, o ausente escolhido

Vencedor do pleito, realizado no dia 13 de abril, esteve durante todo tempo da campanha fora do país, em Paris

Ricardo Westin
Agência Senado

Há 103 anos, os brasileiros votaram na eleição presidencial mais estranha da sua história.

Num caso sem paralelo, os eleitores que foram às urnas em 13 de abril de 1919 deram vitória a um candidato que havia passado todo o período eleitoral em Paris.

Foi Epitácio Pessoa, que não voltou ao Brasil nem sequer para fazer campanha ou votar.

Epitácio só chegaria ao Brasil em julho, já presidente eleito, a bordo de um transatlântico.

Ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro, foi recebido com festa pela população. Faltava apenas uma semana para a posse.

Na chegada, os jornalistas lhe perguntaram quem faria parte da nova equipe ministerial.

“Tenho pensado muito sobre o assunto, mas ainda nada decidi”. Limitou-se a responder, demonstrando irritação por não ter muito a dizer sobre o futuro governo.

Epitácio não estava na Europa a passeio. Ele era o chefe da delegação brasileira enviada à Conferência de Paz de Paris, na qual os países vitoriosos na Primeira Guerra Mundial acertaram os termos de paz com os derrotados.

O Brasil ganhou um assento no encontro por ter entrado no conflito ao lado dos aliados, ainda que apenas nos momentos finais e como um minúsculo coadjuvante.

A curiosa eleição de abril de 1919 foi fora de época.

Em janeiro, o Brasil havia



Epitácio nunca imaginou chegar à Presidência da República

sido sacudido pela morte do presidente Rodrigues Alves, por gripe espanhola, sem chegar a assumir o segundo mandato.

Desde novembro de 1918, quando Rodrigues deveria ter tomado posse, o Brasil vinha sendo governado interinamente pelo vice, Delfim Moreira.

Os brasileiros, então, foram chamados às urnas.

Quando a inesperada sucessão foi aberta, Epitácio já estava fora do Brasil.

Uma carta dos caciques políticos logo chegou ao Hotel Plaza, o hotel cinco estrelas

onde o brasileiro estava hospedado em Paris, avisando que ele se preparasse, pois seria o candidato do establishment.

“É um honra tão insigne quanto inesperada”, respondeu Epitácio num telegrama destinado ao vice-presidente do Senado, Antônio Azeredo (MT).

“A espontaneidade da designação, feita em minha ausência e sem nenhuma sugestão da minha parte, me convence de que a própria República é que reclama meus serviços no posto supremo do seu governo.”

Senadores deram o tom na disputa acirrada pela Presidência da República

O Senado foi um ator político bastante presente nessa eleição. Primeiro, porque os dois candidatos eram senadores: Epitácio Pessoa, representante da Paraíba, e o colega Ruy Barbosa, da Bahia. Segundo, porque a Casa foi o palco da convenção nacional que apresentou Epitácio à população como o candidato oficial da elite política. Terceiro, porque a apuração final coube ao Senado e à Câmara dos Deputados, que tinham poder para anular os votos que considerassem fraudulentos.

Hoje, em seu acervo histórico, o Arquivo do Senado guarda uma série de documentos de 1919 que ajudam a explicar como um candidato se elegeu presidente estando no outro lado do Atlântico e sem nem sequer mover uma palha.

Entre esses documentos, estão discursos de parlamentares.

O senador Francisco Sá (CE), um dos raros políticos que aderiram à candidatura opositorista de Ruy Barbosa, chamou a eleição brasileira de “cena teatral”. Ele já sabia que Epitácio Pessoa ganharia sem dificuldade.

Indignado, Sá discursou: “Ruy Barbosa representa a

reação contra os processos iliberais das escolhas feitas à revelia do povo, contra as combinações do predomínio regional e contra as ambições abrigadas no segredo dos conchaves oficiais”.

Com poucas palavras, ele descreveu toda a engrenagem que movia a política da Primeira República (1889-1930).

Em boa parte do período, o grande poder não estava nas mãos do presidente, mas nas dos chefes políticos dos estados (em especial São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul).

A forção dos coronéis

Os coronéis tinham tanta força que quem de fato escolhia os presidentes do Brasil eram eles. Os ocupantes do Palácio do Catete, em retribuição, evitavam se intrometer nos man-

dos e desmandos dos feudos estaduais.

O senador Soares dos Santos (RS) defendeu a candidatura de Epitácio:

“O futuro presidente deve ser uma garantia para a estabilidade do regime vigente.

Ninguém poderá negar o perigo que trariam as tentativas de reformas políticas na atualidade”.

De forma indireta, Santos atacou a principal plataforma eleitoral de Ruy Barbosa: reformar a Constituição para fortalecer o Supremo Tribunal Federal (STF).

Para que o STF pudesse crescer, os estados, o presidente e o Congresso teriam que se enfraquecer — contrariando toda a lógica da Primeira República.

Chefões políticos da época ditavam as regras de acordo com seus ideais

A escolha do presidente passava por três etapas. A primeira ocorria nos bastidores, onde os chefões políticos dos estados negociavam até chegarem a um nome de consenso. As negociações eram tão complicadas que podiam se estender por até dois anos.

Segundo uma pesquisadora da historiadora Cláudia Viscardi, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ao menos 40 medalhões participavam dos conchavos para a escolha dos presidentes. Entre eles, estavam ex-presidentes da República, ministros, senadores, deputados, governadores, integrantes do STF, militares e até donos de jornal.

Essa era a fase decisiva. As duas seguintes eram apenas jogos de cena que

buscavam dar um verniz democrático à eleição. Na segunda etapa, o candidato escolhido era levado a uma convenção nacional, na qual votavam senadores e deputados. Em fevereiro de 1919, reunidos no Senado, os convencionais aclamaram, claro, Epitácio Pessoa.

Na terceira e última etapa, os eleitores finalmente votavam. No dia da eleição, para garantir que o presidenciável do establishment sairia mesmo vitorioso nas urnas, os coronéis colocavam em ação as fraudes e os votos de cabresto. Se ainda fosse necessário, o Senado e a Câmara, incumbidos da apuração, tirariam votos do postulante indesejado e dariam ao candidato oficial.

Portanto, os políticos que disputavam a Presidência da República não precisavam fazer corpo a corpo com os eleitores nem discursar em comícios. A vitória viria de qualquer maneira. Foi por isso que Epitácio nem pisou no Brasil no período eleitoral.

Na convenção nacional de 1919, no Senado, o deputado Flores da Cunha (RS) tentou justificar a inexistência de campanhas eleitorais no Brasil:

“Não é no bulício das ruas nem na turbulência dos comícios que se pondera sobre assuntos de tanta relevância.

É no palácio dos kaisers e dos czars”. Retrucou um parlamentar provocador que o taquígrafo do Senado não conseguiu identificar.

São Paulo e Minas Gerais queriam os seus representantes na disputa



Em 1920, de bengala, quando em visita ao encouraçado da Marinha brasileira

Epitácio Pessoa, na realidade, não era o nome preferido das oligarquias estaduais. Os paulistas desejavam que o novo presidente fosse o governador de São Paulo.

Os mineiros, que fosse o governador de Minas Gerais. Um estado não queria ceder ao outro.

“É um mito a ideia de que São Paulo e Minas Gerais viviam em paz dividindo o poder na Primeira República.

Ao contrário, era uma relação cheia de desconfianças e conflitos. Foi justamente uma crise entre eles que levou ao fim da Primeira República, na sucessão presidencial de 1930”, explica Cláudia Viscardi, da UFJF.

Em 1919, como o tempo para as negociações em torno do candidato oficial era muito curto, os dois estados acharam mais prudente optar logo por alguém de um estado pequeno e neutro. Em apenas um mês, longe dos holofotes, o martelo foi batido a favor do senador paraibano Epitácio Pessoa.

“Foi ideia [ser presidente] que jamais me perpas-

sou pela mente”, escreveria Epitácio, mais tarde, em seu livro Pela Verdade, “não só porque, sem modestia, não me sentia à altura do cargo, como porque a máquina política do país estava montada de tal maneira que ao representante de um estado pequeno, como a Paraíba, não era lícito levar tão longe a sua ambição.”

Epitácio Pessoa disse que, por pertencer a um estado pequeno, nunca imaginou chegar à Presidência da República (imagem: Bain - Library of Congress)

Isso, porém, não quer dizer que Epitácio não tivesse as credenciais políticas necessárias para o cargo. Seu currículo era invejável. Formado em direito, ele havia sido secretário-geral do governo da Paraíba, deputado constituinte, ministro da Justiça, ministro do Supremo Tribunal Federal e procurador-geral da República. No Senado, havia presido de a importante Comissão de Justiça e Legislação.

Na Convenção de Paz de Paris, ele conseguiu importantes vitórias. O Brasil passou a ser dono de na-

vios alemães que haviam sido aprisionados em portos nacionais, e a Alemanha aceitou pagar uma indenização pelo café brasileiro que havia confiscado durante a Primeira Guerra.

Em 1920, o presidente Epitácio Pessoa (de bengala) visita encouraçado da Marinha (imagem: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Na eleição de 100 anos atrás, Epitácio ficou com 71% dos votos. Ruy, com 29%.

Dias depois de o vencedor chegar de Paris, o Senado e a Câmara o homenagearam com um baile de gala no Clube dos Diários, no Rio de Janeiro, que virou a madrugada.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



Wanicleide Leite, Ediliane Marinho, Ruth Avelino, Rafael Moita, Rômulo Soares, Maria Helena Rangel, Graça Moura, Eduardo Fuba, Isabele Trigueiro, Adenilson Maia União e Gigi Rolim são os aniversariantes da semana



Chico Noronha (na foto entre Roberto Maia e Madeleine Braga), o presidente da comissão que vai marcar o retorno do Baile dos Artistas, informando-nos de que a primeira ação do projeto é a Feira Étnica Preta, evento cultural que vai acontecer no Centro Cultural Energisa, no dia 9 de setembro próximo.



Marcus Alves (foto), diretor da Funjope, se reuniu com a equipe que trabalhará nas esperadas rodadas de negócios do primeiro FestineJP (de 26 a 30), que inclui jovens do projeto @ecanativ. Deise Marques e Marcel Vieira atuarão com eles. André Xingu e Manú estão na produção executiva do Festival.

Durante reunião, que aconteceu no restaurante Estaleiro, na praia do Seixas, em João Pessoa, associados da recém-criada Federação Brasileira de Jornalistas e



Comunicadores de Turismo (FEBTUR) decidiram criar um certificado (nos moldes do que é entregue no Cabo da Roca, em Portugal), que marque a presença do turista que visite o ponto extremo oriental das Américas e do Brasil, a Ponta do Seixas. Na ocasião, estiveram presentes os associados Fernando Duarte, Francelino Soares, Sales Dantas, Ferdinando Lucena, Arthur Lira, Vilma Giuseppe, Gil Figueiredo, Ceres Leão, Nena Martins, Nonato Guedes, Cláudio Junior, Hélio Costa, Manoel Raposo e esta colunista.



A nossa querida amiga Nilda Gadelha teve seu aniversário festejado na última quinta-feira, na Cafeteria São Braz, do Manaira Shopping. Registrei a presença das amigas Marluce Almeida, Terezinha Mendes, Marlene Barros, Graça Sousa e Divany Brasil.

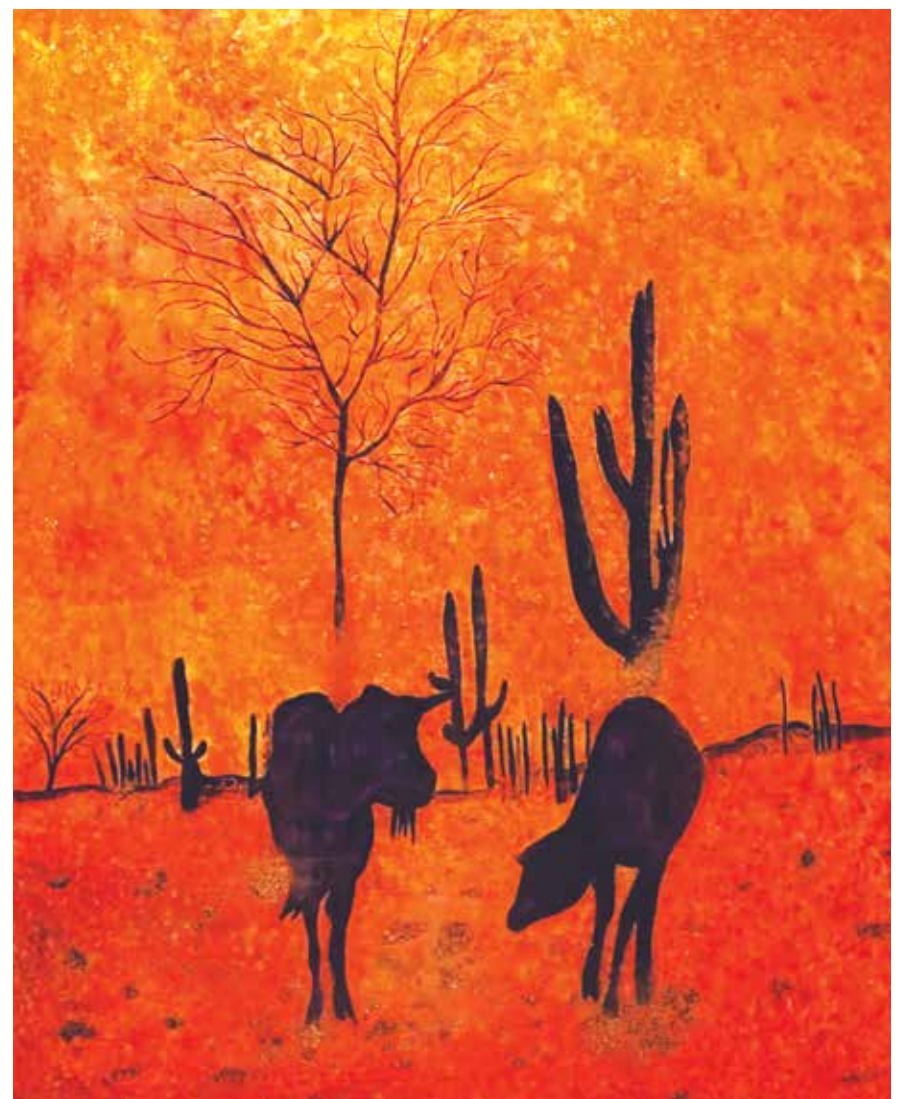


O casal Otto Marcelo Navarro e Lúcia Cruz participou do evento de abertura da edição do Caminhos do Frio, em Bananeiras, município que é referência quando o tema é qualidade de vida.



Durante Fantur realizado na capital paraibana, um grupo de senhoras visitou o Celeiro Espaço Criativo, equipamento turístico/cultural que abriga o rico artesanato paraibano. Na visita, registramos as presenças do diretor Walfrido Henrique e do curador Ilson Moraes, entre as visitantes.

O artista plástico DiSouza está finalizando as ilustrações do meu livro de literatura infantil "Dona Cotinha, a Vaca Voadora", cujo texto foi revisado pelo professor Francelino Soares. A publicação terá o selo da editora A União e será lançada no próximo mês de outubro.



Marletti Assis, uma artista plástica fabulosa, está participando da mostra "Mata Branca", com a tela "O sol brilha na terra e no céu". A mostra está acontecendo no Celeiro Espaço Criativo, localizado no Altiplano Cabo Branco.



No dia 5 de setembro, às 16h, vai acontecer um avant première da Luxo Décor Brasil, a mostra mais luxuosa e arrojada de arquitetura, decoração, interiores e paisagismo da Paraíba. Claro que marcarei presença.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423
98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 3 de agosto de 2022

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

-0,66%

R\$ 5,078

Euro € Comercial

-0,90%

R\$ 0,037

Libra £ Esterlina

-1,41%

R\$ 5,959

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Julho/2022 -0,68

Junho/2022 0,67

Maior/2022 0,47

Abril/2022 1,06

Março/2022 1,62



AUXÍLIO BRASIL

Consignado pode ser risco à população mais vulnerável

Sem planejamento, crédito extra compromete o orçamento das famílias pobres

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Bancos e financeiras estarão aptos a oferecer seus serviços a 20,2 milhões de famílias beneficiadas pelo Auxílio Brasil, que poderão comprometer até 40% do valor da renda recebida com empréstimos. Também entra nesta autorização quem recebe o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que pode utilizar até 45% do valor com a realização de consignados. Entretanto, especialistas advertem que a ampliação de crédito é uma medida de risco a quem contrai os financiamentos, devido aos altos juros e o elevado índice do comprometimento da renda.

Além de possibilitar o acesso ao crédito aos beneficiários dos programas de transferência de renda e do BPC, a Lei 14.431/22 ampliou, neste mês, a margem de crédito consignado aos empregados regidos pela

Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e aos segurados da Previdência Social.

Os beneficiários do Auxílio Brasil começaram a receber o valor do benefício com aumento de 50%. Por meio de emenda constitucional promulgada em julho, o valor passou de R\$ 400 para R\$ 600, com previsão de permanência até 31 de dezembro. O chefe de família que receber o benefício no valor máximo poderá ter desconto de R\$ 240.

Para o economista e professor da UFPB, Lucas Milanez, a concessão do crédito consignado pode prejudicar a subsistência das famílias vulneráveis. "O Auxílio Brasil é uma transferência de renda para famílias muito pobres, com renda per capita de até R\$ 200. Esses valores deveriam ser para a compra de alimentos. Mas, como são pessoas que não possuem o básico, há uma demanda reprimida ao consumo de bens duráveis, como eletro-

domésticos, roupas e calçados".

Lucas Milanez frisa que os empréstimos podem ser desastrosos porque as famílias vão comprometer a renda por muito tempo nos empréstimos, ficando com o orçamento desfalcado para a aquisição da cesta básica, por exemplo.

Liberação

De acordo com o ministro da Cidadania, Ronaldo Bento, o acesso aos empréstimos deve acontecer em setembro. No último dia 12, foi publicado o decreto 11.170/2022, que regulamenta a Lei 14.431/2022. Entretanto, o Ministério da Cidadania ainda está definindo normas complementares para que as operações sejam realizadas. Conforme o ministro, 17 instituições financeiras já estão homologadas pela pasta para que os empréstimos estejam disponíveis em setembro. O limite da taxa de juros ainda não foi definido.

Empréstimos favorecem sistema financeiro

Para o economista Lucas Milanez, o acesso ao crédito a uma população em vulnerabilidade vai beneficiar o mercado financeiro. "É como se o ministro da Economia, Paulo Guedes, dissesse ao setor financeiro que está concedendo o auxílio à população vulnerável, mas parte dos recursos vai ser destinado aos bancos e financeiras por meio das taxas de juros. O menor índice de custo efetivo total de um empréstimo no Brasil é de 80% ao ano. O governo dá com uma mão e tira com a outra".

Flaviana Moreno já gastou os R\$ 600 que recebeu neste mês do Auxílio Brasil com a compra de alimentos. Ela é mãe de quatro filhos e reside em Santa Rita. Para dar conta do sustento deles, ela faz "bicos" em João Pessoa, com a venda de amendoim e castanha para complementar a renda.

A beneficiária nunca contraiu empréstimo na vida e está ansiosa para

realizar a contratação. "Eu quero comprar uma cama para mim e outra para um dos meus filhos", destaca ela. Ao ser questionada sobre o desconto na renda recebida, ela diz que vai "dar um jeito". "Vou me virar para complementar a renda e vou contar com a ajuda da avó dos meus filhos", afirma.

Juros altos

No início de agosto, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central aumentou a taxa básica de juros da economia, a Selic, de 13,25% para 13,75% ao ano, e apontou para a possibilidade de ajuste de 0,25 ponto percentual, em setembro. Assim, o indicador deve chegar a 14%, o que gera efeitos sobre todos os novos financiamentos contratados no Brasil.

Para o Copom, a elevação do valor dos auxílios federais pode elevar a expectativa de inflação do Brasil, que hoje

é de 10,07%, considerando o acumulado dos últimos 12 meses. A inflação é medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

Com medo das taxas de juros e da desorganização do orçamento, Carla Janaína não se sente motivada a pensar em contratar empréstimo consignado pelo Auxílio Brasil. "Eu não tive crédito em banco algum e prefiro continuar assim. Mesmo que o valor do auxílio tenha aumentado R\$ 200, é difícil pagar as contas de aluguel, energia e feira para mim e meus quatro filhos. O dinheiro não dá. Então, se ainda houver desconto em cima disso, vai ser pior".

Carla Janaína também desenvolve uma atividade informal. Ela vende balas e bombons na rua para conseguir um dinheiro extra. "O que eu ganho vendendo todo dia, de segunda a sábado, não chega nem perto do valor do benefício", lamenta.

Limite para desconto é de 40% do benefício

O beneficiário do Auxílio Brasil poderá ter mais de um desconto de empréstimo ou financiamento, desde que não ultrapasse o limite de 40% do valor do benefício. Conforme o decreto de regulamentação, cabe ao Ministério da Cidadania determinar os prazos para o início dos descontos autorizados e para o repasse das prestações às instituições consignatárias.

De acordo com a lei que dispõe sobre os empréstimos, a responsabilidade sobre a dívida "será direta e exclusiva do beneficiário. A União não poderá ser responsabilizada, ainda que subsidiariamente, em qualquer hipótese".

Consumo

O economista Lucas Milanez afirma que, em um primeiro momento, o consignado pode acarretar em crescimento das vendas do comércio, com a demanda reprimida das famílias mais pobres, mas pode estagnar o consumo nos próximos anos.

"Muita gente precisa de itens básicos ou trocar o fogão, a geladeira ou a TV. Mas essas compras podem ser uma armadilha, se o período de quitação for

muito prolongado. Além de poder causar uma estagnação no volume de operações do varejo, as pessoas vão passar meses ou anos com esse desconto, sem conseguir arcar com o necessário à alimentação, por exemplo", destaca o economista.

Se o crédito é perigoso ao consumidor, deve ser benefício para os bancos continuarem aumentando os lucros.

Conforme o Banco Central, em seu Relatório de Estabilidade Financeira referente ao segundo semestre de 2021, o lucro líquido das instituições foi de R\$ 132 bilhões em 2021, 49% superior ao registrado em 2020 e 10% acima do observado em 2019. O retorno sobre o patrimônio líquido foi de 15%, retornando aos patamares anteriores aos da pandemia da Covid-19.



Flaviana Moreno (dir.) e Carla Janaína discordam sobre a liberação dos empréstimos

Fotos: Marcos Russo

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Tesouro Direto: oportunidades à vista?

O número de investidores no Tesouro Direto explodiu nos últimos anos. Em junho, o total de pessoas que realizaram aplicações ultrapassou os dois milhões. O número recorde abrange os investidores ativos no Tesouro Direto. Na prática, o programa permite a compra e venda de títulos públicos pela internet. Não restam dúvidas que estamos no ápice da renda fixa este ano. No atual cenário os juros são favoráveis e garantem aos investidores excelentes retornos pensando no curto, médio ou longo prazo.

O Tesouro Direto é um programa do Tesouro Nacional desenvolvido em parceria com a B3 (bolsa brasileira) para venda de títulos públicos federais para pessoas físicas, de forma 100% on-line. Lançado em 2002, o programa surgiu visando democratizar o acesso aos títulos públicos, permitindo aplicações a partir de R\$ 30. O Tesouro Direto é uma excelente alternativa de investimento, pois oferece títulos com diferentes tipos de rentabilidade (prefixada, ligada à variação da inflação ou à variação da taxa de juros básica da economia - Selic), diferentes prazos de vencimento e diferentes fluxos de remuneração.

Com a elevação da Selic para 13,75% ao ano, maior é o valor que o investidor recebe pelas suas aplicações no Tesouro Direto. Logo, muitas pessoas têm dúvidas sobre qual título escolher: Tesouro Selic, Tesouro IPCA, ou Prefixado. Minha intenção neste artigo é te ajudar diante das atuais condições que o mercado oferece, explicando sobre cada um dos

três títulos, mas não é uma recomendação de compra.

No atual cenário, os juros são favoráveis e garantem aos investidores excelentes retornos

Amadeu Fonseca

O Tesouro Selic, segue a taxa de juros da economia, permanece muito atrativa, pois não há previsão de uma redução observando o curto prazo. Este título é indicado para o investidor conservador, ou para quem deseja construir uma reserva de emergência, aproveitando a alta da Selic, com segurança e boa liquidez.

O Tesouro IPCA paga ao investidor uma taxa fixa mais a inflação do período, ou seja, garante uma rentabilidade acima da inflação, ideal para o longo prazo. O mercado vem precificando uma possível queda da inflação e também uma redução da taxa de juros, pois a política monetária elevou consideravelmente a taxa de juros brasileira. Este título tem um fator de risco maior devido à marcação a mercado, que pode afetar a rentabilidade a qualquer momento.

O Tesouro Prefixado oferece uma taxa de juros fixa, ou seja, você já conhece no momento do investimento. É indicado para quem quer saber exatamente o valor que receberá ao final da aplicação, no vencimento do título. Em resumo, garante ao investidor uma taxa fixa, ideal para objetivos de médio e longo prazo. O cenário atual é favorável para travar taxas em níveis elevados, já que o mercado vislumbra uma possível queda de taxas somente em 2023. Por fim, ressaltamos sempre a importância da diversificação dos ativos, seja em renda fixa ou variável. Essa estratégia garante ao investidor mais proteção para a carteira, tendo em vista as constantes mudanças nas taxas de juros e inflação.

CASA BARROS

Ponto certo para fazer consertos

Com mais de seis décadas de atuação, a empresa conquistou clientes e é referência na recuperação de itens do vestuário

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

Especializada em consertos de roupas, malas e até máquina de costura, a Casa Barros completa 66 anos de atividades em João Pessoa, neste ano. Com um cadastro de mais de 100 mil clientes, a empresa é uma referência na prestação de serviços e tem contribuído para a formação de centenas de costureiras, nas últimas décadas, com a realização de cursos de corte e costura. Conforme os clientes e os próprios profissionais da área, se um serviço parece impossível de realizar, é só ir à Casa Barros.

A história do empreendimento começou com outros proprietários num endereço diferente do atual, em 1956. O casal Edmo e Rita Barros iniciaram a atividade em um imóvel na rua da República, no Centro Histórico da capital paraibana. Edmo era alfaiate e Rita, costureira. Com o falecimento de um comerciante que vendia avia-

mentos e o fechamento da loja, Edmo e Rita precisavam viajar para comprar os materiais para suas atividades. A partir daí, perceberam a necessidade de montar um negócio no segmento de armarinho e aviamentos.

Anos mais tarde, o senhor Edmo Barros resolveu dividir o patrimônio entre seus três filhos. Everaldo Barros ficou com o ponto na rua da República, mudando posteriormente para o ramo de vidraçaria. Edilson Barros foi encarregado da unidade na descida da avenida Padre Meira e Edmilson Barros, da unidade na rua Frutuoso Barbosa, no Centro. Casado com Jussara Barros, ele construiu o prédio da Casa Barros, em 1983, ao voltar do Rio de Janeiro com a família.

Quem conta a história da empresa é dona Jussara. O senhor Edmilson Barros está acamado com problemas de saúde e não pôde participar da entrevista. “Meu marido era engenheiro no Rio de Janeiro e tinha construtora. Ele iria iniciar as atividades em

João Pessoa, mas se decepcionou com dificuldades de aprovação de obras. A construção civil depende muito da situação econômica do país. Os empresários trabalham para o governo e há fases de paradas. Nós pensamos no que iríamos fazer e decidimos construir o prédio da Casa Barros, em 1983”.

Jussara Barros relata que era professora na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas percebeu que não era o trabalho que queria desempenhar e decidiu empreender junto com o marido. No começo, a movimentação era pequena, mas o senhor Edmo Barros ajudou a levar clientela.

Ela afirma que o sogro era muito ativo nas empresas dos filhos. Edmo Barros faleceu há quatro anos, aos 94 anos, e dava suporte na questão de pagamentos. “Era ele quem lidava com os bancos. Edmo gostava de andar, de ir de loja em loja dos filhos. Ele e a minha sogra tinham muito prazer em trabalhar”.



Foto: Marcos Russo

“A gente coloca amor no que faz. Quando a gente conquista o cliente e sua amizade, ele vai continuar conosco e trazer parentes e amigos”

Jussara Barros

Serviços voltados à qualidade

Jussara Barros diz que a busca pela manutenção da prestação de um serviço de qualidade é uma constante. Para ela, este é o segredo do sucesso e longevidade da empresa. “A gente coloca amor no que faz. Quando a gente conquista o cliente e sua amizade, ele vai continuar conosco e trazer os parentes e amigos”.

Ela sente uma satisfação em receber o carinho dos clientes. “Outro dia, eu estava em um estabelecimento próximo ao Mercado Central e a atendente falou muito bem da nossa loja, disse que tem um amor pela Casa Barros, porque a avó, a mãe e ela sempre visitavam a loja”.

O administrador Carlos Alberto é cliente da Casa Barros desde 1998. Ele estava na loja com duas calças para serem ajustadas com redução da barra. “Só faço os serviços aqui. Eu comecei a trazer umas peças de roupas de marcas caras por receio de entregar a qualquer pessoa e ter prejuízo. Continuo cliente pela qualidade e fidelização do serviço”.

Segundo Jussara Barros, há clientes que frequentam a loja

até mesmo semanalmente, nem que seja para fazer pequenos ajustes. Ela diz que serviços rápidos são feitos na hora e o cliente já leva para casa, como no caso de barra de calça.

A maior parte da demanda é para ajustes de peças em jeans, sobretudo, calças. “A costura fica próxima da original de fábrica. Utilizamos materiais de qualidade, inclusive, o melhor zíper do mercado para manter o padrão”, frisa a empresária.

Ela destaca um cliente bem antigo, um advogado que leva suas meias e cuecas para serem bordadas com a letra do nome dele, na máquina da empresa. Ele também leva seus ternos, casacos e calças para ajustes de medidas.

Variedade

Além dos clientes, os próprios profissionais da área indicam a Casa Barros como local para realização de serviços específicos. Segundo a proprietária, no Brasil, não há outra empresa com tamanha variedade de serviços. “Já visitei todas as capitais e procurei na internet, mas não encontrei. Geralmen-

te, as lojas se especializam em um segmento como bolsas ou malas”.

Ela cita uma cliente que mora na Alemanha e que, quando visita a família em João Pessoa, leva roupas à loja para ajustar. “Há vários clientes que são daqui ou têm família aqui e não encontram os serviços com facilidade na região onde moram”.

Em razão da realização dos consertos de máquina de costura, Jussara conta que a loja era associada à fabricante Singer. “As pessoas diziam: vamos lá na Singer para consertar a máquina ou fazer ajustes de roupas”.

Outras parcerias são com as lojas de malas. Até antes da pandemia de Covid-19, havia parceria com aproximadamente 15 fabricantes. Era a Casa Barros quem realizava o serviço para cobrir a garantia dos produtos. O número de lojas parceiras diminuiu, no contexto de redução de viagens com a pandemia e a diminuição do mercado brasileiro com a China. Contudo, a loja ainda dá garantia de marcas líderes como Sestini e Santino e conserta malas de fibras, um serviço difícil de encontrar.



Localizada no Centro de João Pessoa, a Casa Barros é local tradicional para reparos

Conhecimento é compartilhado sem medo de concorrência

Além de realizar os serviços de corte e costura, a Casa Barros realiza cursos de capacitações de novos profissionais da área. Segundo Jussara Barros, a prática surgiu a partir da demanda das pessoas pelos cursos, já que havia poucos locais de capacitação na área, como entidades do Sistema S e alguma paróquias.

“O curso é uma oportunidade de as pessoas aprenderem ou aprimorem uma profissão, mas também serve como forma de ocupação do tempo e da mente. “Sobretudo na pandemia, mas também antes disso, tínhamos muitas pessoas que chegavam aqui com depressão ou isoladas, e encontram um espaço para fazer o que gostam e poder até retirar o valor do investimento executando as atividades”, explica.

A microempresária Rita Ferreira descobriu na Casa Barros uma nova habilidade, a de artesã. Durante o início da pandemia de Covid-19, ela estava sem uma ativida-

“

Eu recebi a indicação de fazer um curso na Casa Barros e estou muito feliz em ter aprendido a costurar. É gratificante

Rita Ferreira

de e comprou uma loja no Mercado de Artesanato, com o desejo de produzir bolsas de praia, mas ela não sabia nada sobre costura.

“Eu recebi a indicação de fa-

zer um curso na Casa Barros e estou muito feliz em ter aprendido a costurar calças, vestidos e a bolsa de praia. Agora, quero aprimorar os conhecimentos para trabalhar na linha de moda praia”, conta Rita Ferreira. Ela começou no curso no início do ano e seguirá na capacitação. Quanto ao material produzido, já está sendo vendido. “É gratificante poder vender aquilo que eu fiz e receber o retorno dos clientes, que elogiam as peças”.

O curso é ministrado em módulos de cinco ou seis meses, com mensalidade de R\$ 200. O primeiro módulo é o básico, mas o aluno pode estender o período, conforme sua habilidade e interesse. As turmas são pequenas, com apenas oito alunos, para que haja melhor acompanhamento do aprendizado.

Conforme Jussara, não são só mulheres que procuram os cursos. “Tenho um colega do curso de Engenharia que se inscreveu conosco para aprender a fazer um tipo de bermuda que não encontrava no-

mércio. Também temos alunos que são donos de loja de aluguel de roupas, onde são feitos ajustes em paletós e vestidos de festa”.

Para a empresária, os alunos não são concorrentes, há espaço para todos. Ela recorda que após conceder uma entrevista para um jornal, há alguns anos, surgiram outras lojas de ajustes de roupas, ao redor da Casa Barros, mas isto não a preocupa.

Por outro lado, a realização dos cursos foi benéfica com aquisição de mão de obra para a própria loja. Maria das Neves Nascimento estava desempregada, passou na frente da loja, viu que havia o curso e fez a inscrição. No quarto módulo e já com habilidades, ela teve a coragem de perguntar se havia vaga na empresa.

“Dona Jussara pediu para eu fazer o teste e fui aprovada. Estou na Casa Barros há quase 22 anos. Sou muito grata por esta oportunidade”, conta Maria que, segundo Jussara, é seu braço direito na empresa.

Doação

Outro benefício dos cursos é o trabalho social. Jussara Barros afirma que cada turma do curso de corte e costura tirava um dia para fazer roupas para a pediatria do Hospital Napoleão Laureano. “A loja comprava o tecido e doava às turmas para corte, costura e bordado na máquina computadorizada. As crianças recebiam as roupas com ursinhos e bichinhos e só queriam vesti-las”.

A empresa enfrentou a pandemia de Covid-19, mantendo a maior parte dos funcionários. “Antes da pandemia, tínhamos 29 funcionários, hoje, estamos com 19. Na fase mais restritiva, recolhíamos as peças nas casas das pessoas e havia rodízio entre os funcionários. Agora, somos uma empresa enxuta. Nosso compromisso não é só com os clientes, mas com os funcionários e suas famílias. Nesse momento, temos perspectivas de uma futuro melhor para nosso país e nossa atividade”.

CACHAÇA PARAIBANA

Feira nacional será vitrine para o estado

Evento está marcado para ocorrer em outubro, no Espaço Cultural, reunindo produtores de vários lugares

Renato Félix e
Márcia Dementshuk
Assessoria SE&T

O mercado produtivo da cachaça paraibana vai ganhar mais uma vitrine para se exibir em outubro, com a realização do II Seminário e Feira de Cachaças do Brasil – o Brasil Cachaças. O evento terá lugar no Espaço Cultural, em João Pessoa, do dia 20 a 22 de outubro. Além da exposição de produtos – não só da Paraíba, mas de vários estados – prontos para serem degustados pelos apreciadores da bebida, também acontecerão rodadas de negócios reunindo produtores, distribuidores e revendedores. As inscrições já estão abertas para a Rodada Nacional de Negócios Brasil Cachaças, inclusive. O evento tem o apoio do Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB).

“Este evento representa uma consolidação do mercado de cachaças na Paraíba, e não só com a ampliação das unidades produtoras”, afirma Roberto Germano, presidente da Fapesq-PB. “Atualmente, com a participação desses produtores em concursos nacionais e internacionais, galgando posições de destaque, se amplia-



Foto: Divulgação

O potencial das cachaças paraibanas motivou o Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, a investir no setor

ram as unidades produtivas no estado e, com isso, veio a preocupação da realização de grandes eventos”.

Ele lembra que um evento regional já foi realizado em abril: o Areia Mostra Cachaça, na cidade que está sendo considerada a capital paraibana da bebida. Agora será a vez de um evento nacional, mas de reper-

cussão internacional, com compradores do exterior visitando a feira e jornalistas estrangeiros cobrindo o evento. E, assim, torna-se uma janela importante para os produtores locais.

“O Brasil Cachaças vem para mostrar aos paraibanos e aos brasileiros essa qualidade que a cachaça paraibana tem. A valorização, a divulgação e a

comercialização da cachaça paraibana é um dos focos desse evento”, conta Fernanda Melo. A arquiteta e urbanista é, também, a promotora da Brasil Cachaças.

O investimento em propaganda e marketing é apontado como um dos elementos que tem ajudado a cachaça paraibana a crescer no mercado e

obter destaque também fora das divisas do estado. “O mercado vem evoluindo muito, sobretudo na melhoria da própria apresentação do produto, que vem ganhando muito no quesito embalagens”, aponta Roberto Germano. “Mas, acima de tudo, com o conteúdo, mostrando a tradição e qualidade da cachaça no nosso estado”.

■ O investimento em propaganda e marketing tem ajudado a cachaça paraibana a crescer no mercado

Rodada junta produtor e distribuidor

A rodada de negócios é um dos pontos importantes do seminário. “Como o próprio nome diz, é uma rodada em que a gente apresenta compradores a vendedores”, explica Fernanda Melo. “Os vencedores são os produtores de cachaça e os compradores são as empresas exportadoras, distribuidoras, redes de supermercados que se interessem pela cachaça. A gente elabora uma agenda de reuniões de 10 minutos onde cada produtor vai apresentar seu produto para a empresa âncora”.

“

A gente elabora uma agenda de reuniões de 10 minutos onde cada produtor vai apresentar seu produto

Fernanda Melo

O mercado externo está na mira e essa rodada de negócios terá uma versão nacional e outra internacional, onde os produtores se encontrarão com compradores estrangeiros. Essa preocupação não é de hoje: a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) lançou, no fim do ano passado, um programa para apoiar e qualificar 100 empresas paraibanas para começarem a exportar de forma planejada e segura. Dessas 100 empresas selecionadas, um quar-

to delas (25) eram do setor da cachaça.

Não é para menos. De acordo com o Anuário da Cachaça de 2021 (dados de registro de 2020) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a região Nordeste é a segunda região com o maior percentual de estabelecimentos de cachaça registrados, com 14,5% o que equivale a 138 produtores. A Paraíba é o principal estado do Nordeste em termos de número de estabelecimentos registrados de cachaça com 40 estabelecimentos.

Fundação financia pesquisas do setor

O potencial das cachaças paraibanas motivou o Governo do Estado, através da Fapesq-PB, a investir no setor. Não apenas no apoio à realização de eventos como o Brasil Cachaças, mas também em pesquisas destinadas a compreender o produto e ajudá-lo a se tornar cada vez melhor.

“A Fapesq-PB tem representado o Governo do Estado, atendendo a metas que foram estabelecidas no plano de governo estadual, apoiando o desenvolvimento tecnológico e de ações que fortaleçam a qualidade da cachaça”, explica Roberto Germano. “Pelo que sabemos, é a única ação no país voltada no campo científico para o fortalecimento do setor”.

Germano lembra que foi lançado um edital contemplando três linhas de ação

para o estudo da cachaça paraibana. Uma voltada para a parte das leveduras. “Ela tenta caracterizar as leveduras que são usadas no nosso estado”, diz. O caldo de cana-de-açúcar contém média de 10 mil leveduras por mililitro, que são propagadas e utilizadas no processo de fermentação. Mas variedades de cana-de-açúcar e fatores ambientais podem gerar leveduras com características diferentes. Por isso, o projeto procura identificar, isolar e caracterizar as leveduras provenientes das produções das cachaças paraibanas. Esse conhecimento pode ajudar a melhorar a produtividade e a qualidade do produto, através do aumento do controle do processo de fermentação, além do desenvolvimento de cachaças especiais.

Outra linha é voltada para a questão físico-química das nossas cachaças com um levantamento em todas as unidades produtivas da paraíba. A ideia é ajudar no controle de qualidade da bebida e para obtenção do selo de denominação de origem. A denominação de origem consiste no reconhecimento geográfico, em que as características de um produto são consideradas únicas.

E uma terceira linha é voltada para a questão sensorial da cachaça, definindo as características tanto em relação aos gostos básicos (doce, salgado, ácido, amargo e salami), as sensações ao consumir o produto (amadeirado, alcoólica, ave-ludado, adstringente, etc.), e em relação ao visual, cor, corpo, cristalinidade, aos aromas.

“Este edital está em curso e já faz um ano que vêm sendo desenvolvidas essas pesquisas”, conta o presidente da Fapesq-PB. “É um trabalho bem importante”, avalia Fernanda Melo. “A Fapesq é um dos parceiros do setor que mais tem pensado no futuro da cachaça”.

Germano também aponta a postura de unidade dos produtores, que buscam juntos desenvolver o setor. “A Paraíba vem demonstrando uma punjança muito grande em feiras nacionais e, acima de tudo, com uma demonstração de união do setor – sobretudo das nossas associações”, afirma. “É louvável o trabalho que vem sendo feito pela associação dos produtores de cachaça de Areia, que participa sempre de uma forma uníssona das feiras nacionais”.



Foto: Divulgação

Fernanda Melo destaca a divulgação da cachaça paraibana



Foto: Renato Félix

Roberto Germano ressalta o fortalecimento do setor na PB

DESAJUSTE NA NATUREZA

Insetos desaparecem pouco a pouco

Estudo aponta tendência de queda nas populações desses animais no Brasil, o que pode interferir na cadeia alimentar

Agência Brasil

A biodiversidade de insetos terrestres no Brasil, que inclui animais como borboletas, abelhas e besouros, está em tendência de queda. Esse é um dos resultados de um levantamento feito por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e das universidades federais de São Carlos e do Rio Grande do Sul. As informações foram reunidas a partir de 45 pesquisas científicas sobre o tema, além de questionários enviados a pesquisadores que já estudam insetos ao longo dos anos.

“Se você acaba com os insetos, você quebra todas as cadeias alimentares da natureza na base. Se você não tem lagartas para os passarinhos comerem, as aves vão diminuir. Se você não tem insetos para vespas se alimentarem, elas vão cair e, uma vez que caíam, elas começam a causar um desequilíbrio que pode levar, por exemplo, ao aumento de pragas, tanto nas cidades quanto na agricultura”, alerta André Freitas, professor do Instituto de Biologia da Unicamp e um dos pesquisadores do projeto.

O estudo apresenta 75 tendências - a maioria delas de queda - ao longo de 22 anos para insetos terrestres. Para os insetos aquáticos, o estudo apresenta 75 tendências ao longo de 11 anos, em média. A maior parte indica redução no número de animais. O trabalho teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O texto foi publicado na última terça-feira (23) no periódico internacional *Biology Letters*.

Entre os insetos terrestres, por exemplo, os estudos apontaram tendência de declínio populacional ou perda de diversidade de espécies. A situação é diferente nos grupos aquáticos, nos quais o número de indivíduos ou de espécies permaneceu estável ou, em alguns casos, aumentou. Os pesquisadores, no entanto, chamam a atenção de que essa diferença deve ser reavaliada futuramente.

Tendência mundial

Freitas destaca que outros estudos, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, já vinham demonstrando o declínio de insetos nessas regiões, mas havia poucas informações sobre a situação nos países de clima tropical.

“Lá, eles têm dados de décadas levantados, mostrando que existe declínio de todos os tipos, não apenas polinizadores”, aponta. Ele lembra que a diversidade de insetos é

muito maior por aqui, com uma variedade de espécies de 10 a 20 para um em relação aos países de clima temperado.

O pesquisador explica que, para entender a situação dos insetos, é fundamental a existência de estudos a longo prazo, pois esses animais apresentam ciclos de vida curtos. “[A análise do] inseto é quase igual a um eletrocardiograma, cheio de picos e vales. Assim, para você conseguir saber, vai ser sempre uma linha zig zag com grandes amplitudes, mas você pode ver se está subindo ou descendo. Para ter isso, você precisa de séries temporais muito longas, e a gente tinha muito pouco [no Brasil]”, explica.

Nesse sentido, foram considerados estudos com pelo menos cinco anos de análises. “O que a gente percebeu é que a maior parte dos trabalhos indica que está havendo, sim, declínio de insetos no Brasil. Tem vários trabalhos que indicam estabilidade, até alguns que mostram aumento. Mas o que é preocupante, se a gente pegar só pelo número de trabalho que tem aumento, estabilidade ou declínio, os que mostram declínio são mais comuns”, aponta Freitas.

Os motivos que explicam o declínio não fazem parte do levantamento, mas o pesquisador apresenta algumas hipóteses para esse quadro, considerando dados já encontrados em outras partes do mundo. Ele cita: “o uso indiscriminado de pesticida; o aumento das cidades e de áreas agrícolas e agropecuárias, que diminuem a área de habitat nativo; e, perto de grandes cidades, a iluminação urbana, porque os insetos tendem a ser atraídos pelas lâmpadas, ficam girando e morrem”.

Animais são importantes para manutenção da biodiversidade

■ Sem insetos, as florestas seriam, cada vez mais, troncos e folhas que se acumulariam uns sobre os outros, alerta pesquisador

O pesquisador reconhece que, muitas vezes, os insetos são associados a coisas negativas, como transmissão de doenças, mas é fundamental lembrar da importância desses animais para o equilíbrio do meio ambiente.

“O declínio dos insetos, de modo geral, vai favorecer poucas espécies-praga. Essas, sim, vão ter um impacto muito maior na nossa vida”, alerta. Ele lembra que grandes desequilíbrios podem

fazer com que apenas pragas associadas ao ser humano, como baratas, mosquitos e determinadas formigas, permaneçam, tendo em vista que terão comida e ambiente disponíveis.

A polinização feita pelas abelhas é o exemplo mais conhecido do papel de insetos na manutenção da biodiversidade. Mas há outros benefícios dos insetos para o meio ambiente, como o fato de que eles são o primeiro passo para

a decomposição de matéria orgânica.

“Sejam folhas que caem no solo ou animais mortos. Vários besouros, formigas e cupins fazem a primeira degradação desse material. Sem insetos, por exemplo, as florestas seriam cada vez mais troncos e folhas acumulados em cima do outro, porque as bactérias que fazem a decomposição final dependem de uma primeira fragmentação”, explica Freitas.



WILLIAM SIMÕES:

“Sempre acreditei na Justiça”

Ex-presidente do Campinense fala das absolvições na Justiça comum e desportiva após o longo processo da Operação Cartola, deflagrado em 2018

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Ao longo da existência do futebol profissional da Paraíba, não foram poucos os escândalos, alguns até a nível nacional envolvendo dirigentes de clubes e da própria Federação Paraibana de Futebol. Alguns viraram casos de polícia, com até agressões, mas nenhum teve tanta repercussão negativa, pelo Brasil afora, do que o ocorrido no início de 2018, envolvendo uma suposta manipulação de resultados em favorecimento a alguns times durante o Campeonato Paraibano e outras competições paralelas. O fato foi amplamente divulgado na imprensa nacional e nos programas de maior audiência das principais redes de TV do país. Naquele ano, a Polícia Civil e o Ministério Público montaram uma operação, denominada de “Operação Cartola”, para investigar dezenas de denúncias que envolveram árbitros, dirigentes da FPF e de clubes, como o Botafogo e o Campinense, por exemplo. O processo ganhou uma proporção que a Justiça autorizou a escuta telefônica de 105 mil ligações e 80 pessoas foram investigadas. Algumas das gravações, que supostamente comprovavam os atos ilícitos, foram divulgadas amplamente

na imprensa, envolvendo os dirigentes, negociando o favorecimento de alguns resultados de jogos.

Os processos, que começaram na 4ª Vara Criminal da Paraíba, ganharam outras esferas da Justiça comum e também a Justiça desportiva. Esta última, chegou a banir alguns dirigentes de clubes e proibi-los de qualquer atividade ligada ao futebol. Anos se passaram de uma batalha judicial pesada e com denúncias até de interferência política nas ações da Justiça. A verdade é que apesar das punições de alguns dirigentes, no início da operação, no final, ninguém até hoje sofreu uma punição grave, e aos poucos, os denunciados vão provando a sua inocência junto às diversas esferas judiciais.

Um dos envolvidos nos processos foi o ex-presidente do Campinense, o empresário William Simões. Ele acabou sendo absolvido na 1ª e 2ª Instâncias e mais recentemente, também no Superior Tribunal de Justiça Desportiva. Para o réu, a justiça foi feita, acabando assim um escândalo envolvendo o seu nome, que trouxe muitos prejuízos à sua reputação, baseado em fatos que nunca foram provados. Feliz com o resultado, William conversou com a reportagem de **A União**, deixando claro que tudo não passou de um espetáculo midiático.

William Simões não quer mais voltar a ser dirigente do clube e vai acompanhar os jogos na arquibancada



Foto: João da Paz/Divulgação

Entrevista

■ William, o senhor foi absolvido em duas instâncias e também na Justiça Desportiva. Parece que o escândalo não passou de espetáculo midiático, foi isso?

Foi uma coisa ridícula. Eu não tenho dúvidas que todas estas pessoas envolvidas serão absolvidas. Não sei o que houve para atingir tantos pais de famílias, pessoas idôneas. Foi uma operação descabida.

■ Durante todo esse tempo o senhor ficou afastado do Campinense?

Fiquei afastado, respeitei a decisão da Justiça. Até hoje, eu nunca mais fui sequer ao estádio assistir um jogo do Campinense. Algumas pessoas do clube me procuraram e eu ajudei, mas fiquei completamente distante de tudo.

■ Você pretende voltar a ser dirigente do Campinense?

Pretendo voltar, mas não mais como dirigente, e sim como torcedor na arquibancada. A pessoa de fora sente bem melhor. A falta de recursos e as injustiças são muitas em relação aos dirigentes. Como torcedor, quando seu time perde você fica meio ressecado, mas a coisa passa logo. Como dirigente, além de triste, você não dorme direito e a partir do dia seguinte, vêm os pepinos, as críticas injustas. Passei sete anos e 10 meses como dirigente e conquistei o título da Copa Nordeste 2013, o Paraibano de 2012, 2015 e 2016, além de ter conseguido um vice-campeonato da Copa do Nordeste, em 2016. Ou seja, estive presente em sete finais.

“

Eu deixei um patrimônio como o Renatão equipado de tudo. Foram muitas obras feitas e resgatei a marca da instituição. Dívidas trabalhistas, toda gestão deixa, mas essa coisa de ingovernável não existe

William Simões

■ Algumas pessoas disseram que herdaram de sua administração muitas dívidas e o clube estava ingovernável?

Qual a situação pior: Foi quando eu saí, ou agora há pouco? Eu deixei um patrimônio como o Renatão equipado de tudo. Foram muitas obras feitas e resgatei a marca da instituição. Dívidas trabalhistas toda gestão deixa, mas essa coisa de ingovernável não existe. Isso é coisa de quem assume e sabe que vai fracassar e começa a olhar pelo retrovisor. É falta de coragem para fazer o que tem de ser feito.

■ Você guarda mágoas e pretende entrar com uma ação de perdas e danos?

Apesar das injustiças e muitas adversidades, não guardo mágoa nenhuma. Quero esquecer tudo isto. As pessoas apontaram o dedo, e hoje alguns pedem desculpas. Eu estou feliz e sempre acreditei na justiça dos homens. Tive algumas vitórias por unanimidade. As pessoas foram capazes de interpretar os fatos com justiça.

■ Como você viu o rebaixamento do Campinense para a Série D?

Com muita tristeza, depois de tanta luta para chegar à Série C. Mas, não faltou luta, faltou apenas um pouco de maturidade de tomar as decisões o mais rápido possível e terminaram se prejudicando. A Série C é uma competição muito difícil, mas não faltou empenho.

■ Como você viu o leilão do Renatão, que você ajudou a construir?

Foi uma coisa muito esquisita. Um patrimônio que vale R\$ 30 milhões, ser leiloadado por apenas R\$ 7 milhões? Isso é uma piada, e além do mais, o Campinense não tem nenhum documento da doação do terreno, porque faz muito tempo que se perdeu. Sendo assim, não existe uma prova documental que é um patrimônio do clube. Mas, o advogado está trabalhando nisso e já está resolvendo.

■ Que mensagem você deixa para o torcedor do Campinense?

Durante esse processo todo, eu aprendi muito mais do que imaginava. No futebol se constrói grandes amigos. Também muitos fogem na hora do aperto e criticam, antes mesmo de ver o processo. A partir do próximo ano, estarei nas arquibancadas e desejo sempre o sucesso da Raposa. Tenho esperança que vamos voltar à Série C e que teremos mais sócios. O Campinense tem uma camisa pesada e uma grande torcida e quero sempre o melhor para o clube.

■ William lamentou a queda para a Série D, mas acredita que o clube vai dar a volta por cima em 2023

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Como nascem as perigosas torcidas organizadas

Rivalidades regionais com efetivação de alianças criam o ambiente ideal para a formação de verdadeiras gangues

Agência Estado

Quando grupos de torcedores trocam socos, pontapés, tiros e pauladas em esquinas das cidades, ao redor ou até mesmo dentro dos estádios, eles estão repetindo uma prática milenar. A de se agrupar, tal qual na idade da pedra polida (8 mil anos a.C a 4 mil anos a.C), para se proteger de inimigos que podem atacar seus núcleos urbanos recém-formados.

Nos tempos atuais, o perigo real é ilusório. Ele apenas veste outra camisa. A do clube rival. Esta diferença, para tais grupos, acaba sendo pretexto para extravasar frustrações vindas de outras áreas: desemprego, falta de perspectivas, da busca de uma identidade. Neste cenário, a efetivação de alianças se tornou uma necessidade para essas torcidas organizadas de futebol, que formam verdadeiras gangues.

As uniões são acertadas originalmente como uma maneira de preservação e proteção durante as viagens para outros Estados e cidades. Elas se transformaram em "ligações perigosas" no futebol, nas quais a violência geralmente é preponderante. No futebol brasileiro, formou-se uma rede "diplomática" entre as torcidas, conta o presidente da Anatorg (Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil), Luiz Cláudio do Carmo do Espírito Santo, o Claudinho.

"A origem destas rivalidades e alianças vem do início da década de 70, quando as organizadas começaram a ganhar mais destaque. O que motivou foram as próprias rivalidades regionais. A partir delas, começaram a surgir aliados em outros Estados", explica.

Claudinho diz que essas alianças se formam muitas vezes por acaso, sem uma lógica específica. São decorrentes de um fato isolado. Por exemplo, pode ocorrer porque um membro de torcida ajudou outro de outro clube durante uma viagem, por uma agradável conversa em um bar ou por uma gentileza durante uma partida. As lideranças são informadas e passam a fazer alianças

"Essas situações casuais, vindas de um auxílio ou de uma atitude diplomática favorável acaba se institucionalizando. A aliança surge de uma relação pessoal e com o tempo acaba se tornando institucional entre as torcidas. Algumas são amizades bem antigas, outras vão se moldando de acordo com o momento", observa. Em comum, estão sempre preparadas para as brigas e uma defesa a outra. Elas se juntam contra uma terceira facção, de times adversários dentro ou fora dos Estados.

Suporte em viagens

Um exemplo clássico é a união entre as torcidas do Vasco e do Palmeiras. A ligação mais forte diz respeito a duas torcidas organizadas dos clubes: a vascaína Força Jovem e a palmeirense Mancha Alverde. "Nos anos 80, em razão de um jogo entre Palmeiras e Flamengo, a torcida palmeirense precisou de um auxílio em determinada situação. Membros da

Força Jovem se ofereceram para ajudar e ali se iniciou uma amizade pessoal de seus seguidores que depois se transferiu para a coletividade", conta Claudinho que, entre 2008 e 2010, presidiu a Força Jovem.

Em muitos casos, porém, Claudinho afirma que a primeira identificação é acrescida de outro motivo. Decorre do grau de rejeição entre as torcidas dos clubes, em função da história de cada uma. "Na Bahia, por exemplo, o Bahia costuma ter uma proximidade maior com o Vasco, o que facilitou a união das organizadas. E o Vitória tem maior apreço pelo Flamengo. As relações vão sendo criadas desta maneira e se espalham por outros clubes, formando uma rede nacional de afinidades", comenta.

Essa afinidade também se dá na hora das brigas. Reforçadas por essas irmandades, as gangues de unem contra torcedores rivais, de modo que jogos por vezes sem risco, acabam tendo enfrentamento de torcidas, quebra-pau e até mortes.

A relação das torcidas tem sido motivada, acima de tudo, por uma necessidade prática para as viagens. Churrascos de confraternização são

■ **A origem dessas rivalidades e alianças vem do início da década de 70, quando as organizadas começaram a ganhar mais destaque, surgindo aliados em outros estados**

comuns, assim como acompanhamento até o estádio, auxílio no transporte e contingentes de apoio em caso de emboscadas e confrontos. Os locais também oferecem guarita aos visitantes amigos, na certeza de avenida de duas mãos quando as partidas forem no Estado do parceiro. E assim, essas torcidas vão se entrelaçando contra outras também unidas.

Claudinho afirma que, em geral, as brigas não são marcadas por antecipação. "Elas costumam acontecer de repente. Muitas vezes há a presença de torcedores de outras organizadas porque eles estão lá justamente para dar suporte aos aliados", diz.

Segundo ele, foi o que aconteceu, por exemplo, com torcedores do Palmeiras, que ajudaram a Força Jovem do Vasco em uma recente briga contra torcedores da Ponte Preta, em Campinas. Esses torcedores estão sempre prontos para brigar. No fim de semana, houve confusão dentro da própria torcida do Grêmio na

Foto: Wesley Santos / Estádio Conteúdo



No jogo Grêmio x Cruzeiro, no domingo passado, torcidas organizadas do time gaúcho entraram em confronto

Arena, em jogo diante do Cruzeiro. Em Campinas ainda, seguidores de Santos e São Paulo se enfrentaram em um posto. As duas equipes fizeram clássico a quilômetros de distância dali, na Vila Belmiro, em Santos.

Em nota enviada ao Estadão, a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo ressalta que o acompanhamento da movimentação das organizadas e de eventuais aliadas está incluído no trabalho de prevenção e contenção da violência. "A Polícia Militar intensifica o policiamento nos estádios e em seus entornos antes e após cada partida. Do mesmo modo, ocorre a intensificação do policiamento nas adjacências das sedes das torcidas organizadas, nas estações de metrô, de trem, terminais de ônibus e locais em que podem ocorrer encontros de torcidas. Cada batalhão, nos dias de jogos, também reforça o patrulhamento em bares e afins, onde tradicionalmente há aglomerações de torcedores", observa a entidade.

Universo próprio

Na visão do promotor Arthur Lemos, do Ministério Público do Estado de São Paulo, tais alianças não mu-

fazendo parte de um universo autônomo das organizadas. Elas buscam uma rede de proteção, apoio logístico nas viagens, segurança e apoio em algum confronto. Vale nestes casos a ideia de que o amigo do amigo é meu amigo", analisa.

Como exemplo de união que não segue a linha das rivalidades clubísticas, Lopes cita a existente entre a Torcida Independente, do São Paulo, e a Torcida Jovem, do Flamengo. Em tese, as torcidas do Flamengo deveriam ter afinidade maior com as do Corinthians, por se tratarem dos dois clubes mais populares do Brasil.

Outra aliança peculiar está na inserção da Galoucura, do Atlético-MG, no elo entre a Força Jovem, do Vasco, e a Mancha Alverde, do Palmeiras. "Pela lógica, a afinidade maior da Mancha deveria ser com organizadas do Cruzeiro, já que tanto Palmeiras quanto Cruzeiro levavam o nome de Palestra Itália. Mas esse tipo de argumento nem sempre ocorre no futebol", destaca Lopes, membro do conselho consultivo da Anatorg.

Esse contexto leva, inclusive, a inimizades entre torcedores de um mesmo clube. Mas de organizadas dife-

Foto: Arquivo/Agência Brasil



dam a visão das autoridades em relação às organizadas do futebol. "Essas alianças podem ocorrer normalmente, fazem parte da relação das torcidas, mas desde que não desvirtuem o propósito de integração, partindo para atos de violência. Se isso ocorrer, se tornam associações criminosas para fins ilícitos e, neste caso, o fortalecimento das associações muda de perspectiva e se torna um fortalecimento da violência, que deve ser prevenida, combatida e punida no rigor da lei."

O professor Felipe Tavares Lopes, de Comunicação Social na Universidade de Sorocaba e especialista em assuntos ligados às organizadas, também aponta uma ausência de lógica nestas relações, tomando como base os critérios dos torcedores comuns. As organizadas têm os seus próprios critérios.

"Além dessas afinidades entre clubes, as relações ocorrem em função de uma rede de amizades própria,

conforme lembra Claudinho. "Esses rachas existem e geralmente são por questões geográficas, em que torcedores de tal bairro próximo à organizada se sentem com mais direitos. Também há disputas em relação ao tamanho e à representatividade de cada torcida para o clube, sobre quem é mais forte, quem traz mais material de apoio e por aí fora", afirma.

Minoria violenta

Nos tempos em que era presidente da Força Jovem, Claudinho diz ter conhecido de perto a gênese do torcedor violento. "Nas torcidas organizadas, vários estudos mostram que os torcedores violentos são uma minoria de cerca de 5%. Acontece que são eles que causam os estragos e fazem mais barulho. Como presidente, eu procurei ter essa consciência, buscando mesclar a inteligência com a força na administração. Tentava compreender as origens de cada um, mas,

por outro lado, quando havia necessidade, tinha de manter o pulso firme, punindo casos graves de acordo com o estatuto", afirma.

No artigo Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro, publicado na revista da USP, de 2013, o sociólogo Maurício Murad, da UERJ, demonstra que, mesmo sendo minorias nas organizadas, os torcedores violentos não deixam de representar um grande perigo. "As práticas de violência em nosso futebol e as mortes de torcedores são operadas por minorias, entre 5% e 7% das torcidas organizadas, de acordo com as nossas pesquisas (UERJ/Universo, 2013), levadas a efeito desde maio de 1990. Minorias, mas perigosas e preocupantes, porque são armadas, treinadas e organizadas para o confronto violento. Minorias que se criam e crescem, contaminando grupos de 'torcedores periféricos' - isto é, aqueles que ficam à sua volta nos estádios, nas entradas e saídas dos mesmos", ressalta.

O promotor Lemos, do MP-SP, também afirma que há atenção especial para a rivalidade entre as organizadas de um mesmo clube. Mas concorda que tais entidades não podem ser vistas apenas como violentas. "Existem fases de maior ou menor violência. Há torcidas organizadas que duem internamente, tendo ocorrido até homicídios neste tipo de conflito. É preciso ter um sistema de catalogação muito preciso, o que é difícil. Mas as organizadas também se dedicam a atuar em causas positivas, como a cultura, o carnaval. A violência não é o propósito, mas acaba ocorrendo. Considero que os torcedores violentos não são a maioria."

A polícia tem opinião similar ao do MP. "A PM individualiza cada conduta de torcedor e não faz generalizações de torcidas. É a regra. Periodicamente, a instituição se reúne com lideranças de torcidas organizadas de modo a orientá-las sobre ações preventivas e regras de segurança", informa.

Em sua atuação como presidente da Anatorg, Claudinho diz que pretende passar a visão de que as torcidas organizadas não são as causas da violência ligada ao futebol. Segundo ele, elas acabam sendo depositárias de questões que dizem respeito a toda a sociedade. "A violência vem de fora para dentro da torcida. É uma questão cultural e educacional da sociedade brasileira. Os torcedores violentos acabam extravasando. Cada motivo banal é uma afronta. Para eles, o adversário acaba sendo visto como um inimigo. É algo irracional, porque muitas vezes todos eles são jovens, com problemas e origens similares e nem se conhecem. Cada um vê o desconhecido, que na verdade é parecido com ele, como um inimigo."

Claudinho é um dos que consideram que as organizadas têm importante função social. E luta para que isso se espalhe e mude o jeito como as pessoas olham para as torcidas. Ele enfatiza que os membros da Anatorg são das mais variadas torcidas.

BOTAFOGO X FLAMENGO

Clássico carioca, hoje, no Engenhão

Emoções reservadas para este domingo com jogos importantes pelas quatro séries do Campeonato Brasileiro

Foto: Vitor Silva/Botafogo

Fabiano Sousa
 fabianogool@gmail.com

As rodadas com os jogos do Campeonato Brasileiro reservam emoções nas diferentes divisões da principal competição de futebol do país, neste domingo. Na Série A, um clássico carioca movimentará a 24ª rodada. Pela Série B, dois clubes que estão no G4 fazem um grande duelo, a Série C finaliza a 2ª rodada do quadrangular final e a Série D vai conhecer os dois últimos clubes que garantem o acesso para a Série C, em 2023.

Pela Série A, quatro jogos darão sequência à 24ª rodada da competição. Duas partidas terão início a partir das 16h, na Arena Independência, em Belo Horizonte-MG, América-MG e Atlético-MG fazem o clássico mineiro, com a equipe mandante buscando a reabilitação e o Galo pressionado, após a eliminação na Copa Libertadores e a derrota, em casa, para o Goiás-GO na última rodada. Em São Paulo-SP, no Estádio Morumbi, acontece o clássico dos tricolores paulista e cearense, onde o São Paulo-SP recebe o Fortaleza-CE.

Mais tarde, às 18h, no Nilton Santos (Engenhão), Botafogo-RJ e Flamengo-RJ fazem o duelo carioca da rodada. O alvinegro busca uma vitória que não vem há quatro rodadas, já o rubro-negro tenta novamente empacar uma sequência de vitórias para encostar no líder Palmeiras-SP e continuar com chances de brigar pelo título da competição. Cuiabá-MT e Santos-SP fecham os jogos de hoje, às 18h, na Arena Pantanal, em Cuiabá-MT.

A 24ª rodada da Série A será complementada amanhã, com dois jogos. O Internacional-RS recebe o Juventude-RS, às 20h, no Estádio Beira-Rio, Porto Alegre-RS. Na Neo Quí-



O Botafogo, que vem de um empate com o Juventude, terá um desafio bem maior, hoje, contra o Flamengo, pela 24ª rodada do Campeonato Brasileiro

mica Arena, em São Paulo, o Corinthians-SP enfrenta o Red Bull Bragantino-SP.

Série B

A Segunda Divisão do Futebol Brasileiro tem apenas uma partida agendada para este domingo. Bahia-BA e Vasco duelam a partir das 16h, na Arena Fonte Nova, em Salvador-BA, pela sequência da 26ª rodada. As duas equipes buscam um resultado po-

sitivo para se firmar no G4 e aumentar as chances de garantir o retorno à elite do futebol nacional, em 2023. A rodada será complementada amanhã, com o duelo entre Chapecoense-SC e Vila Nova-GO, às 20h, no Estádio Arena Condá, em Chapecó-SC.

Séries C e D

A Série C chega a sua segunda rodada do quadrangu-

lar final que vai definir a classificação de quatro equipes para a disputa da Série B, na próxima temporada. A partida que movimentará a competição, neste domingo, acontece em Florianópolis-SC, onde o Figueirense-SC recebe o Vitória-BA, a partir das 17h, em duelo válido pelo grupo C. Pelo grupo B, Volta Redonda-RJ e Aparecidense-GO, no Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda, fecham os jo-

gos da 2ª rodada. Os dois últimos clubes que garantem o acesso para disputar a Série C, em 2023, serão conhecidos a partir das 16h de hoje. Pelos jogos de volta das quartas de final do Brasileiro da Série D, o América-RN recebe o Caxias-RS, na Arena das Dunas, em Natal-RN, precisando vencer por dois ou mais gols de diferença para garantir o acesso, a equipe gaúcha garante a vaga com um empate,

em caso de vitória do América por diferença de um gol, a decisão do classificado será definida em cobranças de pênaltis. O outro classificado sairá do vencedor do confronto entre Amazonas-AM e Portuguesa-RJ, às 16h, no Estádio Carlos Zamith, em Manaus-AM. Um empate no duelo levará a definição para a cobrança de pênaltis, já que a partida de ida terminou empatada por 1 a 1.

FÓRMULA-1

Parte final do Mundial começa hoje com o GP da Bélgica

Marcos Antomil
 Agência Estado

A Fórmula 1 encerrou nesta semana suas férias e inicia a parte final do campeonato com o Grande Prêmio da Bélgica, em Spa-Francorchamps, neste domingo, a partir das 10h (horário de Brasília). Restando nove provas para o término da temporada, a briga pelo título parece limitada à Red Bull e à Ferrari, com ampla vantagem do atual campeão Max Verstappen. Mudanças no regulamento, causadas pelo “efeito golfinho” (porpoising, em inglês), porém, podem causar turbulências na disputa.

As alterações radicais nas normas aerodinâmicas para 2022 trouxeram grandes dificuldades para algumas escuridões. Com o objetivo de facilitar as ultrapassagens, a FIA (Federação Internacional de Automobilismo) recuperou o efeito solo. Porém, como consequência, os carros passaram a apresentar quiques (porpoising), que compromete-

tem diretamente a dirigibilidade. A mais prejudicada foi a Mercedes, escuderia do heptacampeão Lewis Hamilton. Os alemães demoraram para resolver os problemas causados pelo porpoising e apenas nas últimas corridas antes das férias de verão eles conseguiram amenizá-los.

Preocupada com os riscos de segurança causados pelo porpoising, a FIA decidiu tomar medidas a partir do GP da Bélgica. Neste fim de semana entrou em vigor uma nova norma que exige que distância entre assoalho e solo seja de 15 milímetros. Outra diretiva diz respeito à flexibilidade do piso dos carros. A entidade está inspecionando os veículos, que deverão utilizar um modelo mais rígido e, consequentemente, mais pesado.

Esperança

Max Verstappen lidera o Campeonato Mundial de pilotos com 258 pontos. O holandês tem 80 a mais do que o monegasco Charles Leclerc, da Ferrari (178). Sergio Pérez,

companheiro de Red Bull, está em terceiro lugar, com 173 pontos. A folga na pontuação concede ao atual campeão uma tranquilidade incomparável com a pressão que viveu em 2021 na luta com Lewis Hamilton.

No entanto, as mudanças do regulamento para a segunda parte da temporada permitem aos rivais sonharem com o título. Leclerc e Ferrari perderam muitos pontos por escolhas erradas de estratégia e falhas técnicas do piloto. Já a Mercedes mostrou potencial na França e na Hungria, levando Hamilton e Russell ao pódio nas duas ocasiões.

“O início do ano não foi horrível, porque sempre pode haver coisa pior, mas apenas em termos de... eu diria que do ponto de vista de um piloto, entender este carro foi... tão confuso”, disse Hamilton. “Estávamos tentando tantas coisas diferentes, estávamos tentando avançar, mas não havia confiança na máquina, principalmente na traseira. E isso realmente

nos limitou um pouco. Agora, estamos em uma posição em que estamos começando a entender o carro um pouco mais”, concluiu.

George Russell é o quarto

colocado, com 158 pontos. Hamilton ocupa a sexta posição, com 146. A longa distância para Verstappen inibe os pilotos da Mercedes a acreditarem na conquista do título. A Red

Bull demonstra certa preocupação com as alterações do assoalho e pode se ver obrigada a fazer mudanças estruturais no carro para não perder desempenho.

Foto: Reprodução/Instagram



Carros de volta à pista depois de vários dias longe dos circuitos por conta das férias na F-1



SELEÇÃO CAMPEÃ

EPC NA COPA, É VOCÊ NO CATAR

A **Empresa Paraibana de Comunicação** entra em campo na **Copa do Mundo do Catar** com um projeto de **conteúdos exclusivo!**

Durante 4 meses, entre **21 de Agosto e 21 de Dezembro**, promoveremos uma série de programas e matérias especiais, em preparação para a competição, culminando na cobertura completa de tudo que acontecerá dentro e fora das quatro linhas do maior evento esportivo do planeta.

Seleção Campeã é a integração de um **time com tradição e presença em matéria de Esporte**.

Juntamos a profundidade analítica de **A União** com a ágil transmissão da **Tabajara**, para proporcionar uma **variedade de pontos de acesso** que não se resumem ao jornal ou a rádio, elevando o Mundial através daquilo que fazemos melhor: produzir **conteúdo de qualidade**.



● Programação antes da Copa
● Programação durante a Copa

● Conteúdo na Rádio Tabajara
● Conteúdo no Jornal A União

Programa Seleção Campeã

Programa especial na Tabajara e em formato podcast, com conteúdos temáticos, além de análises de grupos e seleções, antes e durante a Copa.

De olho no Catar

Quadro sobre o Mundial nos programas Cabine Esportiva e Tabajara Esportes.

Convocação

Transmissão ao vivo da Escalação da Seleção.

Minuto da Copa

Drops de curiosidades sobre as Copa.

Página Seleção Campeã

O Jornal A União também terá uma página com conteúdos especiais.

Tabela Seleção Campeã (coleccionável)

Clássica tabela de bolso para ser colecionada pelos torcedores - 5 modelos comemorativos - 58, 62, 70, 94 e 2002 -, com desenhos especiais que, lado a lado, formam uma única arte.

Tabajara Esportes no Catar

Nosso programa de esportes, em duas edições especiais para cobrir tudo sobre o Mundial.

Cabine Esportiva no Catar

Nosso tradicional programa semanal de análises passa a focar no que de mais importante acontece na Copa.

Esquenta Seleção Campeã

A animação do time Tabajara antes das partidas da seleção brasileira.

Boletim Especial

Flashes ao vivo com as últimas notícias do Mundial.

Tabela Seleção Campeã

Tabela em meia página do Jornal A União, atualizada a cada edição, com resultados e estatísticas das partidas.

Um espanhol em terras dos potiguaras

Médico europeu radicado em Baía da Traição resalta que as culturas brasileira e espanhola são diferentes, mas garante que, pela educação, os dois povos estão unidos por um conceito judaico-cristão

Hilton Gouvêa
hitongoveia@gmail.com

O médico espanhol Rafael Quintas Frutos costuma dizer que as culturas brasileira e espanhola são diferentes, porém, unidas por um conceito judaico-cristão de nossa educação. Atualmente prestando serviços em Baía da Traição, município do Litoral Norte paraibano, distante 82 quilômetros de João Pessoa, ele revela que não sentiu dificuldades com a língua por ser casado com uma brasileira, Roberta Maria Travassos de Albuquerque, a quem conheceu pela Internet.

O namoro entre os dois surgiu durante a realização de um curso de cirurgia ambulatorial em Sevilha, na Espanha. “Meu contato com diversas universidades levou-me até Roberta. Ela era a secretária do Centro Universitário Facisa (Unifacisa), em Campina Grande. E eu enviava as cartas-pesquisa para lá, cujas respostas me interessavam. Acho que no meio delas enviei uma carta de amor. O resultado foi um casamento que já dura 17 anos”, brinca.

Um dos fatores que o forçou a vir para o Brasil foi um problema de saúde no nervo ciático, que não melhorava. No Brasil, encontrou tranquilidade para tratar de sua enfermidade. Oportunamente implantaram o programa Mais Médicos, no governo de Dilma Rousseff (PT). “Aqui só estranhei a comida, porque, no Brasil, ela é misturada de forma diferente. Por exemplo, na Espanha não existem pratos de sabores variados. Por isso, a degustação é mais pura, porque os espanhóis não misturam filé com feijão”.

“Na Espanha, eu morava a 135 quilômetros do Atlântico e, aqui, estou na beira da praia, o que para mim é gratificante

Rafael Quintas Frutos

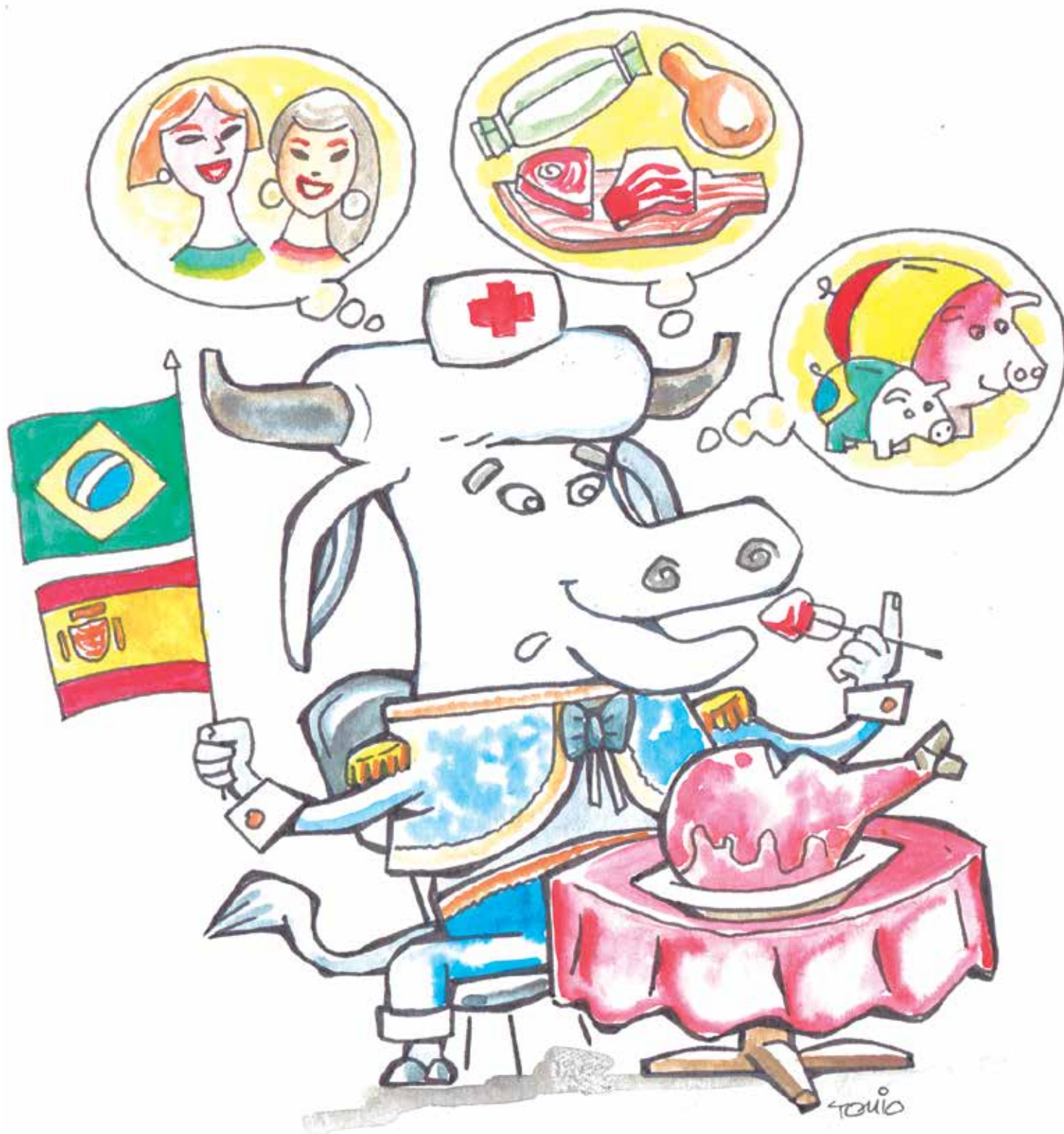


Ilustração: Tônio

Discriminação cedeu espaço ao acolhimento

Na primeira vez em que assumiu o Programa Mais Médicos, teve problemas de discriminação. Alguns companheiros não gostaram do seu método de trabalhar, porque Rafael informatizou suas fichas de atendimento e individualizou os prontuários dos pacientes que atendia. A crise passou. Agora, é a terceira vez que volta para Baía da Traição, desta vez tendo a interferência do secretário municipal da Saúde, Aloísio Lorena. “Na Espanha, eu morava a 135 quilômetros do Atlântico e, aqui, estou na beira da praia, o que para mim é gratificante”.

Cirurgião-geral e digestivo, Rafael é formado pela Universidade de Sevilha. Veio para o Brasil, a primeira vez, em 2005. Retornou para a Espanha e voltou para terras brasileiras em 2013. Sua opinião sobre as mulheres espanholas e brasileiras é simples: ambas são bonitas, embora a paraibana seja mais educada e não guarde rancor. Na Espanha, a mulher costuma engravidar aos 30 anos, quando no Brasil chega a ser um problema de saúde pública, por ser mais precoce. No Brasil, o interior é bem habitado, ao contrário da Espanha onde existem cidades quase vazias, porque ninguém quer trabalhar no interior”, constata o médico.

Os primeiros dados históricos oficiais de Utrera, a terra natal de Rafael Frutos na Espanha, são apresentados na chamada Reconquista Cristã. No decorrer dos séculos 14, 15 e 16 teve papel estratégico na prosperidade da região, com a realização de obras públicas. Em 29 de março de 1877 conseguiu seu título de cidade, ainda durante o reinado de Afonso XII. É a terra de escritores do quilate de Gustavo Adolfo Abcquer, autor do livro ‘Rimas e Lendas’, e de outros sábios de renome.

Culinária brasileira conquistou o médico

Da culinária regional, ele aprecia coxinha (aquelas que vendem nas lanchonetes e botecos) e peixes de água salgada. Das comidas juninas gosta de pamonha e canjica, mas esclarece que, na Espanha, não é comum a cultura do milho. “Esse cereal amarelo popularizou-se na Europa só depois que as viagens de Cabral, Colombo, Pizarro e Cortez abriram as rotas marítimas para a América, nos séculos 15 e 16”, disse, referindo-se aos navegadores.

No Litoral paraibano aprendeu a gostar de outras iguarias: ensopados de caranguejo e de marisco; e, em qualquer lugar deste país, cupim bovino, até porque sua terra natal, Utrera, ao sul da Espanha, na Andaluzia, a 35 quilômetros de Sevilha, tem fama histórica de ser o berço do touro valente. “Aprecio muito os rodízios de carne, porque, na Espanha, comia bastante o delicioso coxão de um porco do campo, cuja raça ainda não vi por aqui”.

O médico acha que a vida financeira no Brasil é mais

■ No Litoral paraibano, o espanhol passou a apreciar pratos tradicionais, como o ensopado de caranguejo

barata do que na Espanha. E o que é mais interessante: a Espanha, por ter passado 800 anos sob domínio dos mouros, exportou muita cultura árabe para o Brasil. “Basta citar que, da Espanha, na Europa, para o Marrocos, na África, via Gibraltar, existe uma nesga de mar de apenas 14 quilômetros de largura. Então, a cultura árabe interferiu profundamente nos usos, costumes e na economia luso-espanhola-brasileira, embora poucos percebam isso”.



Foto: Hilton Gouvêa

Casado há 17 anos, o espanhol vive entre a Paraíba e sua terra natal

Costumes

Diferenças culturais entre o Brasil e a Espanha são encaradas com curiosidade e não como empecilhos para Rafael Quintas

Félix Araújo (Replicado por incorreção)

Fatos que marcaram a trajetória do jornalista, poeta e político de Campina Grande

Sara Gomes
sragomesreporteruniao@gmail.com

No último dia 7 de agosto, o perfil do ex-vereador, jornalista e poeta Félix de Souza Araújo foi publicado na coluna semanal 'Quem foi?', do Jornal A União. Após a publicação da reportagem, houve questionamentos de alguns fatos, extraídos de um capítulo do livro "Histórias de Campina Grande: de aldeia a metrópole", de autoria de Vanderley de Brito e de Ida Steinmuller, publicado em 2022 pelo centro editorial do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG). Após o ocorrido, a reportagem de A União consultou mais três historiadores para esclarecer as dúvidas sobre a veracidade das informações divulgadas, abordando as versões sobre o atentado contra Félix Araújo.

No quarto parágrafo da matéria do 'Quem foi?', publicada no dia 7 de agosto, e que trata da disputa para a Prefeitura de Campina Grande no final da década de 1940, a reportagem tomou como base o parágrafo abaixo, retirado do livro citado, no entanto, não detalhou o fato histórico, pois o foco era exaltar a importância e peculiaridades de Félix Araújo para a história da cidade.

"A campanha Argemiro x Plínio foi mergulhada em exaltações políticas. Os principais responsáveis foram: de um lado, Petrónio Figueiredo, filho de Argemiro, e do outro Félix Araújo, braço direito de Elpidio de Almeida, ambos candidatos à Câmara dos Vereadores. Mas com a força de Félix - um carismático comandante de massas e grande estrategista -, o grupo pró-Argemiro foi sumariamente derrotado. Elegeu-se Plínio Lemos prefeito, já o próprio Félix foi o vereador mais bem votado da história de Campina Grande. Elpidio de Almeida e seu vice renunciaram dois meses antes de concluir o mandato, passando a prefeitura para o presidente da Câmara Pedro Sabino. Assim que assumiu, determinou um levantamento do quadro financeiro da prefeitura, constatando que a situação da tesouraria não era boa, vendo-se forçado a conter gastos. A primeira pasta a sofrer cortes foi a de Félix Araújo, a Assistência Social. No entanto, os menos favorecidos que viram suas pensões e ajudas eventuais cortadas, cobraram uma atitude de Félix".

Para o historiador José Octávio Arruda de Mello, que escreveu o livro "Nos Tempos de Félix Araújo", o ex-vereador é o grande responsável pela vitória de Elpidio de Almeida em 1947, contra o cunhado de Argemiro, Major Veneziano. "O ex-senador Amir Gaudêncio falava 'Não há Elpidio

sem Félix'. Ele foi uma grande figura da história de Campina Grande", ressaltou o historiador.

O professor adjunto da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Faustino Teatino Cavalcante Neto, em sua dissertação "O PCB paraibano no imaginário social: O caso Félix Araújo na fase da redemocratização (1945-1953)", escolheu o jornalista como objeto de estudo. Ele revela que os desentendimentos entre Plínio Lemos e Félix Araújo começaram após a posse de Plínio. "Uma vez empossado, o prefeito começou a negar alguns pedidos de Félix. O primeiro desentendimento, por exemplo, foi o corte da pasta de Assistência Social, como mencionou o historiador Vanderley de Brito", declarou.

No livro "Lutas de Vida e de Morte - Fatos e personagens da história de Campina Grande (1945-1953)", o historiador Josué Sylvestre também comenta a insatisfação de Félix ao ter seus pedidos ignorados: "Seus pedidos, sempre para os outros, nunca em proveito próprio eram ignorados. Um político com o elevado envolvimento popular de Félix, tinha reivindicações a fazer e compromissos a cumprir. Muitos desses compromissos foram assumidos por delegação do próprio candidato a prefeito", citado na página 330. Outro fato que teria provocado o rompimento, segundo o historiador Faustino Teatino, teriam sido irregularidades encontradas pelo vereador Félix Araújo na gestão de Plínio Lemos. "Como Félix tinha o apoio popular começou a denunciar estas irregularidades", explicou.

Na opinião de José Octávio, a morte de Félix Araújo provocou uma reorientação na política de Campina Grande. "Após a morte de Félix, Elpidio de Almeida se aproximou de Argemiro, tanto é que, nas eleições, Elpidio se torna prefeito novamente, apoiado por Argemiro. Já Plínio perdeu a credibilidade pois as pessoas o acusavam de ser responsável pela morte de Félix", analisou.

A historiadora Roberta Araújo, em seu trabalho de conclusão de curso "Morte e espetáculo político em Campina Grande: os usos da memória do vereador Félix Araújo (1947-1959)", defende a hipótese que Elpidio de Almeida se eleger usando simbolicamente o sangue de Félix Araújo. "Tanto Faustino quanto a mim fazemos levantamento do que foi a figura de Félix Araújo após a sua morte. Na Paraíba há praças, monumentos, ruas, escolas e a Câmara de Vereadores Casa de Félix Araújo que homenageiam o ex-vereador. Quem fez muito uso da memória dele foi Elpidio de Almeida, inclusive na campanha para prefeito. Isso eu abordo no terceiro capítulo do meu TCC", afirmou.



Ilustração: Tono

Versões sobre o atentado a Félix

Uma das versões foi relatada no livro "Histórias de Campina Grande: de aldeia a metrópole", publicada na reportagem 'Quem foi?', no dia 7 de agosto. Já o livro "Lutas de Vida e de Morte - Fatos e personagens da história de Campina Grande (1945-1953)", revela outra versão do atentado.

A obra menciona que Félix requereu à secretaria da Câmara Municipal os documentos relativos às contas do município, conduzindo-o sob protocolo. A Câmara, naquela época, funcionava no 1º andar do prédio 146 da rua Maciel Pinheiro, esquina da rua Simeão Leal. No dia 13 de julho de 1953, Félix dirigiu-se a pé da Câmara até um ponto de táxi, localizado na esquina da rua Maciel Pinheiro com a Floriano Peixoto.

Na sacada do primeiro andar da Prefeitura, prédio onde hoje funciona a Câmara de Vereadores, estava João Alves de Brito, conhecido como João Madeira, guarda-costas do prefeito, sendo funcionário da Prefeitura de Campina Grande. Ao ver Félix indo em direção à praça de carros, João Madeira atravessou a rua Maciel Pinheiro e dirigiu-se a Félix que, a essa altura, já se acomodava no banco dianteiro de um carro "Prefect", ao lado do motorista.

"O diálogo entre Félix e João Madeira foi rápido e duro, pois a intenção inicial do criminoso, possivelmente, era apenas de desmoralizar Félix Araújo, arrebatando os documentos que o vereador sobrava acondicionados em pastas de arquivo. É claro que Félix não concordava em entregar a documentação a João Madeira. Aliás, não poderia entregar aqueles documentos a ninguém. Pertenciam à contabilidade da Prefeitura e estavam sob sua guarda, mediante protocolo", informação proferida na página 342.

Quem atirou primeiro?

Ainda conforme relato publicado no livro, João Madeira teria conseguido tirar Félix do carro de praça e dominá-lo completamente, envolvendo-o com seus braços. Prevenindo possíveis agressões físicas, Félix Araújo portava um revólver Colt, emprestado



Foto: Arquivo pessoal

Na edição do dia 7 de agosto, a reportagem 'Quem foi?' trouxe erroneamente uma foto de Elpidio de Almeida com a legenda de Plínio Lemos (foto acima). Por este equívoco, pedimos desculpas

do amigo Fernando Arruda - líder estudantil e prócer político em Campina Grande.

"Seu corpo avantajado ante o corpo franzino do vereador, praticamente encosta o cano de seu revólver nas costas de Félix. Nesse momento, ouvem-se tiros abafados, naturalmente, pela posição em que se encontravam os litigantes", conforme páginas 342-343. Mas quem atirou primeiro? O historiador levanta duas hipóteses: a) Félix atirou primeiro; b) os tiros

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Na correria do dia a dia, pílulas de informação

Jornalista quando está sem tempo, mas inspirado, escreve ligeiro, ligeiro. Mas se o tempo é escasso e a inspiração não passa de uma sombra no passado, a alternativa é pescar uma informação aqui e outra ali, para não deixar o leitor à deriva. E o que trago para vocês hoje é mesmo um compilado de dados, pílulas de informação, mas que espero ser útil.

Educomunicação

Entre os dias 14 e 16 de novembro, vai acontecer o IX Encontro Brasileiro de Educomunicação: Práticas Sociais e Tecnológicas Pelos Direitos Humanos e da Terra. O evento é uma promoção conjunta da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), do curso de Comunicação Social com ênfase em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), com apoio do Instituto Palavra Aberta. As inscrições para as apresentações de trabalhos estão abertas, e 30 de setembro é o prazo final para envio dos resumos expandidos. As cerimônias

de abertura e de encerramento ocorrerão presencialmente, na UFCG, com transmissão on-line. O restante da programação será realizado na modalidade a distância. Acesse o site da ABPEducom (abpeducom.org.br) para obter mais detalhes.

Prêmio MOL

Até o dia 9 de dezembro, estão abertas as inscrições para o 1º Prêmio MOL de Jornalismo para a Solidariedade. Podem se inscrever jornalistas profissionais e estudantes de jornalismo, com reportagens em formato de texto, áudio, vídeo ou fotografia publicadas entre 1º de janeiro e 5 de dezembro de 2022. Serão reconhecidas reportagens sobre cultura de doação com prêmios que variam de R\$ 3 mil a R\$ 5 mil.

Jornalismo e educação

O 6º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação será realizado pela Jeduca (Associação de jornalistas de educação) entre os dias 12 e 13 de setembro em São Paulo. Nesta edição, o evento tem como tema "Eleições e a cobertura de educação nos próximos anos" e será realizado nos dias 12 e 13 de setembro (segun-

da e terça-feira), em São Paulo (SP). Após dois anos em formato exclusivamente on-line por causa da pandemia de Covid-19, o congresso volta a ser presencial, com uma programação que combina debates e oficinas. Para possibilitar uma participação mais abrangente e democrática, parte da programação será transmitida pela internet e com interação do público via chat. Informações mais detalhadas podem ser obtidas pelo endereço eletrônico contato@jeduca.org.br.

Chove na horta!

Por fim, compartilho com vocês duas dicas de livros que estão disponíveis de graça na web. As obras integram a Coleção Jornalismo Audiovisual e podem ser baixadas no site da Editora Insular. Confira: "Contra a desinformação, telejornalismo! Estratégias de divulgação de notícias audiovisuais de qualidade" (organizada por Ariane Pereira, Edna Mello, Cárilda Emerim e Iluska Coutinho) e "Qualificação

de informação telejornalística: propostas teórico-metodológicas de combate à desinformação" (Ariane Pereira, Edna Mello, Cárilda Emerim e Cristiane Finger).

Boa leitura e bom proveito!

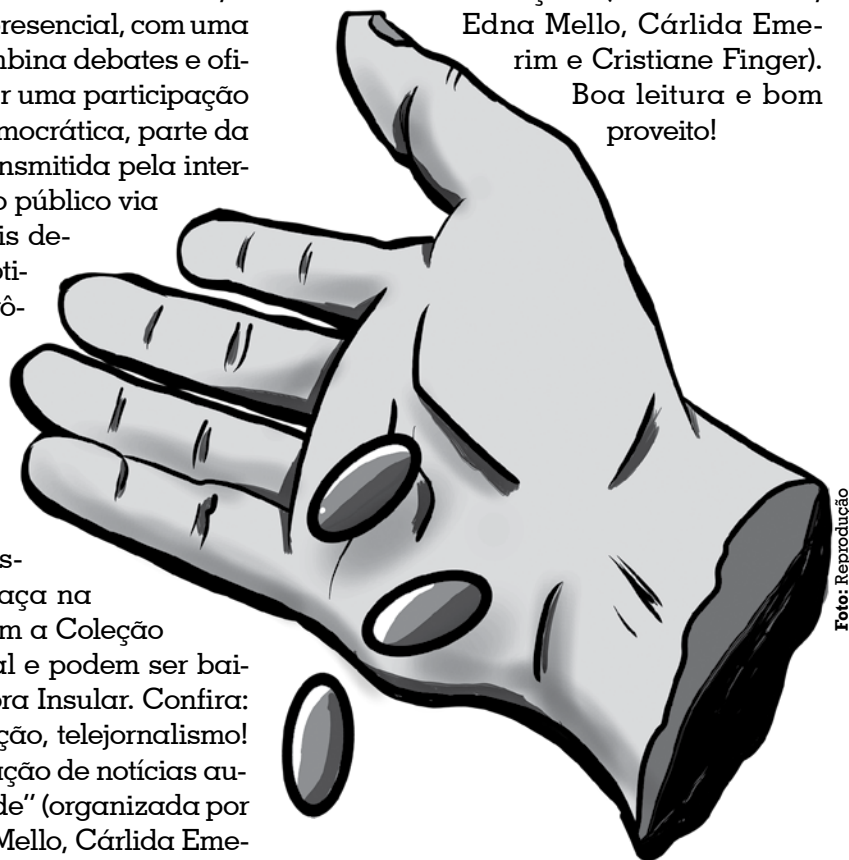


Foto: Reprodução

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares

francelino-soares@bol.com.br

A Bossa-Nova – Intérpretes, compositores/letristas e afins – Parte 9 – Aloysio de Oliveira – II (Conclusão)

A vida pessoal de Aloysio foi – podemos assim dizer – meio conturbada. Na mídia da época, comentou-se um certo affaire amoroso entre ele e Carmen Miranda, que teria engravidado dele e provocado um aborto, o que fez com que, amistosamente, se separassem sentimentalmente. Tempos depois, ele chegou a declarar que "Éramos muito jovens na época, mas depois fomos grandes amigos até o fim da vida dela". De qualquer forma, ele chegou a casar-se, pela lei norte-americana, pelo menos quatro vezes: a primeira, com Nora Cocreham, uma das secretárias da The Walt Disney Corporation, empresa com que ele tinha vínculo empregatício, de cujo enlace houve sua única filha, Luíse; a segunda esposa foi outra estadunidense Rosamonde Goulet; o terceiro, com Nikky Walker; o quarto, ocorrido em 1964, foi com Sylvia Telles; o quinto casamento foi com uma componente do conhecido Quarteto em Cy, a Cyra; ainda houve o último, com a brasileira Margot Brito, que du-

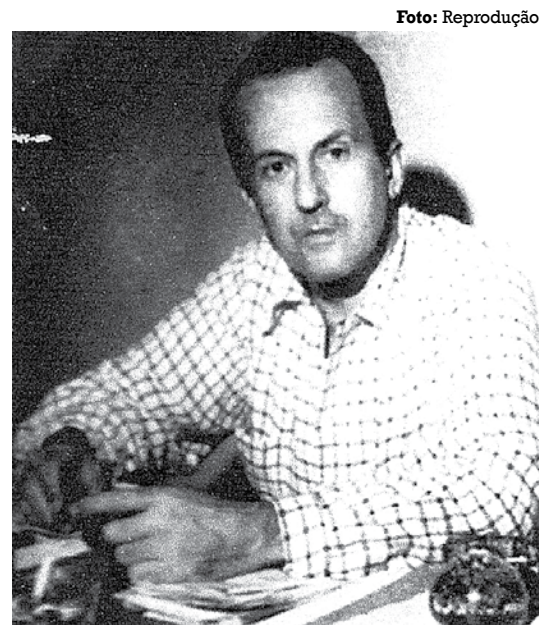


Foto: Reprodução

rou até a morte dele, em 1995, no Hospital Saint-Joseph Medical Center, em Los Angeles onde residiu até os seus últimos dias. O corpo dele foi cremado nos USA. Profissionalmente, a sua vida nos Esta-

dos Unidos, ao lado do trabalho desempenhado nos tempos em que o Bando da Lua acompanhava Carmen Miranda, está vinculada ao poderoso grupo The Walt Disney Corporation. Aloysio conheceu Walt Disney em 1941 quando, já integrado ao mundo do show business, foi convidado a integrar a equipe de produções cinematográficas encomendadas pelo governo norte-americano, que buscava incrementar um programa de boa vizinhança com os países latino-americanos. Ali exerceu várias atividades diretamente ligadas ao titular da empresa cinematográfica, o primeiro dos quais foi a filme Saludo Amigos (entre nós "Alô, amigos"), em que ele interpreta o megassucesso de Ary Barroso "Aquarela do Brasil" e fornece preciosas informações sobre a criação do personagem Zé Carioca. Foi para este filme que ele escreveu a letra para o conhecido chorinho "Tico-tico no Fubá" (Zequinha de Abreu), interpretada no filme. Logo em seguida, participou da produção do personagem Zé Carioca (no

Brasil, "Você já foi à Bahia?"), fazendo estralar Aurora Miranda, irmã de Carmen. Nos estúdios da Disney, trabalhou como gerente de produção, consultor, diretor musical e de dublagem, dublador, versionista, encarregado pelas trilhas sonoras do conglomerado, enfim, adaptador das obras da Disney para a cultura do mercado latino-americano. Como já citado, merece destaque especial a sua participação como consultor/criador do personagem Zé Carioca. Carreira longa, por quase sete décadas permaneceu ativo no universo musical e do show business, sendo, possivelmente, quem mais divulgou, no mercado norte-americano, a música popular brasileira, tendo trânsito livre desde o samba tradicional, enveredando pelas suas variantes, como a Bossa-Nova e outros movimentos menos "vitrinados". A importância de sua obra foi retratada na minissérie "História da Gravadora Elenco", uma produção nacional do Canal Brasil.



Fotos: Divulgação

Walter Ulysses

Walter Ulysses
| Colaborador

Culinária raiz

Raízes, frutas, castanhas, ervas, tubérculos (macaxeira e inhame), pimentas (redonda, comprida, verde, vermelha, pequenas e grandes), palmito, mel de abelha (as abelhas eram comidas assadas sobre pedras), sal (salinas naturais, areia impregnada de sal), em conjunto com alimentos provenientes da pesca e da caça, faziam parte da culinária indígena neste território. A paçoca feita com amendoim e o beiju, com massa de mandioca (originou a tapioca), são exemplos de sua influência. A fermentação do milho, da macaxeira, do caju, da mangaba, da jabuticaba, era utilizada pelas tribos no preparo de cauim, bebida alcoólica tradicional dos povos indígenas desde os tempos pré-colombianos.

Com a chegada dos portugueses no início do século 15, e a forçosa imigração africana de diversas partes do continente, outros costumes e ingredientes foram se somando aos habituais. A carne suína e as espécies de galinhas foram trazidas pelos colonizadores, assim como o dendezeiro (árvore de origem africana) que fornece os frutos para a produção do azeite de dendê.

É importante ressaltar que os africanos escravizados vinham de diferentes regiões da África, cada qual com sua cultura e hábitos alimentares, o que diversificava ainda mais a influência cultural sofrida na região.

Invasores como os holandeses, franceses, ingleses e espanhóis e posteriormente imigrantes japoneses, italianos e de outras partes do mundo também contribuíram para a riqueza de sabores, cores, texturas e aromas da culinária nordestina.

Interessante ressaltar a influência das grandes plantações de cana-de-açúcar na culinária regional, diretamente nos doces, na rapadura e na aguardente.

A região Nordeste engloba nove estados, que obviamente se diferem em seus costumes: Sergipe, Ceará, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Maranhão, Bahia e Piauí. As maiores diferenças estão entre as cidades litorâneas e a Caatinga, em função dos frutos do mar que se destacam no Litoral e os pratos mais calóricos e apimentados do interior, além de exportar muitos cozinheiros.

Os pratos mais famosos do Nordeste são acarajé, vatapá, sarapatel, moqueca de peixe, buchada de bode, baião de dois, tapioca, fritada de siri, caruru, cuscuz de milho, maria isabel, arrumadinho, queijo coalho (típico do Nordeste), carne-de-sol (antigamente era salgada e colocada para secar ao sol), paçoca de carne seca (farinha de mandioca, cebola e carne seca moída). A diversidade gastronômica do Nordeste faz toda diferença.

Foto: Divulgação



Quentinha

E foi um verdadeiro sucesso o evento 'ÀVida', da Cantalope, realizado pela empresária Marina Sá e toda sua equipe. Um sucesso como sempre e como todos os eventos gastronômico e culturais espalhado por toda a Paraíba. Agora, é só aguardar o próximo! O que será que está por vir?

PITADAS A GOSTO



Os doces típicos da culinária nordestina: mugunzá (canjica para as regiões Sudeste e Sul do país), pudim de tapioca com coco, torta búlgara (chocolate em pó, manteiga, açúcar e leite), sequilho com doce de leite, bolo de rolo recheado de doce de goiaba, pamonha doce, cocada, doce de banana com creme de leite, banana frita com canela, caju em calda, pé de moleque, cartola (banana, queijo coalho e canela), geleia de umbu, doce de canjiquinha (lelé), bolo souza leão (mandioca, leite de coco, manteiga e açúcar) e, lógico, a

rapadura.

Além dos pratos salgados: acarajé: uma herança da cultura africana no Brasil. Feito com feijão fradinho, pimenta, alho, sal, gengibre e recheio de camarão. O segredo está na fritura que deve ser com azeite de dendê, outra herança dos irmãos africanos.

Tapioca: os índios brasileiros a criaram a partir da fécula da mandioca. Criou-se uma massa que posteriormente foi aperfeiçoada pelos portugueses até se chegar à forma e gosto da tapioca que conhecemos.

Baião de dois: o nome do prato é inspirado na música 'Baião de Dois', de Humberto Teixeira e o mestre Luiz Gonzaga, mas sua criação se deve à seca que afugentava os cearenses. Com os ingredientes que haviam, feijão, arroz, carne seca e queijo coalho, formou-se um dos pratos mais famosos da região Nordeste.

Sarapatel: nascido no Alto Alentejo, em Portugal, o prato feito de vísceras de porco, bode ou carneiro e cozidas no sangue do próprio animal, recebeu no Nordeste um tempero ainda mais saboroso.

Vatapá: camarão, pão, fubá, farinha de rosca, castanha de caju, pimenta, leite de coco, amendoim e azeite de dendê formam um creme para ser servido com arroz ou usado para incrementar o acarajé.

Caruru: é um cozido de quiabo (origem africana)

com camarão, castanha, leite de coco, amendoim, azeite de dendê, cebola, tomate, pimentão e farinha de mandioca.

Maria Isabel: é um arroz típico do Piauí que leva carne seca, cebola, pimentão, cheiro verde, alho e pimenta-do-reino.

Moqueca de peixe com pirão: em panela de barro, cozinha-se o peixe com outros frutos do mar, leite de coco, azeite de dendê e diversos temperos, como coentro e pimenta. Já o pirão utiliza o caldo proveniente do cozido, misturado com farinha de mandioca.

Arrumadinho: feijão de corda (típico do Nordeste), farofa, manteiga de garrafa, vinagrete, carne de sol (ou charque desfiada) e pirão de leite.

Todos tendo tendências e origens de outras raças e etnias.

PRATO DO DIA Vatapá

Ingredientes

- 1 kg de camarão descascado e lavado, sem cabeça e rabo
- 2 cebolas médias
- 2 tomates
- 1 leite de coco
- 1 azeite de dendê
- Cheiro verde picado

- 10 pães dormidos
- 2 pimentas cheirosas
- Sal e pimenta (malagueta ou murupi) a gosto

Foto: Divulgação



Modo de preparo:

■ Refogue o camarão com três colheres de dendê junto com a cebola, o tomate, cheiro verde e pimenta cheirosa, reserve. Bata no liquidificador os pães dormidos com água (para dois pães, um copo de água). Despeje o pão batido em uma panela e leve ao fogo. Deixe ferver, mexendo sempre, ele começará a engrossar. Quando começar a ferver, acrescente o restante do dendê. Acrescente o camarão refogado. Adicione o sal e pimenta, mexendo sempre para não grudar no fundo da panela. Quando estiver quase pronto misture o leite de coco e retire do fogo. Sirva acompanhado de arroz branco e de uma salada.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

28 de agosto

DIA DOS BANCÁRIOS



A data é uma homenagem a um evento histórico ocorrido em 1951, quando a categoria paralisou suas atividades por 69 dias por discordar do reajuste salarial proposto.

Em 23 de julho de 1964, foi sancionada a Lei nº 4.368, que reconhecia o dia 28 de agosto como o Dia Nacional dos Bancários. Na Paraíba, a data passou a ser considerada feriado com a Lei nº 8.939, de 2009.

Nesta data o Sindicato dos Bancários da Paraíba homenageia todos os profissionais que atuam no ramo financeiro pelo espírito de unidade, de garra e luta na defesa dos interesses dessa categoria que é uma das mais organizadas e aguerridas do país.

Parabéns!



FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Carta aos bancários

Em nome da diretoria do Sindicato dos Bancários da Paraíba, venho parabenizar cada um de vocês neste domingo, 28 de agosto - Dia do Bancário. Temos orgulho de fazer parte desta categoria profissional que tem se desdobrado muitas vezes em precárias condições de trabalho para prestar relevantes serviços à sociedade, em todos os recantos deste país continental.

Temos consciência da enorme responsabilidade em conduzirmos a luta cotidiana, enfrentarmos os desafios e ao mesmo tempo administrarmos o patrimônio de uma categoria profissional constituída por homens e mulheres que dão o melhor de si em seus respectivos locais de trabalho, prestando serviços presencialmente ou em teletrabalho para gerar os fabulosos lucros que os bancos auferem a cada ano.

Os bancos, quanto mais lucram mais buscam formas de aumentar esses lucros, através do fechamento de agências físicas, migração dos serviços para os escritórios de negócio e plataformas digitais, dispensa de funcionários e contratação de terceirizados, além da ampliação do atendimento nos correspondentes bancários, relegando clientes e usuários dos serviços às longas filas, à irritação e até à agressão a quem lhes atendem nas agências.

A sobrecarga de serviços, a precarização das condições de trabalho, a pressão pelo atingimento de metas cada vez mais abusivas e a prática do assédio moral têm levado bancárias e bancários ao adoecimento. Tudo isso em nome do lucro pelo lucro de quem vai à mesa de negociação e afirma que a causa do adoecimento de bancárias e bancários não tem nada a ver com a atividade laboral.

Na Campanha Nacional Unificada em andamento, que chegou à fase negocial, os banqueiros protelaram desde o recebimento da minuta de reivindicações em apresentar uma proposta decente. Agora, que estamos às vésperas da nossa data-base, 1º de setembro, chegaram ao cúmulo de apresentar propostas de reajuste abaixo da inflação para os salários e para os vales alimentação e refeição e até ameaçaram de não concessão na Participação nos Lucros e/ou Resultados (PLR). E isso a poucos dias da divulgação dos altíssimos lucros do primeiro semestre do ano.

A pressão nos bancos privados é grande. Nos bancos públicos, além das constantes ameaças de privatização - inclusive com várias subsidiárias já entregues pelo (des)governo Bolsonaro ao mercado privado, por valores aviltados -, das metas absurdas e da sobrecarga de trabalho, a prática do assédio moral acontece em todos os níveis, inclusive aqui na nossa base, conforme denunciemos ao Ministério Público do Trabalho. E, como se não bastasse tudo isso, ainda estamos esperando o resultado da apuração do escândalo da prática do assédio sexual cometido pelo ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, e da elucidação da misteriosa morte de um ex-assessor do assediador, ocorrida no prédio do banco público.

E, mesmo com tantas coisas negativas, hoje é um dia de festa! Vamos celebrar o nosso dia e nos orgulhar de sermos uma categoria profissional politizada e que sempre esteve na vanguarda da luta da classe trabalhadora. Conquistamos a jornada de seis horas, temos os salários unificados, uma Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) de âmbito nacional e estamos unidos e mobilizados sob a liderança do Comando Nacional dos Bancários.

E olhar além da nossa pauta reivindicatória e entender que de nada adianta fecharmos um bom acordo coletivo se não elegermos um parlamento e um presidente da República sintonizados com os anseios da classe trabalhadora. Juntos, vamos resistir e reconstruirmos o Brasil que queremos, democrático e soberano.

Parabéns a todas e todos!

Lindonjhonson Almeida - Presidente

Os oitenta e sete anos do sindicato

A história política dos Bancários na Paraíba se confunde com a organização do seu sindicato e de seus movimentos sociais. A entidade nasceu com o nome de Sindicato dos Bancários da Paraíba, depois transformado em Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários da Paraíba - SEEB-PB. Em 2014, sentindo a necessidade de ampliar o leque de cobertura sindical a uma parcela de trabalhadores bancários que migraram para outras atividades do sistema financeiro, a entidade passou a denominar-se Sindicato dos Trabalhadores em Empresas do Ramo Financeiro no Estado da Paraíba (Sintrafi-PB), mas manteve o nome Sindicato dos Bancários da Paraíba e a marca Seeb-PB.

Ao decidir publicar um livro comemorativo do seu aniversário, a atual diretoria autorizou um trabalho de pesquisa que promovesse o resgate histórico de suas atividades. Novos dados documentais coletados revelaram que a sua criação se deu seis anos antes da data da emissão da Carta Sindical até então festejada. Ou seja, foi descoberto que o Sindicato não vai fazer 81 anos de existência em outubro, como se sabia até agora, mas irá completar 88 anos no dia 13 de abril de 2023. A data de 24 de outubro de 1941 registra a oficialização da Carta de Reconhecimento Sindical pelo Governo Federal, na oportunidade em que legalizava a organização do movimento sindical no Brasil.

O livro, em fase de elaboração, destacará todas as lutas e conquistas da categoria em nosso estado. Nele estarão registrados os principais fatos políticos e históricos que contaram com a participação e o protagonismo do sindicato, bem como as mobilizações que procuravam despertar uma consciência de classe que alimentava a luta em defesa dos interesses dos bancários. Ao longo do tempo passaram pela direção lideranças com posições políticas, ideologias e concepções sindicais diversas, com destaque para os dirigentes reformistas e revolucionários dos períodos pós-ditaduras.

Atravessou ao longo dessas mais de oito décadas, fases em que o ativismo político sindical era tutelado pelo Estado, com cerceamento da liberdade de atuar, épocas em que se afirmava muito mais como um sindicalismo assistencialista, do que o sindicalismo combativo e corajoso que, em anos recentes, vem contribuindo para a consolidação do regime democrático em nosso país.

Avanços significativos foram alcançados através de muita luta. Sua história passa, então, pelo enfrentamento dos anos difíceis das ditaduras Vargas e militar. Porém, esteve presente em acontecimentos importantes da vida nacional, com ênfase a partir de 1985, quando se engajou nos movimentos de abertura política do país, com a realização de greves nacionais e a promoção das Diretas Já.

O novo sindicalismo bancário, com a criação da Central Única dos Trabalhadores - CUT, na década de 80, foi abraçado pelos líderes da categoria, surgindo a oposição sindical, que assumiu a vanguarda das mobilizações, montando estratégias para tomar o comando diretivo do Sindicato, o que aconteceu em 1988 com a eleição de Luiz Nelson para a presidência. Deixou de predominar a visão assistencialista até então, para a adoção de políticas que o transformaram num sindicato combativo e classista, tendo como linha central a defesa incondicional dos direitos individuais e coletivos dos bancários, com a retomada da mobilização da categoria.

O sindicato, construído na história desses oitenta e seis anos, tem atuado no sentido de promover espaços em que os bancários possam, por meio de atividades recreativas e culturais, ampliar e intensificar as interações sociais, contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida. O BANCARTE é uma dessas atividades culturais que se afirmou como um elemento de promoção da consciência política da categoria, assim como para a descoberta de talentos na literatura, na música, no teatro e nas artes plásticas.

A comunicação sempre foi considerada parte fundamental na organização sindical. Idealizado ainda quando surgia a oposição sindical, o TROCANDO EM MIUDOS, vem até os dias atuais promovendo a aproximação entre os bancários e sua entidade representativa, já contando com mais de seiscentas edições, traduzindo as demandas coletivas realizadas pelo sindicato.

Vale destaque nesse resgate histórico a inserção da mulher bancária no movimento sindical, a partir da década de oitenta, em defesa de bandeiras pela instalação de creches, a não discriminação feminina nos bancos, nos salários e na carreira, e contra o assédio sexual e moral. Essa participação ativa fez com que duas de suas mais valorosas lideranças, assumissem a presidência da entidade: Zênia Chaves e Jandyra Pacheco.

O sindicato de resistência ganhou força nos movimentos em defesa do Banco do Estado da Paraíba, quando da sua liquidação e, posteriormente, da privatização do Paraiban e na tentativa de intervenção no ano de 1991, comandando as negociações que visavam minimizar os prejuízos dos trabalhadores do banco estadual e evitar que o intervencionismo se efetivasse na direção do sindicato.

O livro que está sendo produzido trará, em detalhes, todos esses acontecimentos que marcaram a trajetória de lutas do Sindicato dos Bancários da Paraíba, permitindo que, por ele, seja conhecida a sua história e as lideranças que contribuíram com a forma positiva dessa caminhada.

Rui Leitão



DIRETORIA ADMINISTRATIVA

LINDONJHONSON ALMEIDA DE ARAÚJO
Presidente

ROBSON LUÍS ANDRADE ARAÚJO
Secretaria de Assuntos Jurídicos

PAULO HENRIQUE ROCHA COSTA
Secretaria de Imprensa e Divulgação

PAULO CÉSAR SOARES DE FRANÇA
Secretaria de Finanças

EDSON BORGES SILVA
Secretaria de Administração e Patrimônio

SILVANA MARIA RAMALHO RODRIGUES
Secretaria-geral

PAULO ROMERO URQUISA DE SÁ
Secretaria de Aposentados

ADRIANA COELHO MALETTA
Secretaria para Questões da Mulher Bancária

MAGALI PONTES DA SILVA
Secretaria de Formação Sindical

FELIPE RANGEL PONTES LINS
Secretaria de Esporte e Lazer

PAULA CHAVES NÓBREGA
Secretaria de Estudos Sócio-Econômicos

WASHINGTON LUIZ ANDRADE DA SILVA
Secretaria de Políticas Sociais e Saúde do Trabalhador

CARLOS HUGO CARVALHO GUIMARÃES
Secretaria de Assuntos do Interior

RENATA RIBEIRO BEZERRA DA SILVEIRA
Secretaria de Cultura

PAULA EDIANE POMPEU DE BRITO
Secretaria de Relações Intersindicais

DIRETORIA ADMINISTRATIVA SUPLENTE

MARCOS HENRIQUES E SILVA

LUCIUS FABIANI DE VASCONCELOS SOUSA

MARCO ANTONIO MELO DE OLIVEIRA

CARLOS ANTÔNIO DE OLIVEIRA GUEDES

YAMAGUTT OLINTO DOS SANTOS

RODRIGO JOSÉ CORREIA ORTINS

CARLIL MARTINS CARLOS DOS SANTOS

ARMINDO INÁCIO DE ARAÚJO JÚNIOR

FRANCISCO DE ASSIS CHAVES COSTA

CONSELHO FISCAL

JOSÉ RONALDO BARBOSA

FLÁVIA MARCIA DE LIMA

GABRIEL GRANJA DA SILVA OLIVEIRA

Lutas e conquistas da categoria

Lucilene Meireles

Ao longo de sua história, o Sindicato dos Bancários da Paraíba travou uma série de lutas, mas coleciona também muitas vitórias em sua trajetória. Os avanços em prol da categoria começam em 1933, quando o sindicato sequer existia. Naquele ano, eles passaram a ter jornada de trabalho de 6h, um avanço anunciando outros que viriam a partir da criação da entidade e do envolvimento dos trabalhadores.

Àquela época, a jornada de trabalho tinha início às 9h e seguia, em tese, até as 18h. No entanto, era comum esse horário ser estendido até a madrugada sem que os bancos dessem qualquer direito a horas extras.

Após a primeira grande conquista, a jornada de 6h, bancários em todo o Brasil realizaram um movimento grevista por um salário mínimo profissional no período de 24 de janeiro a 12 de fevereiro de 1946. O pleito não foi atendido, mas eles conseguiram abonos anuais e aumento geral. Em 1951, após 69 dias de paralisação, foi criado o Dia do Bancário.

Em 1961, dentro de uma campanha que envolveu outras categorias em todo o país, os bancários e outros profissionais tiveram assegurado o direito ao 13º salário. No ano seguinte, mais um motivo de comemoração com a declaração do fim do trabalho aos sábados.

No dia 1º de setembro de 1982 foi unificada a data-base da categoria. De acordo com informações da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro da CUT (Contraf-CUT), isso representava o crescimento das lutas por melhores condições de trabalho, melhores salários, mas, principalmente, delineava a construção da unidade dos bancários, essencial na conquista de novos direitos.

PLR

Participação nos lucros e resultados é apontada como uma das principais conquistas, em 1995, após Convenção Coletiva de Trabalho



FOTOS: ARQUIVO SEEB



Greves e intensas mobilizações da categoria marcaram época no Sindicato dos Bancários



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

“O dia 28 de agosto é muito especial para nós, trabalhadoras e trabalhadores bancários. Nessa data, ocorreu a assembleia que deu início à histórica greve em 1951, que durou 69 dias. Ao final do movimento, a categoria conquistou 31% de reajuste salarial. Por isso, 28 de agosto é do Dia do Bancário, para comemorarmos nossas conquistas ao longo dos anos e nossa organização. É também um momento para renovarmos nossa força, pois somente com a luta conseguimos garantir e ampliar nossos direitos”.

Juvandia Moreira, presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo financeiro (Contraf-CUT).

Vitória

Uma das mais longas paralisações durou um mês, em 2004, quando os bancários conseguiram reajuste salarial acima da inflação

Primeira greve após década de 60 foi em 1985

Em 1985, com a redemocratização, ocorreu a primeira greve desde a década de 1960. O movimento durou dois dias, mas teve muita visibilidade, contando com forte apoio da população. Ocorreram grandes passeatas e foi criado o primeiro Comando Nacional. A luta se fortalecia.

Em 1991, ocorreu a unificação nacional dos pisos salariais e, em 1992 – há exatos 30 anos –, houve a assinatura da primeira Convenção Coletiva de Trabalho válida em todo o território nacional. Já em 2003, ocorreu a primeira campanha salarial unificada da categoria bancária com a inclusão dos bancários do Banco do Brasil e da Caixa.

Após uma greve de 30 dias, em 2004, a categoria conquistou aumento real acima da inflação. Em 2009, uma nova greve aconteceu e, entre as conquistas alcançadas, houve ampliação da licença-maternidade para seis meses, além de alteração no modelo de cálculo da PLR, aumentando os ganhos dos bancários.

Entre as principais vitórias dos bancários está a participação nos lucros e resultados (PLR), que demorou um pouco mais a acontecer. Somente em 1995 eles puderam comemorar essa conquista, resultado da Convenção Coletiva de Trabalho, e com um diferencial: foi a primeira categoria de trabalhadores a contar com o benefício no Brasil.

Mais adiante, em 2015, o combate ao assédio moral e às metas abusivas progrediu com a conquista de uma nova cláusula. Ela previa um termo de entendimento a ser assinado entre os seis maiores bancos e o movimento sindical bancário com mesas específicas para tratar de ajustes na gestão das instituições para reduzir as causas de adoecimento. Em 2010, foi criado um canal de combate ao assédio moral.

Em 2017, após a ampliação da licença-maternidade para 180 dias, veio uma conquista valiosa para os trabalhadores e suas famílias: a licença-paternidade de 20 dias. Na mesma ocasião, foi criado um grupo de trabalho para analisar critérios de realocação e requalificação na questão do emprego.

Em todos os movimentos em nível nacional, o sindicato local manteve vigorosa contribuição.

Os bancários tiveram, de fato, uma série de motivos para comemorar, e essas vitórias se deram a partir de mobilizações, paralisações e greves. A mais famosa entre tantas foi a chamada “Greve da Dignidade”, em 1961, que assegurou para a categoria o adicional por tempo de serviço (ATS).

ALGUMAS DAS PRINCIPAIS CONQUISTAS:

- Adicional por tempo de serviço (1961)
- Reajuste salarial acima da inflação (2004)
- Participação nos lucros e resultados - PLR (1995)
- Licença-paternidade de 20 dias

Mulheres atuantes no movimento sindical

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



A partir da década de 80, as bancárias se integraram no processo de organização sindical na Paraíba, cumprindo um papel mais atuante nas lutas da categoria, participando de reuniões, assembleias, greves e outros movimentos.

O engajamento da mu-

Jandira Pacheco atuou de forma combativa no movimento sindical, especialmente nos anos 80

lher no Sindicato dos Bancários da Paraíba se iniciou com o envolvimento nas atividades da oposição sindical, quando se destacaram lideranças como Zênia Chaves, Jandyra Pacheco, Isabel Cristina, Rosa Márcia, Aparecida Torres, Verônica Athayde, Ana Bandeira, dentre outras.

A presença feminina também se revela nos cargos de direção do sindicato, quando duas delas assumiram a presidência da entidade, Zênia Chaves e Jandyra Pacheco, viabilizando debates de pontos importantes para a vida das trabalhadoras no sistema financeiro do estado.

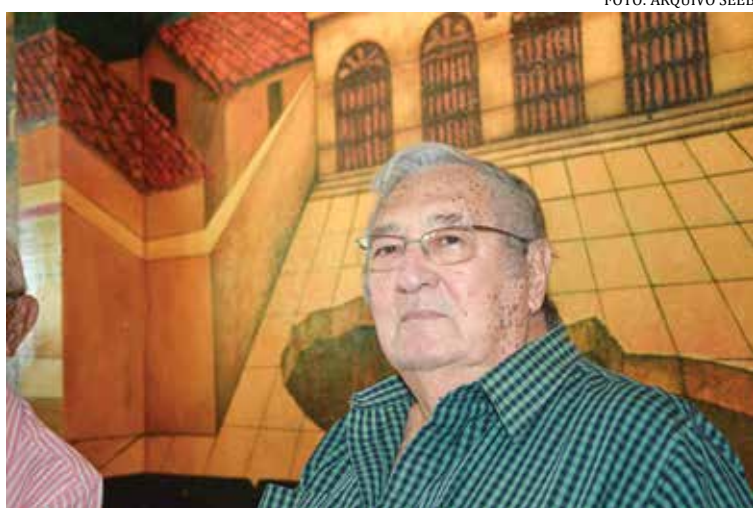
FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Zênia Chaves dirigiu o sindicato num dos períodos de grandes mobilizações da categoria dos bancários

PROTAGONISTAS DA HISTÓRIA

FOTO: ARQUIVO SEEB



DERLY PEREIRA - Ativista político com forte militância no movimento sindical bancário da Paraíba. Um dos importantes líderes da retomada do Sindicato dos Bancários para a luta em defesa dos interesses da classe trabalhadora, onde chegou a ocupar a sua presidência.

FOTO: ARQUIVO SEEB



LUCIUS FABIANI - Por três vezes assumiu a Presidência do Sindicato e foi, também, presidente da Federação dos Bancários do Nordeste. Liderou, na condição de principal dirigente da entidade sindical paraibana, os movimentos de resistência contra as privatizações dos bancos públicos, especialmente do Paraiban.

ATIVIDADES EXTRA-SINDICAIS

Cultura, lazer e esportes

Bancarte - O Sindicato dos Bancários da Paraíba criou o Bancarte - mostra de cultura e artes com o objetivo de revelar os talentos de bancárias e bancários na música, fotografia, artes plásticas, dança, teatro, bem como homenagear artistas paraibanos que se destacaram com suas obras. O VII Bancarte, que homenageou Ariano Suassuna, foi a última edição, suspensa por problemas de patrocínio. Mas é intenção da diretoria é retomar o projeto.

Apoio cultural - Por quatro anos e meio, cedeu o Espaço Cultural Marcos Lucena para a realização das gravações do Cantos & Contos e continua dando apoio cultural ao único programa de TV que ainda divulga nossa cultura de raiz no Nordeste. Por um curto período também sediou as gravações do programa Nordeste Sim Sinhô, da UFPB.

Atenção aos aposentados - O sindicato também apoia um segmento da categoria que deu o melhor de si participando das

atividades da entidade classista, que é formada por bancários/as aposentados/as, que ganharam eventos específicos: o Encontro de Bancários Aposentados no final do ano e o Forró do Aposentado no mês de junho. Em junho também realiza o forró dos bancários, extensivo a toda a categoria, batizado de Arraiá da Capitã, que este ano realizou sua XIII edição.

Hora do lazer - Para o lazer dos bancários e seus dependentes, o Sindicato coloca à disposi-

ção da categoria: a piscina, para a prática da natação e hidroginástica e as áreas verdes para piqueniques e recreações. As festas do sindicato acontecem no Espaço Cultural Marcos Lucena, na área coberta da Arena 28 de agosto e no ginásio de esportes.

Na folia - Durante o Folia de Rua, o Sindicato apoia o Bloco Os Borrachudos, criado por bancários para oferecer um local seguro e confortável para assistir o Desfile das Muriçocas do Miramar, maior bloco de arrasto do

mundo fora do carnaval.

Escolinhas esportivas - Nos esportes, o Seeb - PB mantém as escolinhas de Futsal, Vôlei e Futebol Soçaite, além do racha dos bancários, mas não se restringe só à capital. Além de conquistar alguns troféus de nível estadual, a escolinha de futsal já revelou jovens para equipes além do Nordeste. Desde 2016, interiorizou o Futebol Soçaite e tem realizado torneios envolvendo os bancários que atuam no Brejo e Cariri.



FOTOS: ARQUIVO SEEB

Novos projetos estão em andamento pela diretoria do sindicato: uma quadra de tênis e um parque infantil na sede do sindicato, na av. Beira Rio